



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA

A EDUCAÇÃO EM DIREÇÃO À BÁRBARA FELICIDADE:

Uma crítica aos livros de orientação de pais.

Rio de Janeiro

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA

A EDUCAÇÃO EM DIREÇÃO À BÁRBARA FELICIDADE:

Uma crítica aos livros de orientação de pais.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Contemporaneidade e Processos de Subjetivação.

ORIENTADOR

Professor Dr. JORGE COELHO SOARES

Rio de Janeiro

2008

MARIA DAS GRAÇAS GOUVÊA NECO DA SILVA

A EDUCAÇÃO EM DIREÇÃO À BÁRBARA FELICIDADE:

Uma crítica aos livros de orientação de pais.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Contemporaneidade e Processos de Subjetivação.

Aprovado em _____

Banca Examinadora: _____

Professor Dr. Jorge Coelho Soares (Orientador)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

Professora Dra. Heloisa Nogueira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Departamento De Ciências Administrativas e Contábeis

Professora Dra. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia

Rio de Janeiro

2008

**Dedico este trabalho à memória de minha mãe,
a quem agradeço por ter me ensinado a sonhar.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu orientador Professor Doutor Jorge Coelho Soares por sua incansável disponibilidade, reflexões, críticas e, especialmente, por sua paciência.

Agradeço aos professores do PPGPS-UERJ por suas excelentes aulas, com temas e reflexões que tanto me auxiliaram na construção deste trabalho, especialmente às professoras Ariane Patrícia Ewald e Deise Mancebo.

Agradeço à professora Ana Maria Feijoó, por suas críticas e ótimas sugestões, feitas por ocasião de meu Exame de Qualificação.

Agradeço aos colegas do PPGPS, companheiros de viagem, por nossas trocas de idéias, discussões críticas e estudos em grupo, que muito me acrescentaram.

Agradeço aos funcionários do PPGPS, pela atenção, gentileza e cuidado com as necessidades dos alunos.

Agradeço ao amigo e professor Rogério Forti pela revisão de texto.

Agradeço a Hugo, meu companheiro, por seu amor, carinho e estímulo constantes, por nossas trocas ricas e criativas, e por digitar, incansável, páginas de transcrições para meus anexos.

Agradeço a Gabriel por ter a oportunidade de ser sua mãe, por seu amor, por sua disponibilidade em digitar páginas de transcrições para meus anexos e por sempre me fazer pensar muito.

Agradeço a Thiago por ter a oportunidade de ser sua mãe, por seu amor, por sua maneira de me fazer “dar um tempo”, sorrir e ir em frente.

Agradeço aos amigos mais próximos pelo estímulo e pelo carinho.

Agradeço aos meus pais, pela oportunidade de estar “aqui-e-agora”.

E agradeço, especialmente, às crianças e aos pacientes que atravessaram e atravessam minha vida, fazendo-me duvidar das categorias estabelecidas pela razão instrumental e das formas sociais de nosso cotidiano.

O pensamento que calcula, não pode parar. Nunca chega à serenidade do sentido. O pensamento que calcula, não é um pensamento do sentido, um pensamento, que pensa o sentido de si mesmo ou de qualquer coisa. (...) É da angústia deste pensamento do sentido que estamos fugindo hoje e na fuga lhe sentimos a falta.

Emanuel Carneiro Leão

RESUMO

SILVA, Maria das Graças Gouvêa Neco da. *A educação em direção à bárbara felicidade: Uma crítica aos livros de orientação de pais*. 162 páginas. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de pesquisa: Contemporaneidade e Processos de Subjetivação. Rio de Janeiro, 2008.

A partir de um estudo do discurso presente nos livros de orientação de pais mais vendidos, editados no Brasil no período de 2001-2006, a autora da presente dissertação faz uma reflexão crítica relacionando as concepções de educação e barbárie, considerando a perspectiva da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Contextualiza-se este trabalho através de um mapeamento das práticas tradicionais de educação no âmbito da família e o levantamento de sinais, que possam servir de índices para se conceber uma possível educação hipermoderna. O caráter paradoxal de muitas das orientações feitas por estes livros é coerente com as noções da Teoria Crítica relativas à indústria cultural e aos paradoxos da cultura hipermoderna. A reflexão feita aponta para a necessidade de um posicionamento ético de pais e educadores no que diz respeito às sugestões feitas pelos livros de orientação estudados.

Palavras-chave: Educação. Barbárie. Hipermodernidade. Orientação de pais. Felicidade paradoxal. Cultura do hiperconsumo. Ética do reconhecimento. Indústria cultural.

ABSTRACT

SILVA, Maria das Graças Gouvêa Neco da. *The Education toward happiness barbaric: a review to books of parents supervision*. 162 pages. Master's Degree Dissertation: Postgraduation Program of the Social Psychology. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

Start from a study of the discourse observed in books dedicated to parents supervision, best-sellers, published in Brazil between 2001-2006, the author of this paper produced a critique reflection about the both related conceptions of education and barbarism, into the perspective of the Critic Theory (of the Frankfurt School) . The context of this paper it is based on the map out of the traditional educational practices of education into the families' scope and the survey of the signals, wich may be indicates one possible conception of a hypermodern educational . The paradoxal character of the most of the educational orientation writed by these book's authors, it is coherent by the conceptions of the Critic Theory, regarding to cultural industry and the paradoxes of the hypermodern culture. The reflection produced in this paper indicates the necessity of an ethic point of view of the parents and educators, in face of the suggestions done by the parents supervision books studied.

Keywords: Education. Barbarism. Hipermodernity. Parents supervision. Paradoxical happiness. Hiperconsumption culture. Recognition ethics. Cultural industry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	pg 10
1. CONTEXTUALIZANDO A HIPERMODERNIDADE	14
1.1 Moderno, Pós-Moderno e Hipermoderno	15
1.2 A Modernidade como história do tempo	17
1.3 Tempo-espaço hipermoderno e efeitos de subjetivação	21
1.4 A barbárie e o sujeito contemporâneo	27
1.5 A ética do reconhecimento	34
1.6 O deserto dos bárbaros	39
1.7 O sujeito à procura da felicidade	40
2. EDUCAÇÃO - DA TRADIÇÃO À HIPERMODERNIDADE	44
2.1 Mapeando práticas tradicionais brasileiras	44
2.2 “Flashes” contemporâneos de uma Educação Hipermoderna	48
2.3 A questão moral ou do fracasso da educação procedimental	52
3. UMA LEITURA CRÍTICA DOS LIVROS DE ORIENTAÇÃO DE PAIS	58
3.1 Configurações metodológicas	58
3.2 A indústria cultural e a venda de livros	62
3.3 Descrição geral dos dez livros mais vendidos	64
3.4 Comentários sobre as capas dos livros	84
3.5 O que se apresenta nestes livros?	86
3.6 A educação para a felicidade segundo os dez autores mais lidos	89
4. UTOPIA E EDUCAÇÃO	98
4.1 Educação - entre a utopia e a ideologia	98
4.2 Uma crise de sentido	101
4.3 O que podemos pensar a partir destas observações?	102
4.4 Educação e Felicidade: há uma nova utopia?	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXO A - Extratos de textos - Categorias: Educação e Felicidade	116
ANEXO B - Relação título-autor-editora: os 83 títulos mais vendidos	151
ANEXO C - Programas SOS Babás e Super Nanny	157

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se constitui numa síntese de meu percurso de vinte anos de atuação na profissão de psicóloga. Meu ponto de partida corresponde à minha experiência direta e indireta no trabalho com crianças, adolescentes e suas famílias.

Inicialmente trabalhando como professora de educação infantil e posteriormente como psicóloga, tive a oportunidade de desenvolver atividades que me permitiram conhecer o contexto de diferentes famílias e a forma como pais e mães tratavam seus filhos, e deparei com muitas questões sem resposta, que foram gestando este projeto de pesquisa.

De 1997 a 2005 mantive um projeto de prevenção à violência doméstica contra crianças numa creche filantrópica, no município de Nilópolis, Rio de Janeiro. E neste contexto participei de um projeto nacional de levantamento da violência doméstica intrafamiliar, organizado pelo Laboratório da Criança da USP. Paralelamente, neste período, tornou-se mais aguda minha percepção dos flagrantes paradoxos da educação contemporânea.

Dentre estes paradoxos posso destacar, como exemplos: a repressão à violência contra crianças que vem alcançando a mídia, que ocorre simultaneamente à entrada em cena de uma nova legislação de proteção à infância, com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (MINISTÉRIO DO BEM-ESTAR SOCIAL, 1993); mas, simultaneamente, à ação pouco efetiva de Conselhos Tutelares, à naturalização de abusos e violências diversas contra crianças, à medicalização crescente e o uso cada vez mais freqüente do diagnóstico clínico, para categorizar crianças com baixo rendimento escolar ou comportamento não-desejado. Estes, dentre outros fenômenos, parecem configurar uma infância caracteristicamente contemporânea.

O sentido paradoxal destes fenômenos apresenta-se nítido para mim, numa observação preliminar, quando percebo como os pais de hoje oscilam entre atitudes muito díspares: por um lado, o uso freqüente da palmada ou outras formas também freqüentes de castigos físicos, exibindo uma impossibilidade de pensarem em educar sem violência, e, por outro lado, a impossibilidade de oferecer quaisquer limites,

muitas vezes mantendo-se, ou permanentemente ansiosos por orientações psicológicas e pedagógicas, ou, ainda, negligentes e alheios a tudo que diz respeito à formação de seus filhos, criando uma relação de total anomia.

Partindo inicialmente do interesse pela prevenção à violência intrafamiliar contra crianças, meu olhar se ampliou no sentido de pretender alcançar uma compreensão melhor das questões inerentes à Educação na contemporaneidade, levando-me a considerar de que forma está se constituindo hoje a educação de crianças e jovens.

Assim sendo, esta dissertação desenvolve um estudo que possibilita aprofundar uma compreensão crítica acerca das idéias que atravessam a “Educação” no seio da família no contexto da Contemporaneidade. E para tanto se objetiva da seguinte forma:

Objetivo Geral:

- Correlacionar as noções de Educação e Barbárie, no contexto da Hipermodernidade.

Objetivos Específicos:

- Contextualizar as concepções sobre a Educação no âmbito da família brasileira através da revisão bibliográfica de pesquisadores deste tema.
- Caracterizar o discurso presente nos livros de orientação de pais mais vendidos no Brasil, como índices de uma possível Educação Hipermoderna, correlacionando, a partir de extratos destes discursos, as categorias Educação e Felicidade.
- Refletir criticamente sobre o conteúdo destes livros de orientação, a fim de discutir a correlação entre Educação e Barbárie no contexto contemporâneo.

No capítulo 1, “*Contextualizando a Hipermodernidade*”, procuro caracterizar o período atual definindo-o como Hipermodernidade, nos termos definidos por Gilles Lipovetsky (2004; 2007). Dentro deste contexto, detenho-me em alguns efeitos de subjetivação que, na minha percepção, são importantes para a compreensão das práticas educacionais contemporâneas, tais como: a compressão espaço-temporal

(BAUMAN, 2001; 2004; HARVEY, 2007); a questão do sentido do vivido e o vazio existencial (BAUMAN, 2001); a barbárie e o uso da razão instrumental (MATTÉI, 2002) e a procura da felicidade (DARNTON, 1996). Apresento as propostas de Axel Honneth (2003) inseridas no contexto da Teoria Crítica, noções fundamentais para discussão do sentido da relação entre pais e filhos, que carregam uma concepção particular sobre a eticidade.

No capítulo 2, *“Educação – da Tradição à Hipermodernidade”*, caracterizo alguns aspectos das práticas tradicionais de educação brasileira realizando uma revisão bibliográfica (DEL PRIORE, 2002; AZEVEDO E GUERRA, 2001; FREIRE COSTA, 1989) e desenvolvo considerações acerca do que me parece começar a se distinguir como uma Educação Hipermoderna, pesquisando a partir de recortes e flashes do cotidiano obtidos em jornais, revistas e programas de televisão contemporâneos.

Neste capítulo procuro ainda levantar considerações acerca do que estas mudanças na educação possam dizer respeito às mudanças na concepção de infância e família e aos novos padrões de reconhecimento intersubjetivo ou de intersubjetividade (HONNETH, A., 2003; BAUMAN, Z., 2004).

No capítulo 3, *“Uma leitura crítica dos livros de orientação de pais”*, faço uma síntese das questões metodológicas envolvidas na pesquisa e da fundamentação utilizada para a análise do material levantado (BAUER E GASKELL, 2005; ORLANDI, 2005; BRANDÃO, 1993; MAINGUENEAU, 2005; GUIMARÃES, 2000; ADORNO E HORKHEIMER, 1985). Em seguida, descrevo os livros objeto deste estudo, apresentando-os na forma e no conteúdo, a fim de levantar elementos necessários que permitam caracterizar o discurso, ou discursos, que mais vendem livros de orientação de pais.

Assim, este capítulo apresenta dez livros escolhidos entre aqueles com o maior número de vendas nos últimos cinco anos (2001 – 2006), compreendidos dentro das categorias: pais e filhos; educação de crianças; orientação de pais. Utilizo o critério do número de reedições e tiragem por edição para pontuar aqueles mais vendidos.

Além do conteúdo temático, outros dados foram observados nos livros selecionados: o *ranking* de venda dos livros, os autores mais vendidos e sua respectiva formação e os títulos dos livros. Observaram-se ainda as características

midiáticas envolvidas no contexto da indústria cultural, destacando-se um estudo das informações contidas na capa e contracapa dos livros.

No capítulo 4, *“Utopia e Educação”*, faço considerações acerca dos resultados finais obtidos na pesquisa, procurando responder à questão central inicialmente proposta. Considero o binômio utopia-ideologia para refletir sobre o papel que o discurso dos autores pesquisados pode ter sobre a educação contemporânea. Considero a possibilidade de uma crise sobre o sentido da educação também ser nutrida pela indústria cultural dos (desorientadores) livros de orientação de pais.

Nas Considerações Finais procuro fornecer uma visualização das opções de orientação em três categorias: orientações civilizantes, orientações humanizantes e orientações de “performance”. Estas categorias foram relacionadas à noção de utopia, pressupondo que cada uma indique um ideal utópico proposto como finalidade para a educação. A partir disto foram feitas considerações sobre as possíveis conseqüências de cada modalidade de orientação.

Capítulo 1

CONTEXTUALIZANDO A CONTEMPORANEIDADE

Diversos autores têm procurado descrever o contexto de nossa realidade atual, destacando este ou aquele aspecto do conjunto de fenômenos que caracterizam a Contemporaneidade.

Alguns destes autores serão utilizados como base para este capítulo: o filósofo Gilles Lipovetsky (2004; 2007), caracterizando a passagem da Modernidade à Pós-Modernidade e Hipermodernidade, a partir do desenvolvimento das noções sobre Hipermodernidade; o sociólogo Zygmunt Bauman (2001; 2004), com as noções apresentadas sobre a Modernidade Líquida; e as considerações propostas por David Harvey (1996) sobre a compressão de espaço e tempo como característica da Modernidade.

Em seguida serão considerados alguns dos efeitos de subjetivação contemporâneos, partindo das noções propostas anteriormente, em discussão com outros autores, considerando: a barbárie reflexiva proposta por Jean-François Mattéi (2002), a necessidade de experiências de reconhecimento intersubjetivo apresentada por Axel Honneth (2003) e a questão da felicidade conforme apresentada por Robert Darnton (1996) e por Gilles Lipovetsky (2007).

Estes autores foram selecionados a fim de destacar os pontos necessários para o estudo que esta dissertação se propõe a desenvolver, servindo para caracterizar o contexto de nossa época, suas possíveis conseqüências para as relações humanas, e levantar elementos pertinentes à discussão sobre uma Educação Hipermoderna.

1.1 Moderno, Pós-Moderno e Hipermoderno

Segundo Gilles Lipovetsky (2004, 2007) a civilização ocidental atravessou a Modernidade e a Pós-modernidade e se encontra agora em um novo momento. Seu estudo relaciona as mudanças sociais às distintas fases do Capitalismo. Denominada por ele de fase I do capitalismo, a Modernidade caracteriza o período que vai de 1880 à Segunda Guerra Mundial, em que se destaca a Revolução Industrial; enquanto a fase II estabelece a Globalização e caracteriza a Pós-Modernidade; e o Hiperconsumo é o fenômeno característico da Hipermodernidade, a fase III do capitalismo.

Assim a Modernidade se definiu pelo aumento da industrialização e do consumo, mas ainda dentro de um modelo aristocrático, onde os bens ainda eram para poucos. A Pós-modernidade trouxe a explosão da produção e do consumo de massa, e a Hipermodernidade se caracteriza agora pelo hiperconsumo, o consumo crescente e exacerbado, do qual tudo se torna objeto, inclusive a própria cultura.

A passagem da Pós-modernidade para Hipermodernidade, segundo Lipovetsky (2004), caracteriza-se também pela crescente intervenção da mídia na formação dos sujeitos, de tal forma que a moral passa a ser ditada pela moda. Mas Lipovetsky chama atenção para a compreensão de que o papel normatizador da mídia não é ilimitado.

Ao introduzir o pensamento de Lipovetsky (2004), na obra *“Os Tempos Hipermodernos”*, o filósofo Sébastien Charles reflete sobre os paradoxos deste quarto poder:

[...] esse descontentamento com o mundo do consumo possibilitou uma conquista de autonomia pessoal, multiplicando as oportunidades de escolha individual e as fontes de informação no referente aos produtos. Longe de redundar no homem unidimensional caro à Marcuse, a lógica do consumo-moda favoreceu o surgimento de um indivíduo mais senhor e dono da própria vida, sujeito fundamentalmente instável, sem vínculos profundos, de gostos e personalidade oscilantes. E é porque tem esse perfil que ele precisa de uma moral espetacular, a única capaz de comovê-lo e fazê-lo agir. (CHARLES, 2004, p.41)

Sébastien Charles se refere, também nesta introdução, à caracterização da Hipermodernidade pelo hipernarcisismo, um fenômeno que emerge a partir da ideologia individualista e hedonista da Pós-modernidade, mas que carrega uma forte dose de ansiedade, na qual *“o receio se impõe ao gozo, e a angústia, à libertação”*.(CHARLES, 2004, p. 28)

Assim o narcisismo, que antes levava a busca de prazer e promoveu a contestação e a desrepressão dos costumes, hoje, com o peso do neoliberalismo, da globalização, e da revolução da informática, está preso numa teia de novas formas de tensão. O narcisismo da Hipermodernidade leva a uma preocupação exagerada com a saúde e ao medo do futuro, como reflexos do medo do envelhecimento, do adoecimento e da incapacidade produtiva.

Um aspecto importante destacado por Lipovetsky (2007) refere-se às noções de sociedade do hiperconsumo e a concepção de uma “felicidade paradoxal”, o que será exposto neste trabalho mais adiante.

Para este autor, uma outra importante característica da Hipermodernidade diz respeito à própria realidade de espaço e tempo, que se percebe como que “comprimida”: o homem vive um presente que parece eterno, mas é muito volátil, onde tudo passa depressa demais e vai se criando a sensação de que já não se vive, ou que a vida não faz mais sentido.

É necessário obter uma visão das implicações do que é considerado por diversos autores como a compressão espaço-temporal, que está em curso na Contemporaneidade para se compreender o sujeito da Hipermodernidade.

Reconhecer o ônus e o bônus destes tempos hipermodernos é poder olhar para as aparentes contradições de nossa realidade sem julgá-las “a priori”. E talvez isto permita que alguns fenômenos possam ser reconhecidos como linhas de fuga, que os sujeitos individuais encontram, para se emancipar da massificação, da normatização.

1.2 A Modernidade como história do tempo

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001; 2004) se refere à Modernidade como a “história do tempo” e David Harvey (2007) dedica uma parte da obra “Condição Pós-Moderna” a uma retrospectiva do desenvolvimento da medição do tempo e do espaço, apresentando a noção de que uma crescente compressão destes caracterizam a passagem da Modernidade até os tempos atuais.

Na obra “*Condição Pós-Moderna*”, David Harvey apresenta as concepções de tempo-espaço implicadas no projeto do Iluminismo e seus desdobramentos até a Contemporaneidade. Ele observa como os processos caracterizados por tais concepções modificaram as qualidades objetivas do espaço e do tempo, alterando a percepção e a representação do mundo para o homem, criando uma percepção contemporânea de “compressão do tempo-espaço”.

Tomando como exemplo a evolução das representações cartográficas na passagem dos séculos XV ao XVII, Harvey (2007) apresenta a cartografia medieval do século XV, que acentuava as qualidades sensuais, em comparação com a cartografia do século XVII, que apresenta o espaço a partir do perspectivismo, este um olhar já fundamentado nos princípios cartesianos de racionalidade, onde a objetividade se impõe às qualidades sensuais do espaço, pois o espaço deve ser medido e ordenado.

Esta objetividade na representação do espaço se tornará uma característica cada vez mais valorizada para o uso das grandes navegações e terá também grande destaque na afirmação do território, uma vez que mapas precisos serão cada vez mais necessários como instrumentos de apoio ao poder estatal centralizado.

Harvey considera que esta mudança no modo de representação do espaço aponta para uma mudança nas relações sociais, na mesma medida em que as experiências espaciais e temporais são “*veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais*” (HARVEY, 2007, p.225).

Em relação à experiência do tempo, Harvey considera que as mudanças nas condições de transporte foram fundamentais para que se experimentasse gradativamente uma noção de aceleração e compressão temporal: de 1500 a 1840,

a velocidade média de carruagens e barcos a vela era de 16 km/h; de 1850 a 1930, a velocidade das locomotivas a vapor era de 100km/h, enquanto dos barcos a vapor, 57 km/h; a partir de 1950 surgem os aviões à propulsão, que atingem de 480-640 km/h; e a partir dos anos 1960, os jatos de passageiros, alcançam de 800-1100 km/h.

Com a evolução tecnológica surge outra característica associada à crescente experiência de velocidade de transporte, que é a possibilidade da medida de tempo. Com isto Harvey, destaca o uso do cronômetro (criado por Pierre Le Roy, em 1761), como um elemento que auxiliou na construção de um tempo “preciso”, “científico”.

É somente no século XVII que o homem se torna capaz de contar os minutos, e daí em diante cada vez mais se instrumentaliza para contar frações cada vez menores e precisas de tempo, numa trajetória que hoje nos torna capazes de medir nanosegundos. Sabemos que: 1 segundo = 1.000.000.000 nanosegundos !!

Para Harvey (2007) esta possibilidade de dividir o tempo de forma mecânica fixada “*pela oscilação do pêndulo*” fornece a base da concepção linear de tempo. E este conceito de tempo “*universal e homogêneo*” carrega consigo um sentido potencial de controle do futuro, servindo aos objetivos do capitalismo nascente, às “*concepções da taxa de lucro, da taxa de juro, do salário-hora, e de outras magnitudes fundamentais para o processo decisório capitalista* (op. cit. p. 229)”.

Assim sendo, a evolução da representação cartográfica e da confecção de relógios pode ser observada como indício desta concepção de espaço e tempo que ganha precisão, detalhamento, cientificismo, constituindo cada vez mais uma forma analítica de perceber o mundo.

Deste modo estas concepções serviram para confinar o espaço-tempo vivido em configurações racionalizadas, favorecendo o sentido de vigilância, previsão, controle, e trazendo também a noção de progresso, tão cara aos iluministas.

Ainda segundo este autor, é exatamente esta noção de progresso que começa a ser abalada com a primeira crise econômica do capitalismo na Inglaterra de meados do século XIX, crise esta que vai gerar como consequência uma crise de representação, e que começa a colocar em questão os ideais progressistas do Iluminismo.

Esta primeira crise do capitalismo explicita a tensão entre o dinheiro de crédito e o dinheiro em espécie e, segundo Harvey (2007), promove a noção de que a formação de um capital fictício é necessária ao mundo capitalista, dando origem à concepção de mercados de ações e de capital. Esta noção cria um dinheiro que não está associado à relação direta com o trabalho, mas com o tempo, e implica numa mudança no sentido do tempo e assim: *“time is money”*.

No curso deste processo se dá uma expansão do comércio e do investimento capitalista para além das fronteiras nacionais, iniciando um globalismo de viés imperialista, e que estimula a rivalidade interimperialista, numa trajetória que culminará com a primeira guerra global de 1914-1918, e se manifestará como uma característica hegemônica nas guerras do século XX.

Ainda segundo Harvey (2007), no rumo da expansão imperialista ocorre um processo de desterritorialização, através do qual os espaços são *“privados de suas significações precedentes e reterritorializados segundo a conveniência da administração colonial e imperial”* (op.cit. p.240).

Outro processo importante que se dá neste contexto é o fordismo. Este conceito se refere a uma nova concepção sobre a organização do trabalho, que passa a ser otimizado segundo a idéia da linha de montagem. Este procedimento utiliza uma determinada forma de organização espacial a fim de acelerar o tempo da produção.

E assim, do mesmo modo como a representação cartográfica e o relógio foram os testemunhos dos pressupostos iluministas na passagem entre os séculos XV e XVII, Harvey (2007) apresenta as mudanças na expressão da arte como testemunhos da entrada na Modernidade.

Segundo ele, desde a decomposição do espaço nas obras de Manet, aos poemas de Baudelaire e os romances de Flaubert, se apresenta uma experiência de fragmentação, heterogeneidade e simultaneidade, *“num mundo em que tanto o tempo como o espaço estão sendo absorvidos sob as forças homogeneizantes do dinheiro e da troca de mercadorias”* (ibid., p. 239).

Na cultura, o movimento cubista (1907-1914) é um forte exemplo desta fragmentação da experiência vivida, que a arte procura retratar. Pablo Picasso e

Georges Braque abandonam “o espaço homogêneo e a perspectiva linear” (Harvey, 2007, p.245) para apresentar em um mesmo plano vários aspectos do objeto, como se este pudesse ser visto de diferentes pontos de vista.

Com este enfoque, Ortega y Gasset insistiam que “*havia tantos espaços na realidade quanto perspectivas sobre ela*” e que “*há tantas realidades quanto pontos de vista*” (apud HARVEY, *ibid.*, p. 245). E Harvey conclui que o Modernismo, ao mesmo tempo em que instaura a universalidade, depõe as barreiras espaciais e privilegia a espacialização do tempo, o que se dá através da ordenação e do controle promovidos pelas relações tempo-dinheiro e tempo-trabalho no modo de produção capitalista.

Ele apresenta então a compressão tempo-espaço pós-moderna como uma seqüência das condições criadas pelo modernismo, uma vez que a transição do fordismo para o modelo de acumulação flexível intensifica a tensão criada entre o sentido do tempo e a experiência do espaço, de tal modo a produzir “*um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas*”, (*ibid.* p.257) sociais e a cultura em geral.

Este autor toma o cinema como arte por excelência da Pós-modernidade, pois através do uso serial da imagem e a possibilidade de fazer cortes no tempo e no espaço, se torna ideal para apresentar as características das novas condições de compressão de tempo e espaço.

Harvey exemplifica estas condições citando o filme do diretor Ridley Scott, Blade Runner (1982), “O Caçador de Andróides”: uma ficção-científica cuja história se passa no ano de 2019. A história de Blade Runner é inspirada em um livro de Philip K. Dick, onde um ex-policial é obrigado a descobrir e eliminar “*replicantes*”, seres andróides, que retornam à Terra para cobrar vida mais longa ao seu criador. O destaque do filme vai para a curta vida dos “*replicantes*”, utilizados como escravos na colonização e exploração de outros planetas. Uma paradoxal experiência entre seres que são, por um lado, simulacros de homens, criados para se constituírem numa força de trabalho de curto prazo, por outro lado, seres com uma urgência de viver, e ao mesmo tempo de encontrar um sentido para o vivido, fazendo uso de fotografias para saberem quem são. Trinta anos depois esta ficção parece muito contemporânea.

1.3 Tempo-Espaço Hipermoderno e Efeitos de Subjetivação

Serão relacionados a seguir, alguns elementos coerentes com este “*impacto desorientado e disruptivo*”, descrito por Harvey (2007), partindo do que Zygmunt Bauman, em sua obra “*Modernidade Líquida*” (2001), discute sobre o modelo de acumulação flexível.

Bauman (2001) analisa as mudanças que contrapõe o modelo fordista, ou capitalismo “pesado”, ao modelo de acumulação flexível, ou capitalismo “leve”. Este capitalismo “leve” surge, segundo Bauman, a partir da década de 1970, configurando uma transformação organizacional do capitalismo, uma espécie de desburocratização, através da qual as empresas procuram se proteger das mudanças econômicas que se aceleram cada vez mais.

Uma vez que os mercados se tornam cada vez mais diversificados, e as transformações tecnológicas se aceleram, fazendo com que os equipamentos de produção se tornem rapidamente obsoletos, foi necessário que o sistema produtivo se tornasse mais flexível. Para isto surge um modo original e novo de gerenciamento do processo de trabalho, através do qual trabalhadores tornam-se especialistas multifuncionais.

Outra característica importante deste modelo se refere às novas tecnologias da informação, utilizadas para gerenciar o trabalho, que tornam desnecessária e obsoleta a existência de vários postos de trabalho, dispensando muitos trabalhadores.

Neste contexto é que Bauman (2001) vai discutir as conseqüências subjetivas das mudanças contemporâneas nas noções de tempo-espaço. A primeira característica que ele apresenta é a busca por segurança e um sentido utópico de “comunidade”.

Esta noção contemporânea de comunidade traz embutidas as idéias de vigilância, controle e proteção, uma vez que aqueles que não fazem parte dela são

impedidos de entrar, garantindo a proteção dos que fazem parte. Um claro exemplo disto são os novos espaços para morar, como os condomínios fechados, e os novos espaços para fazer compras, como os grandes *shoppings*.

Com estas observações sobre o espaço, Bauman (2001) revela as conseqüências dos “medos urbanos”, que, segundo ele, entraram em alta a partir dos anos 1960-1970, levando ao crescimento da indústria de segurança privada e dos espaços “seguros”.

A segunda característica apontada por Bauman (2001) se refere ao conceito de “*civilidade*”, termo cunhado por Richard Sennet (apud BAUMAN, 2001) para caracterizar a habilidade que se faz necessária ao convívio nos espaços públicos nas grandes cidades modernas, “*quando estranhos se encontram*” (BAUMAN, 2001, p. 111).

Mas Bauman (2001) chama atenção para o fato de que, na Contemporaneidade, os espaços públicos não favorecem aquilo que Sennet caracterizou como civilidade. Ele apresenta então dois tipos de espaço público contemporâneo: praças em que “*não há bancos para descansar, nem árvores sob cuja sombra esconder-se do sol escaldante*” (BAUMAN, 2001 p.113) e que se mantêm vazias, apenas cortadas pelos transeuntes ocasionais; e os espaços que visam servir ao consumo, como *shopping centers*, salas de cinema, cafés, etc., que têm em comum o fato de estimularem a ação mais do que a interação.

Bauman (2001) apresenta então a idéia de que o capitalismo “leve” da Contemporaneidade promove uma estimulação ao consumo, utilizando, entre outros recursos, a experiência do espaço. Esta experiência se caracterizaria por favorecer por um lado o individualismo e a separação, esvaziando a possibilidade intersubjetiva, e por outro lado estimularia o consumo, ao exhibir incansavelmente uma oferta de produtos, além de estimular a descartabilidade de objetos e lugares.

Ainda se referindo ao espaço e às duas categorias de espaços “*públicos-mas-não-civis*”, Bauman utiliza-se de um conceito antropológico de Lévi-Strauss e procura relacionar estas categorias com suas conseqüências para os processos de subjetivação, distinguindo entre “lugares êmicos” e “lugares fágicos”.

Os lugares “ênicos” se caracterizariam por estratégias que vomitam ou cospem fora os outros, como a praça que não é feita para ninguém se sentar nela. Estes lugares objetivam impedir o contato físico, o diálogo e a interação intersubjetiva. Bauman (2001) dá como exemplo máximo de estratégias desta categoria o encarceramento, a deportação e o assassinato.

Os lugares “fágicos” se caracterizam por estratégias de ingerir e devorar os outros, objetivando a suspensão ou aniquilação da alteridade, como ocorre nos *shopping centers*, onde todas as diferenças estão suspensas na constituição de uma comunidade de consumidores.

A estas duas categorias Bauman (2001) ainda acrescenta uma terceira, que se refere aos “*não-lugares*”, termo criado por Marc Augé (1994). Estes “*não-lugares*” têm semelhança com os lugares “ênicos”, na medida em que “*desencorajam a idéia de estabelecer-se*”, com a diferença de que os “*não-lugares*” são feitos para as pessoas terem uma passagem de tempo mais prolongada, neles “*todos devem sentir-se como se estivessem em casa, mas ninguém deve se comportar como se verdadeiramente em casa*” (BAUMAN, 2001, p.120), por exemplo, tem-se esta experiência em aeroportos, quartos de hotel, transportes públicos, e outros espaços que não devem guardar a marca ou a identidade de seus usuários.

No que diz respeito ao tempo, para Bauman, se na era fordista o tempo foi rotinizado e homogeneizado para favorecer a conquista do espaço, na era do capitalismo leve, o tempo se torna cada vez mais instantâneo e fugaz. Para ele “*a mudança em questão é a nova irrelevância do espaço, disfarçada de aniquilação do tempo*” (BAUMAN, 2001 p.136).

A repercussão desta aniquilação do tempo, tornado instantâneo e fugidio, é a falsa impressão de que não há conseqüências para os atos, e a ocorrência do desinteresse, da compulsão e da exaustão, em paralelo à possibilidade de realização imediata.

As novas condições temporais também se refletem nas novas modalidades de dominação: aqueles que podem usufruir a velocidade são os “senhores”; aqueles ainda fixados em seus lugares, os “servos”.

Para este autor, uma das características do capitalismo leve é o trabalho desincorporado permitido pelo uso do *software*. E esta desincorporação permitiu que ocorresse um desengajamento dos “senhores” na relação entre “senhores” e “servos”, ou entre capital e trabalho. Nas condições atuais “o *capital pode viajar rápido e leve*” (BAUMAN, 2001, p. 141), e isto cria a incerteza, que fundamenta as condições de dominação contemporâneas. Como exemplos, temos os contratos de terceirização e de consultoria, os contratos de curto prazo, os escritórios virtuais e a redução do tamanho das empresas.

Mas Bauman (ibid. p. 142) comenta que não se deve fazer uma avaliação simplista desta tendência, pois paralelamente a esta “*obsessão pela redução*” existe complementarmente um movimento de fusão das grandes empresas. Esta situação é complementar porque redução e fusão terão aqui um efeito de retro alimentação. As fusões dão ao capital um âmbito global e cada vez mais fluído, ao mesmo tempo em que privam o trabalho local de seu poder de barganha, favorecendo desengajar o capital de seu compromisso com o trabalho. E este é um exemplo flagrante da compressão do espaço-tempo na relação entre o capital e o trabalho.

Mas mesmo que estejamos numa condição nunca antes alcançada onde o tempo passa a tender a zero, isto ainda não é uma realidade última, porque mesmo um instante ainda é tempo. E neste tempo vivemos relações caracterizadas por esta tendência a zero.

Assim, configura-se outro efeito de subjetivação importante que se traduz nesta articulação entre relacionamentos interpessoais, uma noção de imortalidade humana e a vida instantânea:

A indiferença em relação à duração transforma a imortalidade de uma idéia numa experiência e faz dela um objeto de consumo imediato: é o modo como se vive o momento que faz desse momento uma experiência imortal [...] O ilimitado das sensações possíveis ocupa o lugar que era ocupado nos sonhos pela duração infinita.
(BAUMAN, 2001 p. 145)

O efeito desta experiência imortal e a busca ilimitada por sensações possíveis têm impacto profundo nas relações humanas. Assim inúmeras pessoas vivem hoje o seguinte dilema: embora humanamente se precise dos outros e se deseje afeto ou amor, ao mesmo tempo se foge compulsivamente de relacionamentos profundos ou que sejam duradouros, tempo suficiente para configurar uma sensação de engajamento, responsabilidade e permanência. Esta é situação que Bauman vai caracterizar em sua obra *“Amor Líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos”* (2004).

Com a ação por impulso profundamente incutida na conduta cotidiana pelo poder persuasivo de uma cultura de consumo, o homem contemporâneo passou a consumir também *“relacionamentos amorosos”*. Se o amor *“até que a morte nos separe”* saiu de moda com a Pós-modernidade, em tempos de Modernidade Líquida, nem o desejo pelo outro pode mais ser investido, porque isto exigiria um tempo longo demais. Hoje se vive então no tempo brevíssimo dos impulsos, e os relacionamentos são hoje tanto mais ansiados, quanto fugazes.

Para Bauman (2004), o ciclo vicioso do *“Amor Líquido”* se caracteriza pelos componentes de solidão, isolamento, narcisismo, busca, ansiedade e controle, que se retroalimentam indefinidamente, criando uma necessidade de intimidade, sinceridade e autenticidades compulsivas, como defesas contra a solidão e o isolamento, promovendo a busca por novas possibilidades de convívio, como as expressivas comunidades da internet (ORKUT e outras).

No que diz respeito à sexualidade, Bauman diz que nossa cultura substituiu a *“arte erótica”* pela *“ciência sexual”*, rompendo a ligação entre sexo - reprodução e sexo - amor, obtendo o que ele nomeia de *“purificação do sexo”*. Como exemplo, é muito comum hoje referência a uma relação como *“puramente sexual”* (Bauman, 2004, p. 56-63).

Mas Bauman (2004) chama a atenção para a sobredeterminação que há neste contexto. Esta sobredeterminação diz respeito ao modo de produção do capitalismo leve. Se anteriormente o modo de produção do capitalismo pesado necessitava de um *“homo faber”*, capaz de viver o *“amor até que a morte nos separe”* para que houvesse energia livre para se investir na produção; com o capitalismo leve, exige-se um *“homo consumens”*, capaz, antes de qualquer coisa, de usar e descartar produtos e bens de todo tipo, a fim de consumir novos produtos e bens (Bauman, 2004, p. 66-70).

Aqui há, para ele, uma importante relação entre natureza e cultura, que se deve compreender, pois senão como compreender que os *“instintos naturais”* do *“homo faber”* voltados para o amor e a procriação, sejam contrários aos instintos também naturais do *“homo consumens”*, voltado para o impulso sexual e ausência de compromisso?

Na obra *“Amor Líquido”*, Bauman (2004) lembra que, para Freud, em seu ensaio sobre a moral sexual civilizada, a civilização se baseia em grande parte na exploração e mobilização da capacidade humana *“natural”* de *“sublimar”* os instintos sexuais em função de causas socialmente úteis.

Para isto é necessária a ação da repressão sobre os instintos sexuais, mantendo-os parcialmente bloqueados, para que o impulso sexual possa ser redirecionado para *“objetivos socialmente construídos”*. Mas e se tais objetivos agora impelem no sentido inverso?

Assim a desregulação do processo sublimatório é parte integrante da formação de uma sociedade voltada para o consumo, onde os objetos socialmente úteis oferecidos para descarga sexual não precisam mais ser disfarçados, dado que a energia sexual deve agora ser ampliada e liberada a fim de que todos os objetos produzidos sejam desejados como objetos sexuais. Do carro ao celular, do cigarro ao sabão em pó, tudo leva hoje a marca do sexo e do prazer imediato que se pode obter.

Uma última reflexão deste autor para uma entrevista na Revista Tempo Social serve como um alerta:

Gostaria que (os jovens) tentassem, apesar de tudo [...], apesar de todas as tendências em contrário e de todas as pressões de fora, reter na consciência e na memória o valor da durabilidade, da constância e do compromisso. Eles não podem mais contar, como a antiga geração, com a natureza permanente do mundo lá fora, com a durabilidade das instituições que tinham antes toda a probabilidade de sobreviver aos indivíduos. [...] Os jovens podem contar unicamente com eles próprios e só haverá em suas vidas o sentido e a relevância que forem capazes de dar. (PALLARES-BURKE, Entrevista com Zigmunt Bauman, Junho de 2004, p. 324-325)

Este alerta lembra aos jovens a necessidade de se pensar o sentido do mundo à nossa volta. Mas, parece que estamos diante da constatação de que a Modernidade instaurou a primazia da lógica do cálculo, em detrimento da lógica do sentido. E, na opinião da autora desta dissertação, há um forte impeditivo para se partir em direção à lógica do sentido, ela exige o nosso esforço, por várias razões, entre elas, o risco de se permanecer à margem da sociedade, o que privaria o indivíduo do acúmulo de riquezas, que denotam a distinção e o reconhecimento individual desejados.

Hoje, de tal modo a lógica do cálculo reflete a ideologia capitalista de consumo, mercado, lucro e acumulação de riquezas que muitas vezes nada mais importa nas escolhas dos indivíduos, somente o “quanto irá ganhar-se”. Urge a necessidade de se resgatarmos formas de pensar o sentido, sob o risco de, se não o fizermos, recairmos na barbárie.

1.4 A barbárie e o sujeito contemporâneo

O efeito da barbárie caracteriza toda forma de esterilidade humana e de perda do sentido no campo da cultura, quer se trate de ética, de política, de arte, quer de educação. (MATTÉI, 2002, p.13)

Barbárie é uma noção que surge no século XIX, embora o termo bárbaro remonte suas origens aos romanos e antes destes aos gregos (CUNHA, 1982). O bárbaro representava, entre gregos e romanos, o estrangeiro, uma noção que vinha acompanhada de qualidades como “*selvagem*”, “*grosseiro*” e “*inculto*”.

Segundo Jean-François Mattéi, em sua obra “A Barbárie Interior” (2002), a barbárie é o próprio limite da civilização. Disto decorre que a marca de bárbaro é imposta toda vez que o civilizado rejeita aquele que encontra nos limites de sua civilização: “*apenas como a projeção deformada da violência inata da civilização sobre o mundo primitivo do qual ela se afasta*” (MATTÉI, 2002, p.53). Só há barbárie onde a civilização se instala.

Mattéi (2002) chama atenção para o fato de que desde a antiguidade pode ser feita uma distinção entre dois aspectos da barbárie, aspectos estes nomeados pelos romanos: como “*feritas*” – que corresponde ao aspecto da destruição; e “*vanitas*” - que corresponde ao aspecto do vazio ou da ausência de sentido. Mattéi distingue então entre duas formas de barbárie: a barbárie predadora, que se apóia no aspecto “*feritas*”, e a barbárie refletida, se apóia no aspecto “*vanitas*”. (ibid., p.65).

A face da barbárie predadora é mais conhecida, pois se refere ao próprio conceito leigo, e nos remete à predação, violência, crueldade e ferocidade. Mas Mattéi (2002) chama atenção para uma barbárie “*mais suave ou mais dissimulada*”, a barbárie refletida, a barbárie interior.

Dentro do mito da origem da civilização grega, há uma clara referência ao caos como ponto de partida da civilização e o cuidado que o homem deve ter para afastar-se deste caos. Seja para superar a *hybris*, o orgulho insensato de um bárbaro, como mostra Heródoto (apud MATTÉI, 2002, p.90); seja para sair de seu pensamento próprio (*idiotia*) e ascender à razão comum, como para Heráclito (apud Mattéi, 2002, p.94); seja para tirar a “*alma de seu bárbaro lamaçal e para fazê-la aceder ao que existe no alto*”, como afirma Platão (apud MATTÉI, 2002, p.95-96).

Todos estes exemplos falam da preocupação dos gregos em não se deixar levar pela barbárie, vista como uma condição muito próxima do homem grego, e que não está distante de qualquer homem, como lembra Mattéi (2002), inspirado por Platão:

Tudo é barbárie na alma, porque a própria alma só se mede ao enfrentar a desmedida; portanto, é preciso que ela retorne sempre a si mesma para se corrigir e se dominar, mas não instalar-se em si mesma para dar liberdade às pulsões que produzem no fundo da caverna as imagens de que se torna escrava. (MATTÉI, 2002, p. 102)

Mas, ainda segundo este autor, à medida que a cultura romana se instala, e amplia sua dominação sob outros povos, o termo ganhará valor etnocêntrico e passará a designar todos os povos estrangeiros, e para além disto, a cultura destes povos.

Entendendo a barbárie como a face oculta de uma civilização, observamos na civilização romana uma barbárie predadora, diferente da dos gregos, no que diz respeito à forma de assimilação da cultura dominada, pois os povos dominados pelos romanos são diminuídos moralmente sob a generalização de “bárbaros”, uma vez que a romanidade se define a partir da exclusão do que não era romano. Devemos, portanto, aos romanos, esta distância que se ampliará entre civilização e barbárie e o estereótipo “bárbaro” que se espalhará por toda Europa (MATTÉI, 2002, p. 105).

Esta ampliação da distância entre civilização e barbárie, que se deu durante a formação e ampliação do Império Romano, estava relacionada a uma progressiva consciência de si mesma, que a civilização romana tomou, numa reflexão sobre o que constituía sua humanidade, e o que diferia os romanos dos povos exteriores, que passaram a exercer pressões nos limites do Império.

A civilização romana alinha a razão, o direito e a lei, através do conceito de cidadão e do “jus civile” ou direito do cidadão, como limite entre a civilização e a barbárie. E Roma se coloca diante de sua “*vocação universal e edificará a ‘pátria comunis’ de todos os homens, reconstituindo, contra a diversidade das nações e a ruptura entre civilização e barbárie, a unidade do gênero humano*” (ibid., p.116-117).

Dialeticamente, a expansão do império romano levou também à evolução do direito, e à necessidade de se criarem leis internacionais aplicáveis em qualquer parte do império, surgiu assim o “direito das gentes” ou “*jus gentium*”, como um suplemento ao direito romano e o “*jus naturalis*” ou “*direito natural*”, sustentado pelo

conceito de que todos os homens são da mesma natureza. Estes conceitos de justiça romana serão os alicerces da instauração de um certo humanismo, que se instalará definitivamente no Iluminismo e chegará até nós como um projeto para o homem: *“fazer do homem um absoluto e extirpar dele a barbárie”* (MATTÉI, 2002, p. 41).

Ainda segundo Mattéi (2002) a civilização ocidental caminhou da ênfase na barbárie predadora para a ênfase na barbárie refletida, e este percurso se fez em paralelo com o desenvolvimento da noção de sujeito, e está intimamente relacionada a esta.

Assim, este autor procura levantar através de diversos outros autores, como foi feita esta passagem, quem era o sujeito na Antigüidade e quem é o sujeito da Modernidade. Compreendendo que a noção de sujeito como concebemos hoje, não é muito adequada para descrever o que na Antigüidade grega significam os termos correlatos utilizados, como *“alma”*, *“homem interior”*, *“pessoa”* ou *“consciência”*, pois embora possam ser compreendidos hoje como os traços primitivos do sujeito moderno, na Antigüidade, estas instâncias espirituais colocavam a origem do homem no exterior.

Ainda entre os gregos, antes de ser utilizada pelos cristãos, a noção de *“homem interior”* fala de *“uma alma aberta ao universo e habitada pela divindade”* (Marco Aurélio, apud MATTÉI, 2002, p. 143), o que coloca o homem interior da Antigüidade numa condição muito diferente do sujeito moderno, pois:

Essas instâncias tiravam sua essência e sua dignidade de uma origem exterior ao homem, divina ou demoníaca, quer na tradição grega, quer na doutrina cristã. O homem sentia seu princípio vital, num descentramento de todo seu ser, o qual lhe impedia repousar em si. (MATTÉI, id., p. 143)

A idéia de um *“homem interior”* ganhou força com o cristianismo, somando-se o conceito de razão, uma herança grega, com os conceitos de alma e consciência. Se Cícero identifica a *“reta razão”* e a *“reta consciência”* como virtudes acima da barbárie, e São Paulo destaca *“o que Pedro chama de ‘o ser escondido no fundo do coração’ para designar o que tinha um preço no homem aos olhos de Deus”* (MATTÉI, id. p.127),

Segundo Mattéi (2002), é com Santo Agostinho que as idéias grega e cristã de uma “alma” vão se unificar definitivamente numa noção de “eu”. Na obra *“Confissões”*, Santo Agostinho apresenta um homem em diálogo com Deus. Neste diálogo o homem como um “eu” deve entrar em si mesmo, para alcançar a verdade no diálogo com o “Eu” da divindade, a qual o homem só pode conhecer em seu interior. Analogamente, como o deus cristão é um deus pessoal, formado por três pessoas em uma, Santo Agostinho também se refere ao eu do homem formado por uma trindade: o espírito, o conhecimento e o amor.

Na opinião de Mattéi, (2002), quando Santo Agostinho propõe ao homem, em *“De Vera Religione”*: - *“Em vez de ires para fora, entra em ti mesmo: é no homem interior que a verdade habita”* (Agostinho apud MATTÉI, id., p. 132). - ele inverte a fórmula platônica e direciona a possibilidade do conhecimento na direção do próprio sujeito. E ao buscar Deus dentro de si mesmo, paradoxalmente, o homem se tornará cada vez mais privado da própria espiritualidade, numa *“guinada em direção a reflexividade radical”* (como afirma Charles Taylor, apud MATTÉI, p. 132) e que se imporá à cultura ocidental.

Isto porque o homem, ao se voltar para dentro, se afasta do mundo, e tornando Deus uma regra moral universal, na consciência de sua interioridade, promoverá uma cisão que ampliará com o passar dos tempos. Cisão que se dará entre *“de um lado o homem destinado ao universal, tal como o pensará o humanismo da Renascença, e do outro, um sujeito fechado no particular, tal como sonhará o individualismo dos Modernos.”* (ibid., p. 147)

Aqui importa destacar é que a partir de Santo Agostinho, cada vez mais, o homem extrairá sua identidade do próprio entendimento, num processo analítico de dissociação, que dissocia o homem de Deus, o homem do mundo e o próprio mundo. Promovendo uma fissura entre a substância (na concepção aristotélica, a *ousia*, ou o *ser substancial*) e o sujeito (ser subjetivo, ou o sujeito determinado, ou o *hupokeimenon*). Como fica claro no trecho a seguir citado por Mattéi (2002) e extraído do tratado de Charles de Bovelles, O Livro do Sábio, de 1510:

O mundo é maior quanto à Substância, é nulo quanto ao Saber; o maior Homem quanto ao Saber é insignificante quanto à Substância. Cada um se mantém no outro e cada um é capaz de assimilar o outro; pois a Substância do Homem se encontra no Mundo; o Saber do Mundo no Homem. O mundo é mundo substancial, o Homem é mundo racional. Tanto quanto existem variedades de substância e de diversidades de coisas no mundo, existem variedades de razões no Homem. Nos dois estão todas as coisas, em cada um cada coisa, num e noutro, nada. No Homem, a substância é nula; no mundo, não existe nem razão, nem conceito. Um e outro são vazios, um e outro são cheios. O Homem, privado de coisas, é rico em razões; o mundo, cheio de coisas, é vazio de razões. (Bovelles apud MATTÉI, 2002, p. 150)

Ainda segundo Mattéi (2002), esta concepção do homem apartado do mundo e voltado para si, privam o homem de substância e privam o mundo de razão. E chega à Contemporaneidade como uma oposição entre o ponto de vista substancial e o ponto de vista procedimental: a dimensão substancial se expressa pela natureza universal do homem, quer se chame alma ou pessoa; e a dimensão procedimental, se refere ao sujeito definido por seus procedimentos internos.

O horizonte substancial é o horizonte do sentido, que fala da natureza das coisas e de suas finalidades, enquanto a dimensão procedimental fala da gestão de procedimentos. Deste modo os fins se perdem e a forma substitui o conteúdo das operações. E a lógica do cálculo se sobrepõe à lógica do sentido.

Com *“a autoprodução de regras virtuais, que não dependem mais do exterior, de uma realidade universal, e sim de um encadeamento de procedimentos formais privados de finalidade e significação”*, o sujeito contemporâneo *“já não pensa e não age, ele funciona”*. (op. cit., p.154) Este é o predomínio da razão procedimental, com a qual o homem contemporâneo obteve a perda do sentido do mundo. Com a Modernidade emerge então um sujeito radicalmente indiferente em relação a qualquer forma de exterioridade, *“quer seja divina, mundana ou social”* (ibid, p. 156)

O amálgama do individualismo, com a primazia da razão instrumental e atomização dos indivíduos, produz o que Charles Taylor denomina de mal-estar da modernidade. Segundo ele, *“o individualismo trouxe o mal-estar da perda de sentido; a instrumentalização, o mal-estar da perda dos fins; a atomização, o mal-estar da perda da liberdade”*. (apud MATTÉI, 2002, p. 156-157) Para Mattéi todos estes elementos são efeito da barbárie refletida, ou a barbárie do sujeito.

Mattéi (2002) se coloca em oposição a Charles Taylor, Horkheimer e Adorno, ao considerar que a barbárie é um processo meta-histórico. Isto é, para ele a barbárie é constitutiva da humanidade. Afirma ele que, embora o processo histórico de subjetivação tenha favorecido à passagem da barbárie predadora à barbárie refletida, a barbárie em si não está ligada à constituição de um sujeito procedimental, e reconhece *“a barbárie como substancial, e mesmo consubstancial ao homem, e não um acidente infeliz da história”*.(ibid., p.159)

Para Walter Benjamin (1996), a barbárie moderna resulta do empobrecimento da experiência e da intensificação das vivências de choque, fenômenos estimulados pela cultura capitalista. Ele destaca a importância da narrativa como forma de permitir a assimilação das experiências e para possibilitar que as impressões vividas sejam incorporadas à memória, sem o que as vivências desaparecem de forma instantânea, o que torna muito difícil ao Homem pensar a respeito do sentido de seus vividos.

Para Benjamin (1996) estes fenômenos estão estreitamente ligados à forma como o capitalismo promove a alienação do homem pelo próprio trabalho, em gestos repetitivos e sem sentido, e, segundo Lipovetsky (2004), contemporaneamente, esta alienação se mantém através do hiperconsumo.

Inspirada em Benjamin, Solange Jobim e Souza, sintetiza: *“[...] o homem moderno é obrigado a caminhar por um tempo que está reificado e que faz dele um objeto sem memória e sem história”* (SOUZA, 2000).

Na opinião da autora desta dissertação, é bem possível que a barbárie seja intrínseca ao Homem, como um paradoxo que nos constitui: meio feras e meio deuses, meio animais e meio civilizados, meio conscientes e meio inconscientes, e assim, o pêndulo das civilizações ora pende mais para um lado, ora para outro. Mas, a barbárie contemporânea exige que se tome uma posição, antes de tudo, de caráter ético, que viabilize o diálogo, o reconhecimento recíproco da condição humana e favoreça o direito entre os homens.

1.5 A Ética do Reconhecimento

Não alimentamos dúvida nenhuma [...] de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza, que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985)

As concepções levantadas até aqui apontam na direção de uma necessidade de reflexão ética. Para basear esta reflexão esta dissertação se baseia na Teoria Crítica.

A Teoria Crítica se desenvolve como uma herança da Escola de Frankfurt e designa um campo teórico muito mais amplo do que esta, uma vez que os autores posteriores ao momento histórico do surgimento desta escola continuaram desenvolvendo suas idéias, fiéis a alguns elementos presentes desde o início.

Nesta linha de desenvolvimento, encontra-se Axel Honneth (2003) e suas noções acerca de uma luta por reconhecimento intersubjetivo como motor dos conflitos sociais. Para compreender de que modo suas concepções são pertinentes a este estudo cabe uma breve contextualização, tomada a partir da apresentação feita por Marcos Nobre à obra de Honneth (2003), *“Luta por Reconhecimento – a gramática moral dos conflitos sociais”* e do próprio texto de Honneth.

Segundo Marcos Nobre (HONNETH, 2003), no sentido original dado por Max Horkheimer em “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, a Teoria Crítica toma o campo teórico do marxismo como referência fundamental. Mas não se propõe apenas a descrever o funcionamento da sociedade, vai além, procura compreender este funcionamento, mantendo um horizonte de emancipação possível, ao mesmo tempo procurando compreender como esta possibilidade de emancipação se mantém bloqueada pela própria lógica da organização social.

A possibilidade de emancipação é tomada das noções marxistas e traz de fundo a noção de que a organização social vigente guarda em si mesma um

germe de um desenvolvimento real. Ainda, segundo Nobre (HONNETH, 2003), Max supôs que o capitalismo chegaria a um colapso interno, a partir de uma tendência de queda da taxa de lucro e de uma progressiva organização do proletariado contra a dominação do capital. Estas eram as perspectivas de emancipação previstas pelo marxismo em relação ao sistema capitalista.

Mas em face das concepções relativas à Modernidade Líquida e a Hipermodernidade, também apresentadas nesta dissertação, está dado que as expectativas marxistas não se confirmaram. O sistema capitalista se reorganizou, por exemplo, nas estratégias aqui descritas por Bauman (2001; 2004) e Lipovetsky, (2004; 2007) respectivamente.

Na década de 40, Horkheimer e Adorno, em “Dialética do Esclarecimento” (1985), fazem um estudo sobre a razão humana e as formas sociais da racionalidade, e concluem que, no capitalismo administrado, há uma forma dominante de razão, a saber, a razão instrumental (HONNETH, 2003, p.11).

Segundo eles, a partir desta dominação da razão instrumental na cultura, o próprio pensar crítico se torna inviabilizado, pois a razão passa a se prestar apenas às suas funções de adaptação à realidade, o que criaria uma sujeição de tal ordem na sociedade, que inviabilizaria as possibilidades de emancipação. A manutenção desta sujeição se dá no seio de uma “sociedade administrada”.

No entanto, estes pensadores se propuseram a manter uma atitude de reflexão crítica, assumindo os riscos de uma “aporia”, uma posição de difícil sustentação lógica, pois não seria possível uma reflexão crítica “*se a razão instrumental é a única forma de racionalidade no capitalismo administrado*” (HONNETH, 2003, p.12).

Ainda segundo a introdução de Marcos Nobre (HONNETH, 2003), em seqüência às conclusões propostas nesta obra por Horkheimer e Adorno, e a fim de encontrar uma solução menos paradoxal para este impasse, Jürgen Habermas formula suas concepções numa “Teoria da Ação Comunicativa”. E propõe que haveria uma distinção entre o sistema e o mundo da vida. Sua concepção de racionalidade procura impor um limite à concepção de racionalidade instrumental proposta anteriormente, de tal modo que a racionalidade se orientaria em dois níveis.

O nível da ação instrumental se sustentaria através de uma razão também “instrumental”, voltada para o êxito, e sua área de atuação seria o trabalho, ou as atividades que possibilitam a reprodução material do mundo social, o sistema capitalista. Noutra nível, o mundo da vida, ele concebe uma razão “comunicativa”, que visa a uma ação orientada para o entendimento e que permite a reprodução simbólica da sociedade.

Para Marcos Nobre (HONNETH, 2003, p.11), a proposição de Habermas é passível de crítica, uma vez que coloca em segundo plano a realidade do conflito social, e se detém nas estruturas comunicativas, como se estas fossem desencarnadas. E esta crítica é feita por Axel Honneth (2003).

Honneth (2003) se propõe então a formular uma *“gramática moral dos conflitos sociais”*, focalizando exatamente o conflito social como experiência estruturante da subjetividade, e pensa uma teoria social crítica fundada no *“processo de construção da identidade – pessoal e coletiva”* através da qual formula uma concepção de eticidade.

Honneth (2003) se inspira nos escritos de Hegel para fundamentar suas proposições. Segundo ele, Hegel defende a idéia de que *“resulta de uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade uma pressão intra-social para o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade”* (HONNETH, 2003, p. 29).

Ainda citando Honneth (op. cit. p. 49), para Hegel o processo de construção desta eticidade se inicia através das primeiras relações sociais, a relação entre pais e filhos, *“uma relação de ação recíproca universal e de formação dos homens”* (id). Esta eticidade se inicia afastando gradativamente os sujeitos das determinações naturais e deve ir de encontro a uma confirmação prática da identidade pessoal e coletiva, numa experiência de reconhecimento social de cada sujeito em particular.

Na obra *“Sistema da Eticidade”*, de 1802-1803, Hegel lança as bases para a formulação de uma teoria das etapas de reconhecimento social, e, segundo Honneth (2003), esta teoria se torna ainda mais precisa em *“Filosofia do Espírito”* de 1803-1804, onde o termo *“reconhecimento”* se refere a um *“processo de formação do espírito”*, ou seja, o momento quando uma consciência já constituída *“se reconhece a*

si mesma em uma outra totalidade, em uma outra consciência” (op. cit. p.63) e isto se dá numa experiência de conflito, *“porque só através da violação recíproca de suas pretensões subjetivas os indivíduos podem adquirir um saber sobre se o outro também se reconhece neles como uma totalidade”* (ibid. p. 63). É importante notar que ambos os textos precedem ao *“Fenomenologia do Espírito”*, que se tornou a obra mais conhecida de Hegel.

Em seu estudo sobre a luta por reconhecimento Honneth (2003) encontra pontos de contato entre as concepções de Hegel e a psicologia social de caráter pragmatista de George Herbert Mead, e articulando estes autores, propõe *“uma inflexão materialista”* à noção de *“luta por reconhecimento”*. Seguindo o esquema referencial proposto por Hegel, Honneth apresenta as experiências de base dos padrões de reconhecimento intersubjetivo – são elas: o amor, o direito e a solidariedade.

Assim o quadro abaixo serve para uma compreensão sintética do que o autor propõe (HONNETH, 2003, p. 60):

Objeto de reconhecimento/ Modo de reconhecimento	Indivíduo (carências concretas)	Pessoa (autonomia formal)	Sujeito (particularidade individual)
Intuição (afetivo)	FAMÍLIA (amor)		
Conceito (cognitivo)		SOCIEDADE CIVIL (direito)	
Intuição intelectual (afeto que se tornou racional)			ESTADO (solidariedade)

Através deste quadro pode-se compreender de que forma as confirmações às carências concretas do indivíduo vividas no seio da família são base da constituição de um reconhecimento e validação de si mesmo.

Por relações amorosas, Honneth (2003, p. 159) entende todas as relações primárias, sejam as relações eróticas entre dois parceiros, as relações de amizade e as relações entre pais e filhos, que consistem em relações emotivas fortes entre poucas pessoas, através das quais pode ser-se concebido como um “ser-si-mesmo em um outro”.

Honneth lembra que algumas teorias psicanalíticas se aproximaram desta compreensão da relação amorosa como um reconhecimento recíproco, por exemplo, ao estudarem a díade mãe-bebê, como Donald Winnicott; ou ainda no estudo das personalidades narcísicas e *borderlines*, entendendo estas “*enfermidades que já não podiam mais ser atribuídas a conflitos intersíquicos entre os componentes do Ego e do Id, mas somente a distúrbios interpessoais no processo de desligamento da criança*”. (HONNETH, 2003, p. 163) No entanto, para este autor, as formulações psicanalíticas não bastam para “*os fins de uma fenomenologia das relações de reconhecimento*” (HONNETH, id., ibd.).

Tendo a experiência de confirmação amorosa no seio da família como base, o indivíduo é portador de um sentido de reconhecimento, não com um “respeito cognitivo”, mas com uma “afirmação de autonomia”. Neste ponto Honneth (2003) concorda com Hegel e toma este sentido como “cerne estrutural da eticidade”.

Segundo Honneth, o reconhecimento do direito, no âmbito da sociedade civil, fundamenta a constituição das relações jurídicas modernas. Entendendo que a disposição para obediência às normas jurídicas ou *leis* “*só pode ser esperada dos parceiros da interação quando eles puderam assentir a elas, em princípio, como seres livres e iguais*”, ou seja, “*obedecendo à mesma lei, os sujeitos de direito se reconhecem reciprocamente como pessoas capazes de decidir com autonomia individual sobre normas morais*” (HONNETH, 2003, p. 182).

A terceira forma de reconhecimento Honneth (2003) denomina de solidariedade. Esta denominação procura integrar a concepção de Hegel referente à “honra”, e de Mead referente à “dignidade”, e se caracteriza como uma forma de estima social que permite ao sujeito “*referir-se positivamente*” quanto às “*suas propriedades e capacidades concretas*”.

Atingir uma concepção de solidariedade em que o lugar dos valores materiais possa ser pensado e questionado, é o que aponta Axel Honneth (2003) ao final de sua obra, como um horizonte desejável e necessário para a solução ética dos conflitos sociais contemporâneas.

1.6 O deserto dos bárbaros

O deserto não está longe nos trópicos do sul,
O deserto não está apenas na esquina,
O deserto está apertado no metrô ao seu lado,
O deserto está no coração de seu irmão.
(T.S. Eliot apud MATTÉI, 2002, p. 164)

Se estas concepções propostas por Honneth (2003) servem para compreender nossa contemporaneidade e reconhecer que o homem se humaniza na proporção destas experiências de reconhecimento intersubjetivo, fundadas no amor, direito e solidariedade. Então urge compreender como estas experiências se dão hoje, num contexto que se caracteriza por ser líquido e flexível, de tal modo que o indivíduo é esvaziado constantemente de suas referências, e, para evitar a percepção deste esvaziamento (ou mesmo como parte deste fenômeno), faz uso do consumo para seu preenchimento.

No ideal capitalista, as vivências de preenchimento e esvaziamento se constroem simultaneamente, pois a cultura de consumo revolucionou o desejo e a necessidade, construindo em torno dos objetos novos valores. Tal fenômeno é descrito por Bauman (2001; 2004) como característico do sujeito contemporâneo, que está sempre atrás de conseguir um novo cargo, uma nova casa, roupa nova ou um relacionamento novo. Para este sujeito, a felicidade dura o tempo em que tudo ainda é novo, e há coisas ainda por comprar: no momento que esta percepção de novidade se esvai, acaba a percepção de sua própria felicidade.

Compreende-se assim que o vazio existencial e a crise de sentido inerente à Modernidade, que se intensificam na Contemporaneidade, estão intimamente associados ao modo de produção capitalista e a exacerbação do consumo.

Os conceitos de materialismo dialético e materialismo histórico de Marx e Engels fazem ver que o processo histórico obedece a um movimento dialético assentado sobre bases materiais. Marx e Engels afirmam que o homem, engajado em um processo de produção material, produz a História.

Assim não podemos deixar de considerar que, se o homem contemporâneo apresenta as características subjetivas que foram exemplificadas anteriormente, este homem se contextualiza numa cultura capitalista de (hiper) consumo.

Para Bauman *"O amor e a disposição de procriar eram companheiros indispensáveis do sexo do homo faber"* (BAUMAN, 2004, p. 66), mas do mesmo modo que a energia sexual era "naturalmente" sublimada pelo *homo faber*, chegou-se ao momento em que a liberação da repressão é estimulada e promovida, novamente como coisa natural, levando à *"progressiva desregulação do processo sublimatório, agora difuso e disperso"* (ibid., p.76).

Assim, como a repressão foi necessária ao modo de produção capitalista, é agora esta *"desregulação do processo sublimatório"* que sustenta, no pólo do sujeito, o hiperconsumo, caracterizando-o com o imediatismo do impulso, a catarse da ansiedade, o duplo sentido de preenchimento e imediato esvaziamento, e a confusão da felicidade, na ambigüidade entre o Ser e o Ter.

O deserto do Ter parece ser hoje inerente a nossa nova forma de barbárie, como lembra Mattéi: *"A barbárie não está nem atrás de nós nem à nossa frente: está inteirinha onde nos encontramos"* (MATTÉI, 2002, p. 335).

1.7 O Sujeito à procura da Felicidade

Segundo Lipovetsky (2007) Nietzsche afirmava que os Modernos gostam de dizer que *"inventaram a felicidade"*. Mas, segundo Robert Darnton (1996), a discussão sobre a felicidade está presente na cultura Ocidental desde a Grécia Clássica. Ela aparece em Platão e Aristóteles, na discussão entre epicuristas e estóicos. É retomada por Santo Agostinho, quando se refere à Cidade de Deus.

Ganha valores mais mundanos no século XV, com Boccaccio. No entanto Robert Darnton (1996) afirma que a noção de felicidade ganha um sentido totalmente novo a partir do ideal iluminista, quando se associa às noções de progresso, prosperidade e propriedade privada.

Buscando uma compreensão mais ampla do culto americano da “*procura da felicidade*”, Darnton (1996) remete-se às duas versões de felicidade provenientes do Iluminismo, uma ilustrada pelo romance “Cândido” de Voltaire, e outra pela “Declaração de Independência dos Estados Unidos”, sob inspiração de Locke.

Quando Voltaire conclui sua obra “Cândido” (1759) termina com a frase: “Há que se cultivar nosso jardim” (apud DARNTON, 1996). Segundo Darnton, esta frase é a conclusão de um discurso filosófico, que o personagem de Voltaire desenvolve, a fim de responder a questão implícita em sua história, ou seja, como se pode alcançar a felicidade.

Na interpretação de Robert Darnton (1996), cultivar o jardim implica em vários componentes: um retiro estóico, que se mantém dando às costas à política; um utopismo pastoral, que se distancia do capitalismo comercial; uma redenção por meio do trabalho; e um cultivo da cultura, enquanto uma causa da civilização. A civilização era para Voltaire a força motriz da História e sua idéia de utopia máxima se baseava na concepção de uma sociedade polida.

A outra versão de felicidade citada por Darnton (1996), se refere diretamente à concepção americana de felicidade, uma concepção que associa felicidade e propriedade privada.

Darnton (1996) analisa através da observação do texto de “Declaração de Independência” dos EUA, como esta sociedade propõe como direitos naturais e inalienáveis: a Vida, a Liberdade e a Procura da Felicidade. Pois para este autor esta passagem da fórmula comum da época “*Vida, Liberdade e Propriedade*” para a fórmula “*Vida, Liberdade e Felicidade*” se justifica pelas leituras que Thomas Jefferson teria de Locke.

Segundo Darnton, Locke também era um defensor da “Vida, Liberdade e Propriedade”, mas em seu “*Ensaio sobre o Entendimento Humano*” (1690, apud Darnton) ele amplia o sentido desta expressão para “*vida, propriedade e posses*”

entendo posses como a *“propriedade que todos os homens detêm sobre suas pessoas tanto quanto sobre seus bens”*. (apud DARNTON, 1996)

Ainda segundo a tese de Darnton, ao ampliar a noção de propriedade deste modo, Locke se desloca do Direito para a Psicologia, uma vez que: *“Propriedade de si mesmo implica liberdade para o autodesenvolvimento”*. (apud DARNTON, 1996) A noção de Locke de autodesenvolvimento está carregada de um sensualismo, de tal modo que torna a felicidade um direito. E esta idéia é repetida por Thomas Jefferson no texto de declaração da independência americana.

As concepções de Darnton (1996) podem ser correlacionadas com as afirmações feitas no capítulo *“Homo Felix: grandeza e miséria de uma utopia”* de Gilles Lipovetsky (2007) da obra *“A Felicidade Paradoxal”*, capítulo no qual o autor conclui uma longa reflexão sobre as faces da felicidade hipermoderna e suas conseqüências.

Lipovetsky (2007) afirma que a secularização do mundo se deu simultaneamente com uma *“sacralização da felicidade terrena”*, onde as esperanças depositadas sobre o progresso e a ciência favoreceram a concepção de quê haveria uma contínua e ilimitada progressão de justiça, liberdade e felicidade. De tal forma que esta fé na conquista da felicidade foi se materializando na profusão de bens materiais. Para este autor é em nome da felicidade que se desenvolve a sociedade do hiperconsumo (LIPOVETSKY, 2007, p. 333-335).

Lipovetsky (2007) coloca em cena uma das questões do homem hipermoderno: diante da busca da felicidade o homem se percebe *“ser incompleto, incapaz de bastar-se por si só”, ou seja, “o ser humano tem necessidade de outrem para conhecer a felicidade”*.(op. cit, p. 352)

Esta questão levantada por Lipovetsky (2007) é coerente com as proposições aqui apresentadas por Axel Honeth (2003), relativas à necessidade humana de *“reconhecimento intersubjetivo”*. E no curso do presente trabalho procurou-se articular as concepções destes autores a fim de questionar o mito hipermoderno da felicidade consumista e seus efeitos de subjetivação, tais como o hedonismo, o hiperconsumo e a *“fragilidade dos laços humanos”*.

Cabe aqui questionar de que forma(s) estaríamos hoje vivendo as conseqüências deste mito. Quando o sujeito contemporâneo traduz sua felicidade em novo cargo, uma casa nova ou um novo relacionamento, está traduzindo uma utopia francamente adequada à ideologia do hiperconsumo e do capitalismo flexível. Isto se configura na relação com os filhos do mesmo modo?

Este capítulo se encerra com esta alusão à felicidade, ou à contemporânea confusão sobre a felicidade, a fim de levantar uma questão que foi ganhando forte repercussão ao longo deste estudo: a construção da concepção de uma norma familiar e de uma educação hipermoderna baseadas nesta procura da felicidade.

Capítulo 2

EDUCAÇÃO DA TRADIÇÃO À HIPERMODERNIDADE

Quando uma sociedade não pode ensinar, é porque essa sociedade não pode ensinar-se; é porque tem vergonha, tem medo de se ensinar a si mesma [...] e esse é precisamente o caso da sociedade moderna. (Charles Péguy, apud MATTÉI, 2002, p. 183).

2.1 Mapeando as práticas tradicionais brasileiras

Segundo diversos autores (DEL PRIORE, 2002; AZEVEDO E GUERRA, 2001; COSTA, 1989), a história da educação no Brasil se inicia com os jesuítas, que exerceram papel de destaque em tarefas que vão desde a catequese dos índios até a criação dos primeiros colégios, bem como a orientação dos pais no sentido de bem educarem seus filhos.

Os jesuítas exortavam à condução de uma moral severa, visando eliminar os maus hábitos dos indígenas, que deixavam os filhos livres demais. Assim, para bem educar, segundo as autoras Azevedo e Guerra (2001), os padres jesuítas introduziram uma “Pedagogia do Amor Correccional”.

Segundo estas autoras, a Pedagogia do Amor Correccional estava caracteristicamente presente nos séculos XVI-XVII, baseada nas orientações jesuíticas e fundamentalmente destinada à educação das crianças indígenas, pregava uma educação através da disciplina física, moral e espiritual:

A muita fartura e abastança de riquezas e boa vida que tem com ele é causa de se perder [...] amar é amar como Deus ensinava: é castigar e dar trabalhos nesta vida porque vícios e pecados pedem açoites e castigos. (Padre José de Anchieta, ano 1564, Sermão de Domingo Post Pentecostes, apud AZEVEDO E GUERRA, 2001, p.57).

A educação jesuítica representou uma radical mudança em relação à educação nativa das crianças indígenas brasileiras:

[...] porque os índios no Brasil nunca batem nos filhos por nenhuma coisa, e sentem muito com o bater e o falar alto (que é o máximo de seu castigo) aos seus filhos e mulheres; o pior é que só ao ver dar uma palmatória a um dos mamelucos, basta para que vá embora.
(Padre Luís da Grã, ano 1556, Cartas dos Primeiros Jesuítas ao Brasil II, apud AZEVEDO E GUERRA, 2001, p.112).

Com o desenvolvimento da colônia e a passagem para o modo de produção escravista, segundo Azevedo e Guerra (2001), se configurou o uso de uma “Pedagogia da Palmatória”, caracteristicamente presente nos séculos XVI-XVIII, e que se estendeu desde o uso para com os negros escravos, até a educação dos filhos de brancos.

No tempo dos jesuítas, o castigo físico visava corrigir por amor a Deus, ou pela idéia de que o rigor de Deus deveria se fazer sentir no corpo. Mas com a ideologia escravocrata, somou-se à atitude pedagógica tradicional uma atitude de humilhação e submetimento, presente na relação senhor-escravo, como indicam as práticas de castigos corporais na escola e na família freqüentes até fins do século XIX.

Por outro lado, a pesquisadora Mary Del Priore (DEL PRIORE, 2002, p. 62-63) faz lembrar que os jesuítas já faziam também o uso da palmatória, do tronco e do pelourinho, desde os primórdios da colonização, embora os padres evitassem bater, delegando esta tarefa exclusivamente para um meirinho.

Mas, Del Priore (2002) também deixa claro que a atitude dos jesuítas era predominantemente educativa, conforme afirma Santo Inácio: *“nossa intenção (é) que nos colégios e escolas seja ensinada e instituída nas letras e nos bons costumes a juventude”* (ibid., p. 56).

Seja com uma intenção educativa ou meramente punitiva, podem ser observados, através de diversos relatos autobiográficos de escritores brasileiros em episódios sobre suas infâncias, que castigos físicos são práticas tradicionais da educação brasileira, e hegemônicas ainda nos séculos XIX e XX, como testemunham abaixo alguns exemplos extraídos da obra já citada de Azevedo e

Guerra e da antologia “O Mito da Infância Feliz”, organizado por Fanny Abramovich (1983).

Em fins do século XIX:

- Humberto de Campos Veras (1886-1934):

Fui, positivamente, nessa fase da vida, um traquinas de primeira classe, com direito a prêmio de viagem no navio do Capitão Gulliver ou numa canoa de Robinson Crusoe. Fui imaginoso e vadio. Pratiquei maldades inocentes e realizei aventuras atrevidas. E recebi a recompensa de tudo isso com surras memoráveis, e em penas de prisão junto à mesa de jantar, com uma ignominiosa corda amarrada ao tornozelo. (apud AZEVEDO E GUERRA, 2001, p. 70)

- Graciliano Ramos (1892-1953)

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém de dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural. (ibid., p. 83)

No Século XX:

- Lêdo Ivo (1924-...)

Ao levar-me para suas pequenas viagens, meu pai recompensava o comportamento satisfatório de um menino estudioso e dado às leituras. Mas os menores deslizes eram implacavelmente punidos. Ele acreditava na eficácia dos castigos corporais. De vez em quando o seu cinturão latejava nas nossas costas, e nossas mãos culpadas eram obrigadas a estender-se para receber a dúzia de bolos desferida por uma escova de roupa ingloriamente erigida à indignidade da palmatória familiar. (ibid., p. 99)

- Luiz Fernando Emediato (1951- ...)

Nosso avô gritou lá de dentro, que é isso, diabos, o que está acontecendo, filhos do capeta, vê aí, mulher, seus filhos estão se matando. Meu pai correu e eu vi aquele homem correndo com a correia, deixei cair o canivete e pensei: não, não vou correr outra vez, não vou fugir. Meu irmão começou a gritar de dor, enquanto meu pai batia, e eu fiquei olhando, com as pernas trêmulas e os olhos arregalados, esperando a minha vez. [...] Naquele tempo eu tinha cinco anos.(ABRAMOVICH, F. 1983, p. 68)

Mas uma grande mudança na concepção de infância se dá ainda durante o século XIX (ARIÈS, 1981). E, no Brasil, segundo Jurandir Freire Costa (1989), a intervenção higienista foi de grande importância para que ocorresse tal mudança, tanto na representação da infância como da família colonial.

Em “Ordem Médica e Norma Familiar”, Costa (1989) descreve de que modo, com a noção de desenvolvimento infantil (op. cit. p. 186), a valorização do grupo familiar, do convívio entre pais e filhos (ibid. p.90) e o sentido de intimidade familiar (ibid. p. 87), novas concepções foram sendo estimuladas pelos médicos higienistas, através do que foi se constituindo uma nova norma familiar burguesa adequada aos fins do capitalismo.

O conjunto de interesses médico-estatais interpôs-se entre a família e a criança, transformando a natureza e a representação das características físicas, morais e sociais desta última. As sucessivas gerações formadas por essa pedagogia higienizada produziram o indivíduo urbano típico do nosso tempo. (COSTA, 1989, p 214)

Na família colonial, as ligações entre o adulto e a criança eram da ordem da “*propriedade e da religião*” (COSTA, 1989, p. 162), e neste contexto havia uma descontinuidade radical entre infância e vida adulta, de tal modo que a alteridade entre o adulto e a criança não estava em cena.

A alta mortalidade infantil deste período tanto justifica a falta de apego dos pais aos filhos, quanto parece ser um dos efeitos de certa “*invisibilidade da criança*”. Mas é também esta alta mortalidade que se torna a justificativa alegada pela ordem médica higienista para estabelecer uma nova norma familiar adequada à moderna sociedade burguesa, que ascende no Brasil nos fins do século XIX (COSTA, 1989).

De um modo geral, com o fim do século XIX e mais claramente no correr do século XX, tem-se um “*abrandamento das penas e uma psicologização do castigo*” como afirma Foucault (apud AZEVEDO E GUERRA, 2001), e paralelamente o fortalecimento da noção de que a infância deve ser protegida. Do ponto de vista da Educação na família desenvolve-se, então, uma “Pedagogia da Palmada” ou do “*tapinha no bumbum*” (AZEVEDO E GUERRA, 2001), que fomenta o uso do castigo leve ou moderado, sem as surras com cintos e varas de outrora.

No entanto, nos fins do século XX e início deste século XXI, alguns novos elementos começam a configurar uma nova realidade educacional, de tal forma que parecem coerentes com as noções de Hipermodernidade aqui apresentadas. Resta saber se são novos elementos, que estão em cena, ou estão se acentuando as mudanças que já estavam em curso. Este é o contexto em que esta pesquisa se detém.

2.2 “Flashes” Contemporâneos de uma Educação Hipermoderna

A educação e a família, desde suas origens, são elos importantes na perpetuação da cultura e da tradição. E por mais que se tenham modificado, ao longo da civilização, tanto as práticas e os métodos educativos, como as estruturas e formas diversas de famílias, ambas são experiências que constituem nosso próprio processo de nos tornarmos humanos. A família pode ser considerada uma *“instituição humana duplamente universal”*, uma vez que *“associa um fato de cultura a um fato da natureza”*, sem o que não haveria sociedades humanas. (ROUDINESCO, 2003, p. 16).

Sabe-se que a Modernidade trouxe consigo uma atitude de ruptura com a tradição, uma atitude de busca pelo que é novo e uma idéia de que o que é antigo já não serve. E este processo se intensificou na Pós-modernidade, mas hoje se observa a coexistência de valores polares e em diferentes graus de integração, que vão, por exemplo, desde as relações de casamento aberto, até o retorno à idéia de que a mulher deve permanecer virgem até o casamento ou outras práticas tradicionais.

Considerando os fins do século XX e este início de século XXI, alguns sinais indicam que as mudanças em curso podem ser ainda mais radicais nas práticas tradicionais de educação, pois estamos não só retirando toda tradição da educação e transformando-a numa mistura de estilos paradoxais, mas também estamos criando cada vez mais a impossibilidade de se pensar o sentido do vivido.

A perplexidade emerge diante de alguns destes sinais de nosso *zeitgeist* que podem ser facilmente constatados numa rápida olhada nos jornais. Por exemplo, em um dos artigos da Coluna de Opinião no Jornal O Globo de 03/02/2007 (p. 7) o senador Cristovam Buarque critica o pacto de mediocridade que está presente na educação brasileira: “*Os alunos fazem de conta que estudam, os governos, que pagam, os professores, que ensinam, as famílias, que os filhos aprendem*”.

Enquanto na Revista Megazine, também no Jornal O Globo, (30/01/2007), há um artigo sobre a estréia do documentário brasileiro “Pro Dia Nascer Feliz” do cineasta João Jardim, no qual ele comenta algumas falas paradigmáticas da geração de jovens, que hoje estão na faixa entre quinze e dezoito anos (segundo João Jardim, uma geração desinteressada de tudo):

- Como Douglas, aluno de uma escola pública em Duque de Caxias, que acha legal segurar uma arma no baile *funk*, porque assim todo mundo olha para ele. Ou o caso de uma menina, em que tal necessidade atinge níveis extremos, pois em seu relato refere que matou uma colega a facadas no corredor da escola, para que todos vissem.

Mas ser visto demais também pode “pegar mal”, declara Rita de 16 anos, que parou de estudar depois de ser perseguida pelas colegas, porque era loura e mais bonita que as demais.

Por outro lado, neste mesmo documentário aparece Thaís, de 15 anos, de um colégio privado em São Paulo, cujas notas são ruins, mas que está muito preocupada em entender o que existe depois da morte. E outra menina que estuda demais, e que acha que por isto os garotos não olham para ela.

Outra situação notável refere-se aos programas de televisão que alcançam bons índices de audiência e tratam da educação de crianças, como “*Super Nanny*” e “*S.O.S. Babá*”. Estes programas vão ao ar em canais abertos, Super Nanny no SBT, e canais fechados, S.O.S Babá, no Discovery “Home & Health” (ver ANEXO C).

O programa “Super Nanny” é uma versão brasileira feita pelo SBT do programa de mesmo nome, sucesso na Inglaterra e nos Estados Unidos. O programa estreou no SBT em Abril de 2006. E vai para terceira temporada em 2008. O programa tem a seguinte proposta: uma família que está tendo dificuldade em criar

seu(s) filho(s) "por ele fazer muitas birras" ou "se comportar inadequadamente", pede ajuda à "especialista em educação", a educadora Cris Poli (segundo a *Homepage* Institucional do Canal de Televisão SBT).

A proposta consiste em convidar uma psicopedagoga (selecionada por Cris Poli, responsável pelo programa) com experiência em comportamento infantil para conviver durante uma semana com a família, que enfrenta problemas de relacionamento, como mau comportamento dos filhos ou brigas constantes entre irmãos etc. Após observar a dinâmica familiar, a "Super Nanny" cria novas regras e transforma a rotina da família, solucionando ou amenizando os conflitos iniciais.

Segundo os dados do site "Mídia Ativa", o programa Super Nanny recebeu pelo site da emissora SBT inscrições de mais de 3 mil famílias interessadas em participar deste "reality show familiar" (Mídia Ativa: *Homepage* Institucional da Organização Mídia Ativa - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes).

O programa gerou também a Edição brasileira de uma revista "Super Nanny" publicada pela "On Line Editora" em associação com o SBT (revista dedicada a temas de comportamento, família, saúde e educação de crianças).

Já o programa "S.O.S Babá" é, segundo a emissora, "o quarto programa mais visto entre mulheres de 18 a 49 anos do canal 'Discovery Home & Health' " (segundo DISCOVERY HOME & HEALTH: *Homepage* Institucional do Canal de Televisão Discovery Home & Health).

O programa se desenvolve em episódios nos quais um grupo de quatro babás recebe pedidos de ajuda de pais que tem filhos difíceis. A partir deste pedido, elas escolhem uma família e decidem qual delas é mais indicada para atendê-la. O episódio se compõe justamente do que seria uma semana da babá com aquela família, neste período ela avalia as relações e cria estratégias para a reeducação. Todas as babás do grupo têm formação superior em Pedagogia ou Psicologia.

Estes fenômenos que se observaram até aqui parecem indicar que os pais estão em busca de um saber como educar e produzem uma demanda que desenvolve hoje uma série de produtos, publicações e programas, voltados para a educação na família e orientação de pais, e isto com volume recorde de demanda.

Estes sinais são testemunhos de quê? Pais e mães não sabem mais educar? A escola não está em condições de orientar, pois está comprometida com um pacto burocrático medíocre? As crianças e os jovens de hoje são mais violentos ou desinteressados? As “babás-terapeutas” são agora necessárias pela educação mais complexa de nossos filhos?

Neste trabalho considera-se que todos estes fenômenos são como fragmentos pertencentes a um caleidoscópio da contemporaneidade, que devem ser pensados à luz das noções da Hipermodernidade.

Dentre estes fenômenos, destaca-se o grande número de publicações de livros de orientação de pais, que têm saído nos últimos anos, e batem recordes de vendas de verdadeiros *best-sellers*. Exemplo disso é o livro “*Quem ama educa*”, do médico Içami Tiba, que se encontra hoje em 160ª edição, com mais de 560.000 exemplares vendidos (segundo dados que constam na capa do livro).

Para ilustrar este projeto de Educação Hipermoderna, que temos em mente compreender, selecionou-se aqui um trecho de Içami Tiba, que em seu livro “*Adolescentes – Quem Ama, Educa*” sugere a administração empresarial aplicada em casa a fim de se constituírem “*famílias de alta performance*”:

As famílias hoje têm que ser de alta performance. Uma equipe em que todos os integrantes têm seus momentos de liderança pelas merecidas e reconhecidas competências.

[...] Por mais progressiva que seja a família, se um dos integrantes for retrógrado cai a performance familiar. Porque nenhuma família que tenha um integrante químico-dependente, um presidiário, um transgressor social pode estar usufruindo da felicidade familiar, muito menos da comunitária. (Adolescentes – Quem ama educa! IÇAMI TIBA, 2005, p. 277-278)

Supondo que no Brasil abandonou-se a pedagogia da palmada como prática hegemônica para se dar lugar a uma “Pedagogia da Felicidade” baseada, por exemplo, numa noção de família de alta performance, o que se pode imaginar como consequência deste projeto de educação?

Possivelmente as práticas de educação tradicionais não foram abandonadas, todos os modelos de educação parecem conviver, fomentando nos pais muitas atitudes paradoxais. Ora são permissivos, ora são alheios, ora são autoritários,

mantendo-se fragmentados entre o tudo e o nada. Em todos os casos, a razão procedimental parece hegemônica, e se faz sentir na agenda das crianças, cheias de compromissos, aulas de balé, natação, inglês e informática.

A relação de reconhecimento intersubjetivo entre pais e filhos parece ter saído de cena. A Contemporaneidade parece conduzir-se por uma “Pedagogia” pautada pela homogeneização dos sujeitos e dos desejos, pela docilidade dos corpos diante das ordens da moda, e por um conseqüente esvaziamento do sentido do vivido, em detrimento da busca de uma felicidade objetivada.

2.3 A questão moral ou do fracasso da educação procedimental

Buscando uma compreensão para estas observações, é necessário contextualizá-las no que diz respeito à cultura contemporânea, e para isto será considerado o que diz Lipovetsky em “Os Tempos Hipermodernos” (LIPOVETSKY, G. 2004) sobre os fenômenos da Hipermodernidade, e as reflexões de Axel Honneth (HONNETH A., 2003) sobre os padrões de reconhecimento intersubjetivo, bem como as noções propostas por Bauman em sua obra “Amor Líquido” (BAUMAN, 2004). Este contexto leva-nos a várias questões, das quais destaca-se aqui a questão moral.

Em “O Crepúsculo do dever” (apud CHARLES, 2004, p. 30), Lipovetsky afirma que, embora a moral contemporânea seja caracterizada pelo espetáculo, isto não acarreta o desaparecimento de todos os valores éticos, nem promove uma anarquia total dos costumes. A autora deste trabalho considera que é necessário compreender então que moral vem se constituindo nesta passagem de século.

Um primeiro olhar nos permite o reconhecimento de exemplos da moral do espetáculo, com os “reality-show”, que alcançam grandes índices de audiência na mídia, explorando, de forma sensacionalista, o sexo ou a intimidade (“Big Brother” –

Rede Globo) ou ainda a violência (“Linha Direta” – Rede Globo) ou, curiosamente, a educação e as relações familiares (“S.O.S. Babá” e “Super Nanny”).

Por outro lado, Lipovetsky (2004) nos lembra que nunca se deu tanta ênfase aos direitos humanos, à ação solidária voluntária, que nunca se criou tanta discussão em torno da violência, nem se valorizou tanto o aspecto relacional do homem. Assim percebe-se que esta é uma era de francos contrastes.

Lipovetsky (2004) entende a Hipermodernidade como uma modernidade consumada, alicerçada no mercado, na eficácia técnica e no indivíduo, que se expressa por uma dinâmica ilimitada, uma “espiral hiperbólica”, onde tudo se apresenta sob o signo do excesso.

Com a Hipermodernidade os próprios sistemas de representação se tornaram objeto de consumo (CHARLES, 2004, p. 30). Deste modo, as referências e as identificações que se oferecem socialmente são rapidamente usadas e descartadas pelos sujeitos, em busca de novas referências e novas identidades.

Como afirma Bauman:

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. (BAUMAN, 2004, p. 65)

Gestando em seu seio diversos paradoxos, a Hipermodernidade é uma época de alta tensão vivida por um indivíduo paradoxal, como expõe Sébastien Charles ao introduzir a obra de Lipovetsky:

Os indivíduos hipermodernos são ao mesmo tempo mais informados e mais desestruturados, mais adultos e mais instáveis, menos ideológicos e mais tributários das modas, mais abertos e mais influenciáveis, mais críticos e mais superficiais, mais céticos e menos profundos. (CHARLES, 2004, p. 18)

Segundo Sébastien Charles (2004), para Lipovetsky, a Modernidade se inaugura com as noções de liberdade e igualdade, a criação do sujeito autônomo e com a ruptura do mundo da tradição; a Pós-modernidade põe a baixo “*todos os*

freios institucionais que se opunham à emancipação individual” (CHARLES, 2004, p. 23); e a Hipermodernidade recicla e reconfigura os elementos pré-modernos, que antes eram algo a erradicar, integrando tradição e novidade, de tal modo a descaracterizar ou desterritorializar a própria idéia de tradição.

E disto resulta esta modernidade consumada, como afirma Lipovetsky, que domina de forma absoluta a cultura, pois não encontra mais *“resistências organizacionais e ideológicas de fundo”*. (LIPOVETSKY, 2004, p.54)

Se a Pós-modernidade era essencialmente negadora, era porque havia algo que negar. Hoje não há por que negar nada, tudo cabe na lógica do hiperconsumo. Qualquer ideologia, referência identitária ou objeto, se tem valor de mercado, se há um consumidor para aquilo, não fica de fora.

Assim, com a Hipermodernidade se acentuam características sociais já presentes desde o início da Modernidade, mas com aspectos fortemente paradoxais. O individualismo ainda está em cena, mas substituindo o hedonismo e a contestação pós-modernos pela responsabilidade e a gestão dos tempos hipermodernos.

Esta noção de responsabilidade parece contrária ao hipernarcisismo, mas ela envolve a noção de sucesso pessoal, profissional e financeiro. Dado que é necessário manter em qualquer situação uma *“alta performance”*, boa gestão e responsabilidade se fazem necessárias.

Este paradoxo carrega de tensão e ansiedade a vida cotidiana, deste modo, para Sébastien Charles, o Narciso de hoje está *“menos enamorado de si mesmo que aterrorizado pelo cotidiano, pelo próprio corpo e por um ambiente social que ele considera agressivo”* (CHARLES, 2004, p.28).

É tarefa necessária compreender quais as possíveis implicações deste contexto nas relações familiares e nas práticas de educação. Se considerarmos, como faz Axel Honneth, a premissa geral do primeiro Hegel, *“segundo a qual a formação prática da identidade humana pressupõe a experiência do reconhecimento intersubjetivo”* (HONNETH, 2003, p. 155) e que esta experiência se faz sentir de forma recíproca através das relações de amor, direito e solidariedade, pode-se compreender a exacerbação atual das buscas por reconhecimento intersubjetivo como sintoma da Educação Hipermoderna.

No contexto atual, as novas formas de reconhecimento intersubjetivo se referem ao ver e ser visto, calcadas no hipernarcisismo, de tal modo que inviabilizam a experiência de reciprocidade presente nas formas de reconhecimento intersubjetivo a que Honneth (2003) refere.

As experiências com o amor, a solidariedade e o direito remetem a uma qualidade de apreciação do outro e reconhecimento das diferenças, o que na ótica hipernarcisista se inviabiliza.

Com esta configuração a relação entre pais e filhos se molda numa nova ética, como atenta Bauman:

Os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda sua vida. [...] pior ainda, o custo total tende a crescer com o tempo, e seu volume não pode ser fixado de antemão nem estimado com algum grau de certeza.[...] Tê-los ou não é comprovadamente a decisão com maiores conseqüências e de maior alcance que existe, e, portanto também a mais angustiante e estressante.[...]
Ter filhos significa avaliar o bem-estar de outro ser, mais fraco e dependente em relação ao nosso próprio conforto. [...] Ter pode significar a necessidade de diminuir as ambições pessoais, sacrificar uma carreira [...]. (BAUMAN, 2004, p. 60)

Como conseqüência aumenta, por exemplo, o número de casais que optam por não ter filhos, e por outro lado, muito freqüentemente os casais que optam por tê-los, decidem ter apenas um filho para “poderem lhe dar de tudo”, uma vã esperança prenhe da lógica hiperbólica da contemporaneidade.

O que a História reserva para estes filhos da Hipermodernidade? O caos e a barbárie? A era do progresso absoluto, da modernidade consumada, também é era do fracasso das utopias e do fracasso da educação?

É possível uma educação baseada em uma razão sensível, que crie a oportunidade de um reconhecimento intersubjetivo calcado no amor, na solidariedade e no respeito? Seria esta a saída para este caos que se entrevê e que se aproxima velozmente?

Certamente a noção grega de Paidéia (JAEGER, 2003) carregava em si uma utopia, na medida em que imaginava que o homem teria uma natureza e que bastaria desenvolver plenamente esta natureza e o homem seria belo como uma

harmoniosa uma obra de arte. Mas parece que hoje não dispomos de utopias capazes de levarem a isto.

A autora desta dissertação considera que nenhuma educação, que não ofereça a possibilidade de desenvolver a capacidade crítica de reflexão, e uma reflexão baseada na percepção de si enquanto um ser no mundo; uma noção de reciprocidade na relação eu e mundo e, portanto, de responsabilidade política, ou seja, nenhuma educação exclusivamente procedimental, poderá nos levar em outra direção que não ao caos e à barbárie. A civilização como a que vivemos até aqui está em cheque. E pode ser cheque-mate.

Deste modo, acolhendo o homem como um ser essencialmente dividido, seja entre a razão e a des-razão, entre a civilização e a barbárie, ou entre o céu e a terra, é necessário considerar então que condições favorecem a formação de um homem capaz de transcender estas cisões, ao invés de naturalizá-las, e levá-lo a alcançar, para além delas, o sentido do mundo à sua volta.

Tudo faz crer que esta seria a tarefa de uma educação sensível, que objetive desenvolver qualidades humanas, sejam estas qualidades denominadas como princípios, como a justiça, a verdade, o amor, ou o bem, ou ainda experiências de reciprocidade e reconhecimento intersubjetivo.

Tomando os gregos como inspiração, podemos tentar cuidar para que *“não se perverta o ‘logos’ pelo excesso de racionações”* (MATTÉI, 2002), como faziam os sofistas, e ter como objetivo promover uma educação na qual a alma possa se ligar ao Ser, e para além dele ao Bem, como uma necessidade incontornável (TAYLOR, 1997). Pois, segundo Lipovetsky:

A exigência do futuro está na invenção de novos modos de educação e de trabalho que permitam que os indivíduos encontrem uma identidade e satisfações em outra parte que não nos paraísos fugazes do consumo. (LIPOVETSKY, 2007, p. 367).

Para isto seria essencial que a educação despertasse o amor ao pensamento, não enquanto busca de um saber técnico, mas prioritariamente como busca de um sentido. E enquanto busca de sentido, pudéssemos compartilhar com outros homens

o significado do conjunto de nossos atos, como seres no mundo, num verdadeiro exercício do pensamento que medita. Compreendendo que:

[...] o lugar de integração e recuperação do capitalismo mundial não se circunscreve unicamente aos espaços da produção de bens materiais, mas em todos os tipos de espaços sociais e institucionais, operando por meio de componentes semióticos um modo de sujeição das pessoas e da coletividade. (SOUZA, 2000 a, p. 41)

A autora desta dissertação procura destacar o lugar da educação e finaliza este capítulo lembrando que a educação contemporânea necessita reverter o empobrecimento da experiência e do próprio sentido do ato de educar.

Capítulo 3

UMA LEITURA CRÍTICA DOS LIVROS DE ORIENTAÇÃO DE PAIS

3.1 Configurações Metodológicas

Segundo Bauer e Gaskell (2005), a definição metodológica deve servir para atender a quatro dimensões do processo de pesquisa: os princípios de delineamento, a geração de dados, a análise de dados e os interesses do conhecimento.

Na pesquisa social, os interesses do conhecimento dizem respeito a dados sociais, isto é, dados que são construídos nos processos de comunicação (Berger e Luckman, apud BAUER E GASKELL, 2005). Estes processos podem ser formais ou informais e se realizarem através de três meios distintos: texto (falado ou escrito), imagem e som.

Enquanto os processos formais de comunicação (por exemplo: jornais, revistas e livros; fotografias, gravuras e quadros; etc.) *“reconstroem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um grupo social”* (BAUER E GASKELL 2005, p.22), os processos informais revelam a maneira como as pessoas espontaneamente se expressam, explicitando o que é importante para elas, o que pensam sobre suas ações e de outros.

Na construção do *corpus* o pesquisador social deve eleger, dentre tais processos e meios, aqueles que servem à coleta de dados para sua pesquisa em função dos objetivos que deseja alcançar (BAUER, M. W., & AARTS, B, 2005).

A fim de alcançar os objetivos propostos, este projeto se detém no estudo do discurso dentro de um processo formal de comunicação – a saber: os livros de orientação de pais – visando obter elementos, concepções e idéias que já estão

estabelecidos dentro da cultura de um determinado grupo social (leitores interessados em educação), com o propósito de desenvolver uma pesquisa crítica em psicologia social.

É através de um processo auto-reflexivo que as ciências críticas podem chegar a identificar estruturas condicionadoras de poder que, acriticamente, se mostram como “naturais,” mas são, de fato, o resultado de uma “comunicação sistematicamente distorcida e de uma repressão sutilmente legitimada. (Habermas, 1987, p.371 apud BAUER, GASKELL E ALLUM, 2005)

Assim os dados foram levantados a partir do discurso técnico encontrado em livros de orientação aos pais. Estes livros foram selecionados a partir de um levantamento feito entre trinta e seis editoras brasileiras. Inicialmente foram listados mais de duzentos títulos.

Uma vez excluídos livros que não estavam sendo editados ou re-editados dentro do período proposto, ou aqueles que não estavam diretamente destinados a orientar pais e mães na educação de seus filhos, foram selecionados então oitenta e três títulos. Tais títulos foram pesquisados buscando-se nas editoras pelas categorias: orientação de pais; pais e filhos; educação de crianças; educação e família.

Feita esta seleção, tais títulos foram ordenados utilizando o critério de maior vendagem, considerando o número de edições e o número de exemplares por Edição. Deste modo foi feito então um ranking e os dez livros mais vendidos foram escolhidos como objeto final deste estudo (ver planilha completa com os oitenta e três livros em ANEXO B).

Quando um autor se apresentou no ranking com mais de dois títulos entre os dez mais vendidos, foi considerado somente o livro de melhor pontuação. Este é o caso dos autores Içami Tiba e Tânia Zagury. Deste modo os livros selecionados para o estudo final são de dez autores diferentes, como uma opção feita para diversificar a amostra quanto aos autores.

Cada livro foi sumarizado considerando as duas categorias definitivas de estudo: Educação e Felicidade (ver ANEXO A). Estas categorias foram estudadas com extratos dos textos originais de forma a permitir uma observação do discurso próprio dos autores.

Na amostra final, desta pesquisa observou-se que entre os dez títulos mais vendidos: 90% são de autores nacionais e 10% de autor estrangeiro. Quanto à formação principal dos autores: 50% possuem formação médica, 30% têm formação em psicologia, 20% formação em filosofia. Do total de autores, 40% têm formação em duas ou mais áreas.

Quanto às referências de bibliografia no corpo ou no final da obra, somente quatro autores se preocuparam em apresentá-las: Tânia Zagury, Gabiel Chalita, Augusto Cury e Malvine Zalcborg.

Ainda em relação a esta amostra final, quanto às editoras: 30% destes títulos pertencem à Editora Gente, 20% são da Editora Record e os demais se distribuem pelas Editoras Ediouro, Saraiva, Vozes, Sextante e Campus.

A análise dos dados realizou-se através de um estudo de Análise de Discurso, conforme Eni Orlandi (2005) define Análise de Discurso, como uma proposta crítica que busca problematizar as formas de reflexão estabelecidas.

O trabalho do analista é em grande parte o de situar (compreender) – e não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido. (ORLANDI, 2005, p. 25)

As justificativas para a escolha desta metodologia de análise se fundamentam (1) na compreensão da linguagem enquanto discurso, isto é, "*o sistema suporte das representações ideológicas*" (BRANDÃO, 1993, p.12); (2) no objetivo de se obter uma compreensão do texto e contexto dos discursos técnicos relativos à orientação de pais na educação de filhos; (3) na compreensão de que o conhecimento é socialmente construído, e, portanto, o contexto histórico e cultural deve ser considerado na análise (GILL, 2005; MINAYO, 2004).

No transcurso desta análise realizaram-se três estudos:

a. Estudo Temático - Considerando o conteúdo do discurso propriamente dito, realizou-se inicialmente um estudo temático. A partir deste estudo decidiu-se por focalizar duas categorias como principais: a Categoria Educação, levantando quais as definições utilizadas pelos autores como referentes ao ato de educar filhos; e Categoria Felicidade, levantando as definições sobre a noção de felicidade a que fazem referências tais obras, e sua relação com a noção de educação.

Inicialmente, tinham-se em mente outras três categorias a serem levantadas, além de educação: orientação, limites e valores. Mas a categoria felicidade apareceu com tal pregnância no estudo preliminar do material, que foi escolhida como uma noção de destaque associada à educação contemporânea.

b. Estudo do Discurso Compreendendo a incompletude como uma qualidade característica de todo processo de significação, como Orlandi (2005) afirma, este trabalho não esgotou as possibilidades de estudo e análise de discurso do material, mas procurou alcançar uma compreensão da articulação realizada pelos dez autores selecionados acerca das noções de educação e felicidade referidas.

c. Estudo do Contexto das Características Midiáticas (ver Capas e Ficha Técnica dos Livros) O “mídiu”, ou as características midiáticas do discurso, sugeridas por Maingueneau (2005) foram consideradas aqui dentro de nosso estudo do contexto histórico-cultural, e para caracterizar este contexto foram levantados os seguintes elementos: título do livro, autor, editora, ano, edição, tiragem, formação técnica do autor e observações sobre o livro.

Este estudo considerou, conforme Maingueneau (2005) sugere, que a dimensão material da comunicação não é um acessório, mas parte integrante da própria comunicação.

Articulando o estudo destes três eixos, pretendeu-se obter uma compreensão dos temas desenvolvidos, a partir do lugar de enunciação deste “saber” técnico e do contexto histórico-cultural no qual este se insere.

3.2 A indústria cultural e a venda de livros

Adorno e Horkheimer (1985) definem a indústria cultural como aquela que promove um “*esclarecimento como mistificação das massas*”, através da qual o conhecimento é levado ao público numa hierarquia de qualidades, de tal forma que:

Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu nível, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.116)

Tendo em mente os fenômenos da indústria cultural, procurou-se caracterizar de que forma os livros de orientação de pais poderiam estar promovendo uma “hierarquia de qualidades” e um conhecimento estereotipado baseado em uma nova norma familiar, com fins de atender às características da sociedade de consumo hipermoderna.

Para isto, escolheu-se caracterizar o discurso dos livros de orientação de pais a partir de uma lista dos dez livros mais vendidos, tomando-se como base a idéia de que estes livros são lidos por um volumoso público de pais, que buscam por orientação, e atende a uma demanda, tanto dos leitores, quanto do próprio sistema capitalista.

A autora desta pesquisa adotou esta estratégia a fim de caracterizar qual discurso (ou discursos) mais vendem livros de orientação de pais, objetivando caracterizar o que estes livros oferecem e o que seus autores entendem ou propõem como educação.

A vendagem de livros está também caracterizando os efeitos de marketing. No curso da pesquisa, observaram-se algumas estratégias de marketing de livros, como as informações que, em geral, são colocadas na capa e na contracapa do livro, a fim de atrair o interesse do leitor. Citam-se como exemplos: o número de edições ou de livros vendidos, ou os textos de apresentação na contracapa.

O conjunto destas estratégias de marketing parece oferecer mensagens significativas para o aumento do número de vendagem de alguns títulos e autores. A

pesquisa constatou a presença e a participação destes autores na direção de editoras, em “sites” na internet, em publicações de revistas, em programas de televisão e de rádio, palestras agendadas pela Internet, etc., numa extensa programação de atividades que concorrem para divulgação dos próprios livros.

Constatou-se, em campo, perguntando a quem estava folheando livros destas seções nas livrarias, se comprariam o livro “Quem ama educa!” e, aquelas pessoas que responderam afirmativamente, sem terem conhecimento do autor, se referiram ao número de edições que constava na capa (a obra estava na 160ª. edição em 2006, no momento da pesquisa de campo) como uma informação decisiva (“Vende muito, deve ser bom.”). Entendemos que estas reedições constantes são uma forma de desenvolver o marketing desta e de outras obras.

Também foi observado que algumas estratégias são adotadas na exposição do livro na livraria, como deixar o livro com a capa exposta ou somente com a lombada visível, por exemplo.

Observou-se que alguns autores têm espaços de exposição próprios nas livrarias, como Içami Tiba e Augusto Cury, pois em uma livraria visitada havia um espaço destacado somente para estes autores (estande na Livraria Siciliano no Ed. Av. Central), enquanto em outras livrarias, seus livros estavam num espaço destinado aos livros mais vendidos, assim ficando misturados com outros autores (Livrarias Galileu – Tijuca e Largo do Machado; Livraria Saraiva - Tijuca).

A Editora Gente, que edita três dos dez títulos mais vendidos, e também tem expressiva vendagem de livros entre os vinte primeiros títulos de nossa listagem de oitenta e três títulos, destacou-se na pesquisa. Esta editora tem três autores que são indicados como campeões de vendas: Içami Tiba, Roberto Shinyashiki e Gabriel Chalita.

Observa-se que cada um destes autores tem um estilo próprio e bem diferente de se dirigir ao leitor: o discurso de um se apresenta predominantemente autoritário, outro é afetivo e o terceiro, filosófico, atendendo, portanto, a leitores com identificações diferentes.

É interessante observar que Roberto Shinyashiki é o presidente da Editora Gente, como consta em sua entrevista do autor para “Revista Isto É On-line” em 19-10-2005, o que deve colaborar no marketing de seus livros.

Assim, segundo os dados aqui apresentados, a Editora Gente é uma das que mais se destaca na edição de livros destinados à formação de uma concepção contemporânea de educação em família e orientação de pais no Brasil.

Outro elemento importante que se destacou no estudo de marketing e mídia refere-se às ilustrações das capas, que mereceram um estudo à parte, pela força de suas mensagens, que complementam o discurso dos textos e, ao nosso ver, destacam noções recorrentes da hipermodernidade.

3.3. Descrição geral dos dez livros mais vendidos



1º. Lugar:

Título: “Quem ama, educa!”

Autor Içami Tiba. Editora Gente, SP, 2002.

Gênero	Educação - Crianças - Família - Pais e filhos
ISBN	85-7312-382-6
Preço	27,00
Formato	14 x 21
Páginas	304
Origem	nacional
Edição	160 a.

O livro:

Desde sua primeira edição em 2002, a editora informa 560.000 exemplares vendidos, com 160 edições (em 2006). Há traduções na Itália, Espanha e Portugal. Estes dados constam na capa do livro e no *site* da editora. Este título ganha primeira

colocação no ranking pelo número de edições em relação ao tempo desde sua primeira Edição.

Calcula-se, a partir de dados obtidos nesta pesquisa, uma vendagem de 560.000 exemplares em 5 anos, perfazendo uma média de 112.000 livros vendidos por ano; e aproximadamente 32 edições por ano, com 3.5000 livros por edição.

Observando o livro destaca-se a capa e contracapa com fundo vermelho e letras brancas, o título em letras maiores. Dados que aparecem também em destaque na capa: “Campeão de vendas em 2003/2004 – Revista Veja”; “560.000 exemplares vendidos – 160ª. edição”; e “Traduzido na Itália, Espanha e Portugal”.

Na contracapa há um texto com o título: “Mãe & Pai, o berço da Felicidade!” – que conclui da seguinte forma a apresentação do livro: *“Um manual para pais iniciantes e para os que já estão na caminhada, não importa há quanto tempo”*.

A mensagem de abertura na primeira página do livro é denominada “Felicidade”, e destaca o fato de que os pais não podem dar, comprar ou emprestar a felicidade aos filhos.

O livro se divide em quatro partes:

Parte 1- “Educação: como vive a família hoje?” Esta parte subdivide-se em cinco capítulos e apresenta alguns conceitos-chave do autor: Mãe e pai – duas faces da mesma moeda. A educação do “sim”. Três estilos de agir. Ser feliz. Gente gosta de gente.

Parte 2 – “Caminhos para uma nova educação”. Esta parte subdivide-se em oito capítulos: Unidos desde o princípio. O primeiro ano. Filhos não nascem com manual. Situações críticas. Auxílio de terceiros. Pais separados. Diferentes relacionamentos familiares. Crianças pós-modernas e o desafio de educá-las.

Parte 3 – “Pequeno manual de pai e mãe”. Esta parte constitui-se de um único capítulo com nove temas desenvolvidos em uma ou duas páginas na forma de tópicos: Preceitos gerais. Exigência e gratidão. Erros e aprendizados. Papos e comida. Hora de estudar. Entre irmãos. Cidadania. Ética. Auto-estima.

Parte 4 – “Perguntas e respostas”. Esta parte constitui-se de um único capítulo com vinte e nove perguntas respondidas. Exemplos de algumas perguntas: “Como

conseguir a ajuda do marido apático na educação dos filhos?” “Minha filha de 14 meses estapeia todo mundo. Como mudá-la?” “Minha filha de 8 anos usa minhas coisas. Devo deixar?” “Como ensinar uma criança a ser feliz?”

A linguagem do autor chama atenção pelo uso de certas palavras para se referir às crianças e seus comportamentos, como por exemplo: o termo “*parafusos de geléia*” (p.52-53) ou “*comportamento estilo vegetal*” (p.62-63) ou “*comportamento estilo animal*” (p.64-65). Seu discurso mantém assim um tom geral de repreensão feita aos pais, de tal forma que, se não chega a ser claramente agressivo, é no mínimo uma linguagem de desrespeito.

O autor:

Içami Tiba é psiquiatra e psicodramatista há trinta e cinco anos. Membro da equipe técnica e científica da “Associação Parceria Contra as Drogas”. Membro do “Board of Directors of International Association of Group Psychotherapy”.— Estas informações constam na parte interna da capa do livro, assim como a listagem dos demais títulos do autor.

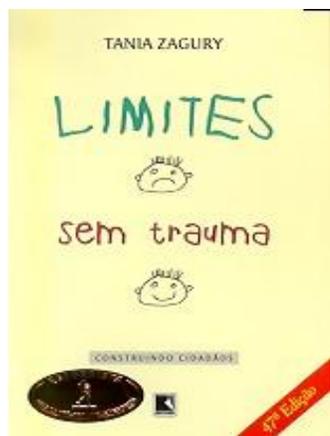
Na parte interna da contracapa, há dados apresentando “Natércia Tiba”, filha e colaboradora do autor. E há uma apresentação de Natércia feita pelo autor antes do sumário, onde afirma que o livro foi feito em co-autoria com ela, mas seu nome não aparece na capa externa e nem na ficha catalográfica, somente consta um agradecimento do autor à filha, e seu rosto aparece com um pequeno currículo na orelha posterior do livro.

Segundo informa na Internet o “site” do autor, há uma pesquisa realizada em março de 2004, pelo IBOPE, entre os psicólogos do Conselho Federal de Psicologia, que o coloca como terceiro autor de referência e admiração da categoria e o primeiro autor nacional. Nesta pesquisa em primeiro lugar está Sigmund Freud; em segundo lugar, Gustav Jung; e em terceiro lugar: Içami Tiba. Esses dados foram publicados no Jornal de Psicologia nº- 141, edição julho /setembro de 2004, do CRP-SP.

Ao conferirem-se estas informações com a publicação do Conselho de São Paulo, constatou-se que o autor distorceu um pouco os fatos a seu favor, mas seu

nome realmente aparece na pesquisa. No entanto, como a pesquisa foi feita por amostragem com 2.000 psicólogos das diferentes regiões, e Içami Tiba obteve 3% de referências, ele foi citado no total por 60 psicólogos em todo o país! Não é muito, mas é evidente que seu nome foi lembrado no meio de autores consagrados pela psicologia. Como pode ser constatado a seguir:

A pesquisa também buscou saber qual o profissional ou acadêmico que desenvolve trabalhos na área de Psicologia e que é admirado ou usado como referência. Freud foi o mais citado (8%), seguido por Gustav Jung (4%), Içami Tiba (3%) e Carl Rogers, Lacan, Melaine Klein e Winnicott (todos com 2%). Percebeu-se que faltam referências e conhecimento em relação aos profissionais e acadêmicos contemporâneos. Boa parte dos nomes citados são referências "clássicas", outros são autores da literatura denominada "auto-ajuda". A grande maioria das citações encontra-se pulverizada em centenas de nomes. (Jornal de Psicologia nº- 141, Edição julho /setembro de 2004, do CRP-SP – Seção Aberta: "Pesquisa revela o perfil completo do profissional no país". Acervo on-line disponível em: http://www.crpssp.org.br/a_acerv/jornal_crp/141/set_141.htm)



2º. Lugar:

Título: "Limites sem trauma – Construindo cidadãos"

Autora Tânia Zagury. Editora Record, RJ, 2000.

Gênero	<u>Pais e filhos - Educação</u> de crianças
ISBN	85-01-05994-3
Páginas	176
Formato	14 x 21
Preço	R\$ 32,00
Edição	72ª.

O livro:

A obra está em 72ª. edição (2005) desde sua primeira edição em 2000, com mais de 190 mil exemplares vendidos. Calculam-se uma média de 12 edições -ano, com média de 31.600 livros vendidos por ano.

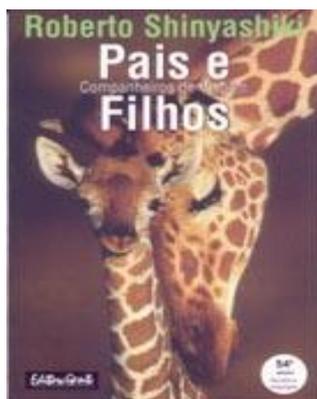
O livro se subdivide em dezoito capítulos (não numerados). Os capítulos são curtos e objetivos, a maioria das frases aparece em tópicos. Os primeiros capítulos

são destinados a definir o que são limites, e o que não são; discriminando entre ser autoritário e exercer autoridade; nos capítulos seguintes a autora traça várias estratégias, definidas por sua adequação à faixa etária da criança, que objetivam orientar aos pais como disciplinar sem bater. Ao final há uma pequena bibliografia sobre educação.

É interessante observar que a autora insiste várias vezes que os pais não devem esperar resultados imediatos do uso das orientações dadas, que devem insistir e manter-se coerentes com o que foi acordado com a criança, pois educar é uma ação que só obtém resultados ao longo do tempo.

A autora:

Segundo o currículo que consta em seu site na Internet, Tânia Zagury é Mestre em Educação pela UFRJ e possui Graduação em Filosofia (UERJ). Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 1976 a 1996 (aposentada). Professora da Escola de Educação da Universidade do Rio de Janeiro, durante o ano de 1994. Professora de escolas municipais da Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro, de 1968 a 1973. Supervisora do 3º Distrito de Educação e Cultura, Secretaria Municipal de Educação de 1973 até 1981. Articulista do site "aescola.com.br", durante os anos de 1999, 2000 e 2001. Articulista do site "escola 24h" a partir de 2002, em função. Colaboradora e articulista de várias revistas pedagógicas, tais como Aprende Brasil, AMAE Educando, Psicologia Brasil, Nova Escola, Pátio Revista Pedagógica. Consultora em Educação. Recebeu indicação para o prêmio Jabuti em 7 de seus 13 livros publicados.



3º. Lugar

Título: “Pais e Filhos - Companheiros de viagem”

Autor Roberto Shinyashiki. Editora Gente, SP, 1992.

Gênero	Educação de crianças – educação doméstica pais e filhos
ISBN	85-85247-36-3
Preço	27,00
Formato	14 X 21
Páginas	128
Origem	nacional
Edição	56ª.

O livro

O livro está em 56ª. edição, desde sua primeira edição em 1992. Calculam-se uma média de três a quatro edições por ano, durante estes quinze anos.

O livro não tem capítulos, divide-se em setenta e dois temas, tratados de forma sintética. Muitos destes temas tratando de situações específicas na relação entre pais filhos são: “Dê prioridade a seus filhos!”, “Transforme o amor em felicidade”, “A bênção de ter filhos”, “Saber caminhar juntos”, “Confrontar situações desagradáveis”, “Pedir desculpas”, “O trabalho dos pais”, “A carícia essencial”, “Papai também é gente”, “Manejo do dinheiro”, “Os filhos nas crises conjugais”, etc.

E o livro tem uma seqüência de temas tratados por faixa etária: “do nascimento aos seis meses - poder de existir”; “dos seis aos dezoito meses – poder de fazer”; “dos dezoito meses aos três anos - poder de pensar”; “dos três aos seis anos – poder de ser”; “dos seis aos doze anos – poder de ter habilidades”; “dos doze aos dezoito – poder de regenerar”.

Alguns temas são desenvolvidos na primeira pessoa, com relatos da vida do autor (nos temas como “Dialogar”, p. 74; e “Aceitação”, p. 77-80), mas a maior parte do texto é redigida na terceira pessoa, descrevendo “a criança”, “a família”, “os pais” e sugerindo orientações.

Uma das orientações deste autor se aproxima bastante da metodologia proposta por Spencer Johnson em “O Pai Minuto”. Pois tal como Johnson,

Shinyashiki sugere que uma repreensão seja precedida de uma demonstração de afeto (“Mais diálogo”, p. 76).

O autor:

Roberto Shinyashiki é Pós-graduado em Administração de Empresas (MBA-USP) e doutor pela Faculdade de Administração da Universidade de São Paulo. É autor de vários livros, entre eles “Heróis de Verdade”, “O Sucesso É Ser Feliz”, “Sem Medo de Vencer”, “Amar Pode Dar Certo”, “O Poder da Solução”, “A Carícia Essencial” e “Tudo ou Nada”, que já venderam mais de 6,5 milhões de exemplares no Brasil, na América Latina, na Europa e no Japão, segundo dados divulgados no site da Editora Gente. Ele é presidente desta Editora.



4º. Lugar

Título: “A Vida do bebê”

Autor Rinaldo De Lamare. Editora Ediouro, RJ, 1941.

Gênero

Pais e Filhos - Crianças – saúde e higiene.
Crianças - cuidado e tratamento

ISBN

8500008695

Preço

140,00

Formato

21 X 28

Páginas

772

Origem

nacional

Edição

41ª.

O livro:

O livro está em 41ª edição – 6ª. Re-impressão (2001) e já vendeu 6 milhões e 500 mil exemplares, sendo editado desde 1941. Perfazendo uma vendagem de 6 milhões e 500 mil exemplares em 65 anos, ou seja, 100.000/ano, e média de 158.500 livros por edição. Este título ganharia o ranking, considerando-se o número de exemplares vendidos e a quantidade média de livros por edição.

No entanto, esta colocação se dilui quando considerado o número de anos em que está no mercado. É o livro mais caro de todos os livros selecionados (quase o triplo do preço médio dos demais livros), e isto deve interferir em sua “vendabilidade”.

Trata-se de um verdadeiro compêndio (possui mais de setecentas páginas) sobre a criação de crianças do primeiro ao segundo ano de vida e tem o seguinte subtítulo:

Ensinamentos e conselhos modernos e práticos, escritos especialmente para mães criarem e educarem seus filhos, desde o primeiro dia de vida até eles completarem dois anos, a idade mais importante, mais difícil e mais interessante do ser humano.

A obra se subdivide em trinta e um capítulos, abordando desde questões práticas sobre o enxoval do bebê até um pequeno glossário caracterizando as principais doenças infantis. O autor descreve mês a mês o desenvolvimento dos dois primeiros anos de vida, incluindo temas de desenvolvimento tanto biológico, quanto psicossocial.

As orientações aos pais são práticas, referindo-se em grande parte aos cuidados de saúde, alimentação, higiene e desenvolvimento. As questões relacionadas à educação são tratadas brevemente, destacando-se a necessidade do tempo longo para a criação de hábitos. O autor comenta ainda, várias vezes, que os pais devem observar a criança para poder educá-la melhor.

O autor:

Rinaldo Victor De Lamare (1910-2002) graduou-se em Medicina Pediátrica pela Faculdade Nacional de Medicina, atual UFRJ, em 1932. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria de 1948 a 1949. E em 1991, assumiu a presidência da Academia Nacional de Medicina, tornando-se o segundo pediatra a chegar a este cargo. Foi Diretor do Departamento Nacional da Criança, Superintendente e Vice-presidente da Legião Brasileira de Assistência. Livre docente pela Faculdade Nacional de Medicina, foi também titular da cadeira de Pediatria da PUC do Rio de Janeiro.

**5º. Lugar**

Título: “Comunicação entre Pais e Filhos - A linguagem do sentir” – Autora Maria Tereza Maldonado.

Editoras: Vozes, RJ, 1983./ Saraiva, SP, 1997.

Gênero	<u>Pais e filhos - Educação</u> – Adolescentes
	Crianças – Psicologia
ISBN	85-02-01491-9
Formato	14 x 21
Preço	R\$ 32,00
Edição	27ª. (Ed. Saraiva)

O livro:

Este livro era inicialmente editado pela Editora Vozes, e a primeira edição data de 1983. Atualmente ele é editado pela Saraiva e está em 27ª edição por esta editora (2004). Ao longo desta pesquisa os dados obtidos não foram suficientes para se fazer uma estimativa de quantas edições reais foram feitas desta obra.

A capa tem fundo escuro (marrom e preto) com título e nome do autor em letras brancas, o título em destaque. A capa desta edição (2004) tem uma ilustração apresentando uma família negra (pai, mãe filho e filha) num local verde e há uma cesta de piquenique, sugerindo que a família está numa situação de lazer. Todos sorriem. Os pais olham para as crianças.

O texto de apresentação do livro na contracapa destaca que educar filhos “*é uma arte em que o amor é o elemento mais importante, embora não suficiente: é preciso desenvolver a sensibilidade para captar o que os filhos sentem e pensam*”, pois, entre erros e acertos, surgem dúvidas e os pais se perguntam “Somos bons pais?” Esta pergunta parece que objetiva criar um interesse imediato, pois é muito provável que qualquer pai ou mãe já a tenha se feito.

O livro se divide em cinco capítulos: “(1) Filhos – o grande desafio. (2) A imagem de “bons pais” – mitos, expectativas e dificuldades. (3) A criança como pessoa. (4) Formas típicas de comunicação e seus efeitos. (5) Formas terapêuticas de comunicação e seus efeitos.” E um apêndice: “Grupo de Pais”.

A autora apresenta orientações contextualizadas a partir de exemplos e histórias, discorre em parágrafos longos e detalhados sobre as formas diversas de comunicação entre pais e filhos. Ela relaciona a disfunção na comunicação a dupla

pais-e-filhos, e não se focaliza somente no comportamento “errado” dos filhos. Falando sobre a conduta dos pais discrimina três modalidades: condutas autoritárias, permissivas e de resolução conjunta, destacando o valor positivo desta última.

A autora instrui aos pais na utilização daquilo que ela denomina de formas terapêuticas de comunicação: reflexão de sentimentos, estimulação da auto-expressão, reconhecimento de limites e conseqüências, resolução conjunta de conflitos, orientação antecipatória e reassseguramento.

Ao final do livro, a autora vende sua marca MTM (marca registrada) e seus serviços de orientação de pais (apêndice, p. 163-166).

A autora:

Maria Tereza Maldonado tem Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio, (1974) e Graduação em Psicologia - PUC-Rio, (1971). Docente do Curso de Formação de Negociadores da FGV-RJ - 2004. Colunista da Revista Vida do Jornal do Brasil entre 2003-05. Vice-presidente da ONG “Cruzada do Menor” (trabalha com projetos sociais) desde 2000. Consultora do programa "A Paz Começa em Casa", da Pastoral da Criança em 1999. Membro do Conselho Deliberativo da ABTH – ONG Associação Brasileira Terra dos Homens (trabalha com projetos sociais) desde 1996. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Santa Úrsula entre 1972-75, e professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio entre 1972-84.

**6º. Lugar****Título:** “A Criança, O Lar e a Escola”.**Autor** Pierre Weil Editora Vozes, RJ, 1960.**Gênero:** Educação – Pais e filhos**ISBN:** 85-326-0554-0**Páginas:** 216**Formato:** 13.7 x 21.0 cm**Edição:** 24ª (2004)**Preço:** R\$ 32,90**Edição:** 24ª.**O livro**

Este livro está em 24ª edição (2004) e é editado desde 1960. É o segundo livro mais antigo da amostra. A obra se divide em quatro partes: “(1) Conheçamos a nós mesmos; (2) Pais, professores e alunos nas suas relações humanas; (3) O papel do professor na educação; (4) Pequeno dicionário de psicologia educacional para pais e professores”. A linguagem e alguns temas (como o preparo das meninas para o casamento, p. 126) traem esta antiguidade de quarenta e sete anos da primeira edição desta obra, enquanto outros temas parecem tão atuais, que nos dão uma amostra de que nossa “crise na educação” tem um longo percurso já trilhado (p.69).

O livro é ilustrado por Roland Tompakow, que também ilustrou outros livros do autor. E estas ilustrações conferem um tom ao discurso, que se diferencia dos demais livros. As ilustrações permitem uma visualização do que está no texto, mas acrescentam um tom de crítica com humor, e muitas são realmente bem engraçadas.

Um exemplo desta crítica bem humorada se dá, quando o autor se refere aos pais que tratam os filhos com brutalidade, e a ilustração que acompanha mostra um casal das cavernas assistindo televisão (p. 49); ou na parte que se descrevem crianças agitadas e inquietas, e a ilustração correspondente é a de uma professora de piano tentando dar aulas de músicas para um menino que sobe na janela para pegar uma borboleta (p. 120).

A capa também ilustrada por Roland Tompakow é outro exemplo do humor crítico que atravessa todo o conteúdo da obra, pois para cada parte do título, há uma ilustração correspondente: “A criança” - aparece um menino com as mãos entrelaçadas na frente do corpo e uma “carinha de inocente”; “o lar” – aparece uma

tríade pai-mãe-filho, em que os pais demonstram raiva e parecem gritar um com outro e a criança está entre eles; e “a escola” – aparece um professor de barbas longas, lendo enquanto uma criança abaixa a cabeça sobre a carteira.

A primeira parte do livro apresenta noções de psicologia da personalidade de forma resumida, e em síntese, para dizer que as pessoas são diferentes, e os pais devem conhecer e respeitar as características de seus filhos.

A segunda parte se refere às formas possíveis de relacionamento entre pais e filhos: com indiferença e rejeição; com superproteção dos pais; com brutalidade; pais rígidos e autoritários; e pais democráticos. E exemplifica cada situação e suas conseqüências através de ilustrações. Faz o mesmo no que diz respeito à relação professor-aluno. E conclui destacando que seu objetivo é ensinar a educar para a liberdade e: *“Só se educa para liberdade, dando liberdade para aprender a saber usá-la.”* (p.86)

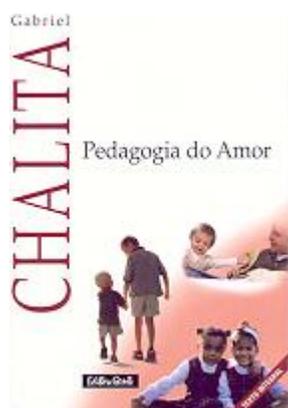
A terceira parte se dedica às questões relativas à educação na escola, a vocação do professor, como ensinar e que tipo de motivação é mais adequada, quando se tem, como objetivo, desenvolver relações democráticas.

A parte final é um pequeno dicionário com diversas situações do dia-a-dia entre pais e filhos, professores e alunos, com alguns comentários e reflexões. Trata, entre outros temas de: castigos e recompensas, gagueira, ciúmes, medos, nível de aspiração, anorexia, etc. O curioso é que o autor quase não sugere soluções, ele basicamente descreve o problema e procura envolver os pais nas dificuldades dos filhos.

Há um apêndice com dois temas que não são tratados em outra parte do livro: drogas e crianças superdotadas. Aqui o autor introduz referências à psicologia transpessoal, sua abordagem atual, que não transparece no restante da obra. Isto nos faz crer que este apêndice tenha sido escrito bem depois de a primeira edição ter sido lançada.

O autor

Pierre Weil tem hoje oitenta e três anos de idade, e é escritor, educador e psicólogo. Ele é Presidente da Fundação Cidade da Paz e Reitor da UNIPAZ (UNIVERSIDADE Holística Internacional de Brasília). Doutor em Psicologia pela Universidade de Paris. Professor Emérito do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Cidadão Honorário da Cidade de Brasília. Autor de mais de trinta obras e de uma centena de artigos em várias línguas. Um dos seus livros, "A Arte de Viver em Paz", foi publicado pela UNESCO. Co-fundador da Associação Internacional de Psicologia Transpessoal, da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, da Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama e da Organização das Entidades Não Governamentais Brasileiras, junto à organização das Nações Unidas (ONU). Ex- Diretor do Consultório Psico-Pedagógico da Sociedade Pestalozzi do Brasil - Rio de Janeiro. Recebeu diversos prêmios por suas atividades: 1994 - Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. 1998 - Cidadão Honorário da Cidade de Brasília. 2000 - Prêmio UNESCO de Educação para Paz - menção de Honra. 2002 -Prêmio UNESCO de Educação para Paz. E em 2002 foi apresentado para Prêmio Nobel da Paz 2003.



7º. Lugar

Título: “Pedagogia do Amor: a contribuição das histórias universais para formação de valores das novas gerações”

Autor Gabriel Chalita.

Editora Gente, SP, 2003. Edição de bolso

Gênero Educação e Família – Pedagogia - Valores

ISBN 85-7312-463-6

Preço R\$ 15,00

Formato 12 X 18

Páginas 168

Origem nacional

Obs Edição 23ª. (formato 14x21) e 6ª. (formato 12 x 18)

O livro

Este livro estava em 23ª edição (2004), e ganhou um novo formato em edição de bolso que já está na 6ª edição (2006). A versão inicial deixou de ser publicada. Na prática é o mesmo livro, porque a versão de bolso vem com texto integral da versão anterior (com isto se poderia inclusive computar como 29ª edição).

O livro se divide em doze capítulos e apresenta referências bibliográficas, notas e bibliografia. Descrição do livro de bolso: a capa é branca, com o sobrenome do autor em destaque maior que o título do livro. Aparecem três imagens com crianças (um pai e um bebê, dois meninos brancos, e duas meninas negras). Na contracapa há uma foto do autor, uma curta apresentação do livro (*“É um livro que nos traz a esperança de um novo tempo, mais justo e fraterno”*.) e um mini-currículo do autor.

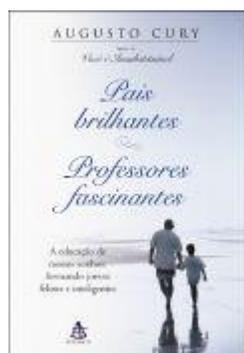
O conteúdo do livro se destaca na amostra, porque é o único que não faz orientações diretas aos pais de como “operacionalizar” a relação com os filhos. Nesta obra o autor reconta diversas histórias de diferentes culturas, a partir das quais discute e reflete sobre conceitos de vida e valores universais.

As histórias escolhidas pelo autor como temas são: “Sherazade e o valor do amor”; “Damon e Pítias e o valor da amizade”; “Dom Quixote e o valor do idealismo”; “Davi e Golias e o valor da coragem”; “Vidas secas e o valor da esperança”; “Hércules e o valor do trabalho”; “Cinderela e o valor da humildade”; “O rei Salomão

e o valor da sabedoria”; “O patinho feio e o valor do respeito”; “Estrela de jóias e o valor da solidariedade”; “A ópera, o maestro e os músicos – *post-scriptum*”.

O autor

Gabriel Benedito Issaac Chalita possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1994), graduação em Filosofia pela Faculdade Salesiana de Filosofia Ciências e Letras de Lorena (1989), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1995), mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997) e doutorado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Revista Profissão Mestre. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Teoria do Direito. Aos 18 anos, foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal de Cachoeira Paulista. Desde então, tem exercido numerosos cargos, governamentais e não-governamentais. Foi Secretário Estadual de Educação de São Paulo.



8º. Lugar

Título: “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”

Autor Augusto Cury. Editora Sextante, RJ, 2003.

Gênero	Educação de crianças – Crianças - formação
ISBN	8575420852
Páginas	176
Formato	14 x 21
Edição	21ª.

O livro

O livro se encontra em 21ª edição (2007) desde sua primeira edição em 2003.

A capa tem fundo azul e uma foto de um homem adulto andando de mãos dadas com um menino à beira-mar. As letras do título se destacam num azul

metálico e brilham contra a luz. O nome do autor aparece no alto da capa e logo abaixo está escrito: “*autor de Você é Insubstituível*”. Ainda na capa aparece o seguinte: “*A educação de nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes*”.

Na contracapa está um texto de apresentação do livro, em que se destacam os temas fundamentais do livro: “*os sete hábitos dos pais brilhantes; os sete hábitos dos professores fascinantes; os sete pecados capitais dos educadores; as dez técnicas pedagógicas que podem revolucionar a sala de aula e a de casa*”.

O livro se divide em seis partes. Na parte um o autor distingue entre os hábitos de pais e professores somente bons, daqueles que são brilhantes, a saber aqueles que: são capazes de dar o seu próprio ser, ao invés de darem presentes; nutrir a personalidade, e não somente o corpo; ensinar a pensar, no lugar de corrigir somente os erros; preparar para os fracassos, e não para os sucessos; dialogar, contar histórias e nunca desistir.

Na parte dois, o autor distingue entre os hábitos de pais e professores somente bons, daqueles que são fascinantes: aqueles que conhecem o funcionamento da mente; possuem sensibilidade; educam a emoção; usam a memória como suporte da arte de pensar; são inesquecíveis; resolvem conflitos e educam para a vida.

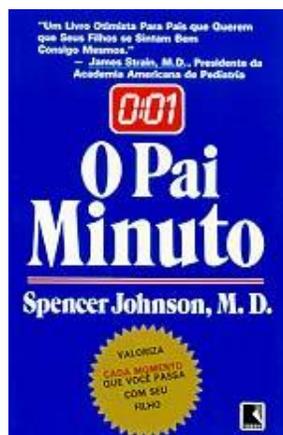
A parte três se dedica aos pecados capitais do educador: corrigir em público; expressar autoridade com agressividade; ser excessivamente crítico; punir com ira e dar limites sem explicações; ser impaciente e desistir de educar; não cumprir com a palavra; destruir esperanças e sonhos.

A parte quatro denomina-se “Os cinco papéis da memória”, o autor discorre sobre a importância da emoção nos processos da memória. A parte cinco, “A escola de nossos sonhos”, desenvolve um projeto do autor com sugestões práticas para humanização das relações humanas na escola. E a parte seis é uma história que visa concluir o livro discutindo a importância do educar para a sociedade.

O autor:

Segundo dados da editora, Augusto Cury é médico psiquiatra com Pós-Graduação em Psicologia Social, com pesquisa realizada na Espanha na área de

Ciências da Educação. Fundador da “Academia de Inteligência”, um instituto que promove seminários, cursos e treinamento sobre qualidade de vida e desenvolvimento da inteligência lógica, emocional e multifocal para empresas, profissionais liberais, educadores, psicólogos e público em geral. Outras obras do autor: “Você é Insostituível”, “Dez Leis para Ser Feliz”, “Revolucione sua Qualidade de Vida”, “Seja Líder de Si Mesmo” e “Nunca Desista de Seus Sonhos”, publicados pela Sextante. Ele também é autor de “Inteligência Multifocal” (Editora Cultrix), “Treinando a Emoção para Ser Feliz” e da coleção “Análise da Inteligência de Cristo”, publicados pela Editora Academia de Inteligência” (Fonte destes dados: Site da Editora Sextante). Observa-se que não constam dados definindo onde e nem quando o autor obteve sua formação.



9º. Lugar

Título: “O Pai Minuto”: A forma mais rápida de você ajudar seus filhos a aprenderem a gostar de si mesmos e a quererem se comportar de maneira adequada.

Autor Spencer Johnson. Editora Record, RJ, 2005.

Tradução Sonia Miranda

Copyright 1983 by Candle Communications Corporation.

Gênero: Pais e filhos – Responsabilidade paterna –Psicologia

ISBN: 85-01-03580-7

Páginas: 112

Formato: 14x21

Preço: R\$ 29,00

Edição: 18ª.

O livro

Inicialmente este livro era editado pela Editora Record, mas passou a ser editora pela Gestão Plus, que se dedica a livros sobre gestão de empresas, administração, etc e tem outros livros deste autor. Este livro faz parte de uma série

de livros baseado numa mesma metodologia proposta pelo autor: “A Mãe Minuto”, “O Pai Minuto”, “O Professor Minuto”, etc.

A capa tem fundo cinza e as letras brancas. Contém o título, o nome do autor, uma ilustração - um mostrador de minuto de um relógio digital estilizado dentro da letra “O” do título “O Pai Minuto”.

E também tem o seguinte trecho logo abaixo do título: *”Um livro otimista para pais que querem que seus filhos se sintam bem consigo mesmos – James Strain, M.D., presidente da Academia Americana de Pediatria”*. E destaca num balão em dourado (como um selo de garantia), a seguinte frase: *“Valoriza cada momento com seu filho”*.

A obra desenvolve uma metodologia de como educar crianças e adolescentes baseando-se em alguns princípios, que são adequados a todas as situações: as repreensões-minuto, os elogios-minuto e os objetivos-minuto. Estas três etapas fundamentam uma técnica de comunicação clara entre pais e filhos, que visa disciplinar a conduta errada sem deixar de demonstrar o amor pela criança, objetivando criar um reforço da auto-estima e ainda assim dar limites claros e simples, com punições igualmente claras e simples.

Diferentemente dos demais autores estudados, que dão várias sugestões para as mais diversas situações, este autor cria um método muito simples, que pode ser usado para qualquer faixa etária em qualquer situação, em que mostra que é a forma de educar o que conta, e não exatamente o conteúdo do que pode ou do que não pode deixar a criança fazer.

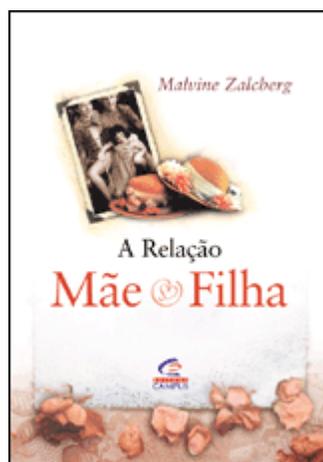
O título é curioso, porque se refere exatamente à questão do tempo, e pode passar a idéia de que o autor propõe uma “educação rápida”. Mas não é bem deste modo: o autor diz que o tempo de um minuto é o suficiente para traçar um objetivo claro, ou fazer uma repreensão direta e eficaz ou um elogio. Também afirma que seu método dá resultados rápidos, mas que é necessário um tempo longo para resultados duradouros. E ainda diz que o tempo com os filhos não deve ser desperdiçado, sem educá-los.

O discurso do autor é desenvolvido como um diálogo com o leitor, como se este fosse um pai jovem em busca de orientação com um pai mais experiente,

parecendo ter como objetivo criar uma atmosfera de confiabilidade no leitor. A obra é quase toda na primeira pessoa e o “Pai-minuto” (que representa o pai mais experiente) conta ao pai-mais-jovem como educou seus filhos após a morte de sua mulher, quando se deparou com uma tarefa à qual nunca havia se dedicado antes – educar realmente seus filhos – pois antes vivia para o trabalho.

O autor

Spencer Johnson tem duas formações, ele é graduado em Psicologia (Universidade da Califórnia do Sul) e em Clínica Médica (Faculdade de Medicina de Harvard). Trabalhou como consultor do “Center for the Study of the Person”, do “Human Dimensions in Medicine Program”, e do “Office of Continuing Education” da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, em La Jolla. Hoje se dedica a dar cursos sobre comunicação, tem várias obras sobre psicologia, motivação e comunicação. É o presidente da “Candle Communications Corporation” nos EUA. E segundo a contracapa do livro *“seus livros já venderam mais de onze milhões de exemplares em vinte e seis línguas”*.



10º. Lugar

Título “A Relação Mãe e Filha”

Autora Malvine Zalcberg.

Editora Campus - Elsevier, RJ, 2002.

Gênero: Mães e filhas - Psicanálise

ISBN: 85-352-1164-0

Preço: R\$ 45,00

Páginas: 216

Formato: 14x21

Origem: nacional

Edição: 10ª.

O livro

A capa tem alusões ao feminino: um fundo de renda com flores, dois chapéus de mulher e uma foto em preto-e-branco, onde aparecem três pessoas do sexo feminino: uma menina, uma mulher adulta e uma senhora mais idosa. Na

contracapa um texto de apresentação sem título, mas assinado por Jurandir Freire Costa.

O livro se subdivide em sete capítulos e discorre sobre a teoria psicanalítica aplicada às questões da relação mãe-filha: (1) A descoberta da importância da mãe para a menina. (2) Como a menina inscreve-se no desejo da mãe? (3) Para a menina, resta a nostalgia... (4) A mulher é menos castrada do que o homem (5) “Mãe, como é para você ser mulher?” (6) “Um filho será meu filho até encontrar uma mulher, mas uma filha será minha filha toda a vida”.(7) A filha, enquanto mulher, espera mais substância de sua mãe do que de seu pai.”

Na categorização feita pela editora o título está incluído na categoria pais e filhos, e por isto tomamos também como objeto do estudo, mas é a obra mais distante de uma idéia de orientação prática na educação de crianças.

A obra não apresenta sugestões ou orientações de ordem prática, e é bastante teórica. Com parágrafos longos, a autora faz uma análise dos diversos aspectos da relação entre mãe e filha. Esta obra mais favorece a reflexão, do que instrumentaliza comportamentos objetivos. Embora faça algumas vezes referências a casos e exemplos, a abordagem da autora remete sempre à reflexão, baseada nos autores psicanalíticos, especialmente Freud e Lacan. Inclui a cada capítulo as notas de referências bibliográficas. As referências diretas à concepção de educação e felicidade foram quase nulas.

A autora

Malvine Zalcborg é psicanalista, formada em Psicologia, com pós-graduação em Psicologia Clínica. Sua tese de doutorado foi elaborada na PUC-Rio e na Université Paris VII, contemplada com uma bolsa da CAPES. Afastou-se de suas atividades de ensino e pesquisa que exercia na qualidade de Professora Adjunta do IP-UERJ no ano de 2000, após ter exercido ao longo de 25 anos, o cargo de Coordenadora do Setor de Terapia Familiar do Serviço de Psiquiatria do Hospital Universitário Pedro Ernesto, o de Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica e o de Coordenadora do Curso de Especialização em Clínica

Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UERJ. É membro da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).

3.4 Comentários sobre as capas dos livros

As capas dos livros são a primeira coisa que se vê, quando se observam livros. Considerá-las como material de estudo colaborou para uma compreensão mais abrangente do contexto midiático e trouxe algumas reflexões.

Em setenta por cento das obras de nossa amostra, as capas fazem alusão aos relacionamentos, apresentando figuras humanas, com cenas de referência aos relacionamentos familiares ou à criança, de forma direta - com fotos de pessoas - ou indireta, com fotos de animais, como a dupla de girafas adulto-filhote em “Pais e Filhos Companheiros de Viagem”, ou ilustrações, como as duas carinhas em “Limites sem Trauma” e os desenhos de Roland Tompakow na capa de “A Criança, O Lar e a Escola”.

Em somente duas capas não há nenhuma referência ao relacionamento humano ou à figura humana. Estas duas trazem ilustrações curiosas: uma tem o ideograma japonês para “Felicidade” e outra traz um pequeno mostrador de relógio digital, marcando um minuto. Imagens que reforçam nossa observação da ligação feita nestas obras entre educação-felicidade e educação-tempo.

A cor vermelha e a frase imperativa na capa do livro de Içami Tiba, que afirma: “*Quem ama educa!*”, com a Felicidade como fundo, parece indicar o que encontraremos no livro, um discurso de alguém que se coloca como uma forte autoridade diante dos pais e que irá guiá-los rumo à felicidade familiar.

Sobre a cor vermelha há um interessante estudo no livro “*A Cor Como Informação*” de Luciano Guimarães (2000) que apresenta as possibilidades de interpretação do vermelho, uma cor de forte conteúdo emocional, associada à violência, à paixão e à proibição. E que no caso do livro de Içami Tiba provavelmente foi escolhida para capa como estímulo para uma rápida escolha emocional do leitor,

favorecendo a compra do livro e também sublinhando a autoridade do autor e da mensagem contida no título: *“Quem ama educa!”*.

A mesma coerência entre a mensagem da obra e a capa pode ser observada na capa de *“O Pai Minuto”* com um mostrador de relógio digital e o subtítulo: *“a forma mais rápida de você ajudar seus filhos a aprenderem a gostar de si mesmos e a quererem se comportar da maneira adequada”*, fomentando a idéia de que o livro trará uma solução rápida para os pais. E de fundo, um selo dourado na capa, deixa-se supor uma idéia de qualidade garantida.

Em *“Pais Brilhantes, Professores fascinantes”* a capa com fundo azul suave, cor que confere certa profundidade à cena (GUIMARÃES, 2000), e a foto de um homem adulto, andando de mãos dadas com um menino à beira mar, tudo isto associado às letras do título, que brilham contra a luz, parecem indicar o brilho e a profundidade que vem junto com a obra, e que ao comprá-la e lê-la, o leitor estará tendo acesso a estes, tornando-se um “pai brilhante”, como o pai da foto deve ser.

A predominância de ilustrações com referência aos relacionamentos familiares procuram destacar uma imagem de afeto: as girafas, que se tocam carinhosamente; a família, que faz um piquenique e parece posar para uma foto; as crianças, que aparecem juntas ou de mãos dadas; pai e filho, caminhando por uma praia de mãos dadas; a foto “de família” com três gerações de mulheres, num contexto de delicadeza, criado por chapéus floridos e rendas.

E ainda há a capa com a linda menina, que aparece em “close” na obra de De Lamare, numa idéia bastante coerente, com o título de um outro livro clássico e semelhante a este, um “best-seller” para mães das décadas de 1960-70: “Meu filho, meu tesouro”, do Dr. Benjamin Spock (Título original: “Baby and Child Care”) – que atualmente não é mais editado no Brasil, mas ainda assim apareceu em nossa listagem dos oitenta e três livros mais vendidos.

Associar as idéias de “filho” e “tesouro”, seja pelo título de Spock ou pelas fotos usadas por De Lamare, parece muito adequado para obras que apresentam traços comuns às noções higienistas de fins do século XIX, com um “lay-out” mais hipermoderno. Os filhos passaram realmente a ser um tesouro, confirmando a

concepção de Bauman de que: *“Esta é uma época em que um filho é, acima de tudo, um objeto de consumo emocional”* (BAUMAN, 2004, p. 59).

Em síntese, parece-nos que todas estas capas tão “humanas” reforçam uma mensagem de que a família deve ser unida, afetiva, ter crianças felizes e sorridentes; e que os especialistas, autores dos livros, vão ajudar os pais nesta tarefa.

3.5 O que se apresenta nestes livros?

Observando-se inicialmente a linguagem dos diversos autores destacam-se diferenças interessantes, quanto ao tom - uns são carinhosos com os pais, (“Limites sem trauma”, ZAGURY, 2002; “Pais e Filhos – Companheiros de Viagem” de SHINYASHIKI, 1992), enquanto outros parecem que “dão uma bronca” e às vezes até ofendem o leitor (“Quem Ama educa!”, TIBA, 2002)), já outros parecem mais neutros (“Comunicação entre Pais e Filhos”, MALDONADO, 2004).

Há também diferenças quanto ao estilo. Enquanto os autores Rinaldo De Lamare, Içami Tiba, Roberto Shinyashiki, Tania Zagury e Maria Tereza Maldonado parecem mais científicos, outros autores têm uma atitude bastante diferente, imprimindo a suas obras características mais estéticas e literárias.

Observa-se que o uso da imagem na obra “A Criança, O Lar e a Escola” de Pierre Weil (2004) serve para uma promover uma crítica, mas que parece fortalecer o próprio texto.

Um discurso do tipo literário com caráter estético pode ser observado na recontagem de histórias da cultura universal feita por Gabriel Chalita (2005) em “Pedagogia do Amor”, através das quais passa sua mensagem, em tom filosófico, sobre educação. E na linguagem metafórica, com alusões às parábolas de Cristo, no discurso de Augusto Curry (2003), em “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”.

Os livros “Pedagogia do Amor”, “Pais Brilhantes Professores Fascinantes”, e “A Relação Mãe Filha” tem características distintas da maioria porque não fazem

orientações diretivas aos pais: o livro de Gabriel Chalita (2005), claramente não tem este tipo proposta. O livro de Augusto Curry (2003), “Pais Brilhantes Professores Fascinantes”, se aproxima da obra de Chalita pelo caráter estético, como foi dito acima, e por oferecer orientações menos diretivas, embora focalize temas próprios à relação entre pais e filhos e tenda a desenvolver um discurso moralizante. E o livro de Malvine Zalcborg (2002), “A Relação Mãe Filha”, tem a proposta de desenvolver o discurso e o conhecimento psicanalítico.

Salvando-se estas exceções, a maioria dos livros pesquisados tem capítulos ou partes de capítulos dedicados a orientar “como” os pais devem lidar com comportamentos específicos dos filhos. Tais capítulos exemplificam uma abordagem instrumental do conhecimento, sugerindo atitudes e respostas dos pais diante de situações determinadas, como crises de birra em locais públicos, por exemplo, uma situação que aparece em mais de uma obra (ZAGURY, 2002; JOHNSON, 2005; TIBA, 2002).

Em muitas destas obras o conteúdo é pedagógico e embasado em informações sobre desenvolvimento infantil (DE LAMARE, 2001; ZAGURY, 2002; MALDONADO, 2004; TIBA, 2002), outras vezes parece partir de casos do dia-a-dia do autor (ZAGURY, 2002; TIBA, 2002; SHINYASHIKI, 1992), a fim de exemplificar um conceito. Somente um destes é exclusivamente teórico, fundamentado na teoria psicanalítica (ZALCBORG, 2002).

O tema da comunicação aparece em quase todas as obras, como um aspecto fundamental na relação entre pais e filhos. As sugestões quanto às formas de se obter esta boa comunicação, e por conseqüência uma boa relação entre pais e filhos, variam em função da fundamentação que parece embasar os diferentes autores.

Alguns autores têm uma formação claramente psicanalítica como Malvine Zalcborg (2002), outros deixam transparecer sua formação filosófica como Gabriel Chalita (2005) ou a formação médica (TIBA, 2002; DE LAMARE, 2001).

Os autores com formação psicológica dão maior destaque à questão da comunicação e metodologias para desenvolver tal comunicação (MALDONADO, 2004; WEIL, 2004) E, embora Roberto Shinyashiki seja médico psiquiatra, seu discurso em “Pais e Filhos – companheiros de viagem” é bastante psicológico, enfatizando a comunicação e a expressão dos afetos entre pais e filhos. É provável que o fato de o autor também ter uma formação em administração de empresas seja importante para sua compreensão dos fenômenos e efeitos da comunicação.

O tema dos limites também está presente em muitos destes livros, inclusive sendo chamada do título de um deles, no caso de “Limites sem trauma” de Tânia Zagury, e também aparece destacado no conteúdo nos livros “Quem ama, educa!”, “Comunicação entre Pais e Filhos” e “O Pai Minuto”.

Referências à felicidade são feitas em todos os livros. A idéia aparece associada à noção de que educar bem teria como objetivo final promover a felicidade dos filhos. Esta relação é claramente feita por Içami Tiba (2002) e Spencer Johnson (2005). Já Augusto Curry afirma que: “*Felicidade não é obra do acaso, felicidade é um treinamento*” (CURY, 2003, p.41)

Na contracapa de “Quem ama, educa!” de Içami Tiba, há um texto intitulado “Mãe e pai, o berço da felicidade!”. E diz:

Este livro é sobre como educar os filhos ao criá-los. Sobre como possibilitar, desde o nascimento, que eles sejam pessoas responsáveis por sua felicidade e conscientes de sua responsabilidade social.
(TIBA, 2002, contracapa.)

O tema da felicidade também é muito abordado em “O Pai Minuto” (JOHNSON, 2005) e em “Pais e Filhos – Companheiros de Viagem” (SHINYASHIKI, 1992), mas com conotações diferentes da abordagem de Içami Tiba (2002). Esse tema mereceu um destaque especial e se desenvolverá numa análise adiante.

De todos os livros, o mais antigo e que atravessa gerações sendo um *best-seller* – “A Vida do Bebê” de Rinaldo De Lamare, é o mais caracteristicamente orientado por um discurso médico, detendo-se boa parte da obra nos cuidados de puericultura do primeiro ano de vida.

Dos outros livros, também escritos por médicos, todos se detêm mais em aspectos e questões comportamentais: “Quem Ama Educa!”, “Pais e Filhos Companheiros de Viagem”, “O Pai Minuto”, “Pais Brilhantes, Professores Fascinantes”.

A questão do tempo longo, como um tempo necessário para se obter resultados na educação, é um aspecto muito destacado por Tânia Zagury em “Limites sem Trauma” e também aparece com destaque em “O Pai Minuto” e “Pais e Filhos – companheiros de viagem”.

Tânia Zagury (2002) repete diversas vezes que a educação não traz resultados imediatos e que os pais devem persistir em suas condutas educativas. Esta noção de persistência também é muito presente em “Pais e Filhos – companheiros de viagem”. Já, em “Quem ama educa”, isto aparece de outro modo, através da proposta do autor de um sistema educativo que apresente coerência, constância e conseqüência.

Os três autores mais vendidos em nossa pesquisa: Içami Tiba (2002), Tania Zagury (2002) e Roberto Shinyashiki (1992) afirmam repetidas vezes que “educar dá trabalho”. Esta frase de senso comum chamou a atenção no decorrer da pesquisa, pelo fato de ser dita tantas vezes, como se os pais precisassem de alguma confirmação, ouvindo isto de alguém que representasse uma autoridade.

Paralelamente, Roberto Shinyashiki (1992) destaca o fato de que ter filhos é uma escolha, que assim deve ser assumida e com responsabilidade, a responsabilidade de se educar os filhos. Esta noção de que os pais devem-se pensar como educadores dos filhos é ratificada pelos três autores de maior vendagem. Novamente parecendo ratificar o óbvio, que supõe-se aqui, não é mais tão óbvio assim!

3.6 A Educação para a Felicidade segundo os dez autores mais lidos

IÇAMI TIBA: Destaca que educar um filho deve ir além da informação e que educar deve-se pautar pela necessidade dos filhos. Afirma que o resultado da educação é a felicidade, e que uma educação pelo prazer não cria auto-estima. Só amar não educa; educar é responsabilizar; educar é civilizar. O desafio em educar se refere a inculcar valores na criança. Segundo ele, saber o que é educativo não é para seres humanos comuns, assim concluímos que há uma diferença básica entre o ser humano comum e os pais. Educar dá trabalho, e os resultados não são imediatos. O autor critica os pais que têm “comportamento animal” (agressivo) ou “comportamento vegetal” (omisso) ao educarem os filhos. E critica os livros de educação por perpetuarem a sobrecarga da mulher e aliviarem a da figura masculina; ele ainda afirma que o homem deve superar o machismo para ser interessado em educar o filho. Ensina aos pais a tratar de várias situações educacionais específicas, com sugestões, exemplos e uma sessão de perguntas e respostas.

Educação e felicidade: Propõe que se deve, ao criar os filhos, educá-los para possibilitar, desde o nascimento, que eles sejam pessoas responsáveis por sua própria felicidade. O autor também estabelece quatro níveis hierárquicos para a noção de felicidade - felicidade egoísta, felicidade familiar, felicidade comunitária e felicidade social. Ele estabelece que a educação deve promover o nível de felicidade social, como uma *“expressão máxima da saúde relacional social, pois se eleva acima das felicidades anteriores”*. Nota-se com isto que ele desqualifica os outros três níveis, particularmente o nível de felicidade egoísta, afirmando que representa a procura de um “bem-estar primitivo”, “quase vegetal”. Mas isto parece paradoxal com outras duas propostas do autor: a de que o indivíduo deve procurar ter uma “alta performance” e que a educação deve levar as pessoas a serem responsáveis pela própria felicidade desde a infância. Como o indivíduo pode fazer isto e não desenvolver um olhar individualista e egoísta sobre o mundo a sua volta?

TANIA ZAGURY: Segundo a autora, as crianças devem ser respeitadas na educação, pois elas têm um querer assim como os adultos. Avisa aos pais que há uma nova forma de educar, e esta é mais difícil que a anterior. A nova forma de

educar se refere a educar com diálogo, mas as crianças nem sempre entendem este diálogo. Destaca que educar deve ser feito com segurança e firmeza, mas sem autoritarismo, sem bater, e deve promover o respeito às regras de conduta estabelecidas. Lembra, mais de uma vez, que educar é cansativo e repetitivo. Afirma que educar é um desafio, porque muitos pais hoje são tão imediatistas quanto seus filhos, e em educação não se pode adotar uma postura imediatista. Os pais devem discriminar entre desejos e necessidades e não atender desejos que não sejam adequados para educação de seu filho. Bater significa fracassar como educador. E a melhor forma de se alcançar um objetivo educacional é elogiando, incentivando e ressaltando tudo de bom que a criança faz. Ensina os pais a tratarem de várias situações educacionais específicas, com sugestões e exemplos.

Educação e Felicidade: A educação deve levar à civilidade (construir cidadãos). A noção de educação se associa à felicidade, quando aparece como uma consequência ao respeito “às regras básicas da vida” e o respeito pelo outro. A não ser por uma frase, quase não aparece a noção de felicidade enquanto um substantivo abstrato, e sim enquanto uma qualidade, adjetivando o estado das pessoas. E para uma idéia que é enunciada tão pouco no livro todo, interpretamos como significativo o número de vezes que aparece a expressão: "todos ficam/ ficaram felizes", destacando uma concepção de felicidade que aparece associada à noção de apaziguamento de conflitos.

ROBERTO SHINYASHIKI: Para ele, a educação é um bem que se dá aos filhos. Ele destaca que a ação de educar é prazerosa para os pais. Mas a complexidade em educar filhos aumentou nos últimos dez anos e, por isto, temos de refletir sobre maneiras de compartilhar a vida com nossos filhos. Pais devem educar com coerência e dar limites. Educar dá trabalho. Educar visa desenvolver a capacidade de fazer escolhas e realizar objetivos. Alerta para que a educação tradicionalmente tem reprimido os sentimentos dos indivíduos, e que os pais devem ajudar os filhos a expressarem seus sentimentos. O autor faz uma crítica ao que chama de educação *“não pode isto, não pode aquilo”*, para ele isto não é a verdadeira educação. Sublinha a importância do diálogo na educação e dá poucas orientações diretas sobre que fazer em situações específicas, na maioria das situações remete o leitor a uma atitude de reflexão sobre o assunto.

Educação e Felicidade: Afirma que o que realmente cria a nossa felicidade é saber encantar os nossos filhos. Os pais devem comungar seus sentimentos com os filhos, compartilhar seu afeto e sua alegria, para estimulá-los a fazerem os mesmo. Assim todos podem amar e se sentirem felizes. Segundo ele, estas conversas entre pais e filhos mudam a vida das pessoas. Quando se recebe o que ele chama de *“carícia essencial”*, a pessoa relaxa e se sente digna de ser feliz. Preocupa-se com o conflito entre pais e filhos e afirma que este só termina quando o indivíduo percebe que a felicidade depende dele mesmo e de sua capacidade de compreender a vida. Tem um discurso que procura dissociar a noção de felicidade da noção de *“ter”*: *“Não precisamos de dinheiro nem de restaurante elegante nem de carro do ano para sermos felizes”*. Cita o budismo exortando ao caminho do meio, como a melhor forma de atingir a felicidade: *“nunca cair nos extremos, nem excesso de trabalho, nem acomodação”*. O equilíbrio deve ser fundamental.

RINALDO DE LAMARE: Detém-se pouco no que diz respeito à educação propriamente dita, ou melhor, sua concepção de educação está sempre associada aos cuidados de alimentação, estimulação, higiene e saúde em geral, e para estes faz várias sugestões e orientações pormenorizadas.

Destaca que o melhor caminho para os pais ensinarem é ter um bom e alegre relacionamento com o filho, pois treinos cansativos, disciplina rígida, atitudes severas não são meios convenientes.

Educação e Felicidade: Afirma que a educação deve começar desde cedo, e que ter os pais esclarecidos, quanto à criação e educação do bebê, garante sua felicidade e proteção. De fundo traz a noção de valorização da criança como algo muito belo, e que imediatamente produz felicidade para os pais: “*A indescritível felicidade ao olhar, pela primeira vez, o seu bebê*”. E traz também a valorização do saber técnico, como aquele que pode garantir a obtenção desta felicidade.

MARIA TEREZA MALDONADO: Destaca que educar os filhos hoje é uma tarefa ainda mais complexa, em meio a crises sociais e de valores éticos: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à capacidade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que deles é exigido em termos de mudança de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações do filho. Para ela, educar filhos é um processo profundamente criativo, que deve modificar os pais tanto quanto os filhos. Segundo ela, o grande problema do nosso sistema de educação é que somos condicionados, desde a infância, a sentir medo de sentir. O processo educacional implica um equilíbrio sutil entre satisfazer e frustrar necessidades e desejos. A insegurança e o medo de errar motivam a busca de “receitas” e “soluções pré-fabricadas”, que redundam em maneiras rígidas de educar. É importante diferenciar entre autoritarismo e autoridade, pois para a autora é evidente que educar implica o uso de autoridade - para estabelecer limites, dar ordens e proibir o indispensável, que possibilite a criança controlar sua impulsividade, condição básica para a convivência social. Sua orientação educacional se fixa em métodos e técnicas para melhorar a comunicação entre pais e filhos.

Educação e Felicidade: Em nenhum trecho a palavra educação aparece na mesma frase que a palavra felicidade. Não aparece a noção de felicidade enquanto um substantivo abstrato, e sim enquanto uma qualidade, adjetivando o estado das pessoas e associada às questões de comunicação, especialmente no trato entre pais e filhos.

PIERRE WEIL: Afirma que a educação moderna nunca foi partidária de deixar a criança fazer o que quer, mas sim orientá-la e formá-la para esta saber utilizar convenientemente sua liberdade. Procura dar destaque à noção de uma educação democrática, que deve sustentar-se no equilíbrio entre a tolerância, a compreensão e a firmeza de propósitos. Para ele o educador moderno deve desenvolver qualidades positivas e fazer com que cada ser humano saiba aproveitá-las para ser *“ótimo profissional, bom cônjuge e pai quando for adulto”*. Segundo ele, os métodos modernos de educação têm suas bases na Psicologia da Aprendizagem. E destaca que o conhecimento objetivo de si mesmo é extremamente importante na Educação, e na adaptação, que cada um de nós procura no próprio ambiente, e é extremamente difícil atingir este conhecimento. Afirma que os fracassos na vida social e na vida íntima do adulto têm muitas vezes origem em erros de sua educação. Ensina aos pais a tratar de várias situações educacionais específicas, com sugestões e exemplos.

Educação e Felicidade: A relação entre educação e felicidade aparece aliada à noção de orientação profissional, que deve: *“Encaminhar cada homem para seu devido lugar”*. Pois disto depende, em grande parte, todo o futuro dos filhos e muitas vezes a sua felicidade, pois a profissão é a meta da vida, segundo o autor.

GABRIEL CHALITA: Questiona os pais sobre como se pode bem educar no momento atual, no qual, para a maioria das pessoas, a aparência vale mais do que a essência, e a competição e o individualismo estabelecem as regras dos relacionamentos. O autor chama atenção de forma crítica para o fato de que tais características da contemporaneidade acabam por diminuir as possibilidades de experiências como o companheirismo, a amizade e o amor. Sua concepção de educação está calcada na noção de relacionamento humano, um aprendizado que inclui o entendimento dos *“olhares cúmplices”*, da *“linguagem afetuosa”*, do *“desejo constante”*, do *“bem-estar físico e emocional do outro”*. Propõe uma educação que consiga criar cidadãos sem preconceitos, baseada em valores

essenciais. E afirma que para isto é preciso começar a educar desde a infância, fazendo com que se desenvolva o respeito às diferenças. Sua metodologia se baseia em narrativas e contos, com reflexões que objetivam instigar avaliações e conclusões de que todas as pessoas merecem respeito, amor fraterno e tratamento digno.

Educação e Felicidade: A educação deve estimular a criança para que não perca, com o passar dos anos, e com todas as novas exigências que chegam até ela, os valores nobres, *“que dão a ela a dignidade e a fidelidade aos seus princípios mais básicos: ser feliz e fazer o outro feliz”*. O autor propõe a felicidade como uma experiência que se constrói por uma vida pautada por valores, tais como: amor, amizade, idealismo, coragem, esperança, trabalho, humildade, sabedoria, respeito e solidariedade. E neste sentido educar deve servir para formação de valores.

AUGUSTO CURRY: Com frases como *“Ser educador é ser um poeta do amor”* ou *“Educar é ser um carpinteiro que procura os tesouros do coração”*, o autor procura dar um destaque às emoções no processo educativo. Ele critica o sistema educacional *“que se arrasta por séculos”* e não favorece a educação da emoção, nem o estímulo ao desenvolvimento das funções da inteligência, o que se daria através de experiências, tais como: contemplar o belo, levar a pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias, gerenciar os pensamentos, e estimular o espírito empreendedor. Chama a atenção de forma crítica para a relação entre educação e a psiquiatria: *“Quanto pior for a qualidade da educação, mais importante será o papel da psiquiatria neste século”*. Destaca que é fundamental conhecer o funcionamento da mente, particularmente da memória, para educar melhor. Propõe um método que sintetiza nos sete hábitos para os pais “brilhantes” desenvolverem como atitudes educacionais básicas: dar de si próprio; nutrir a personalidade; ensinar a pensar; preparar para os fracassos; promover o diálogo como amigo; contar histórias e nunca desistir de educar. Seu método parece mais uma orientação moral geral, do que propriamente um propositor de comportamentos específicos.

Educação e Felicidade: Ao mesmo tempo em que o autor sugere ao leitor que *“Liberte a criança feliz que está em você”*, afirma duas vezes ao longo da obra que *“Felicidade não é obra do acaso, felicidade é um treinamento”*. Afirma que a educação deve se preocupar em educar emocionalmente crianças e jovens para evitar a constituição da *“miséria emocional”*, isto é, a situação das pessoas que são incapazes de agradecer e apreciar a beleza, e que só sabem reclamar da vida. Assim sua preocupação em *“cuidar do que sentimos no presente”* como uma forma de *“cuidar do futuro emocional”* associa este cuidado à capacidade de as pessoas se manterem *“felizes, tranquilas e estáveis”*, deixando entrever sua preocupação com a conformidade social.

SPENCER JOHNSON: Sua noção de educação traz uma preocupação com o controle e deixa claro que não se deve perder o controle sobre os filhos. Segundo o autor, isto poderia acontecer porque, ninguém nunca ensina aos pais a como ser pai ou mãe, e também porque não se pensa muito em como educar os filhos, até que acontecem dificuldades e problemas educacionais. Afirma que há tantas soluções para educar crianças, quanto o número de pais, e sugere que uma atitude básica está presente naqueles que obtêm sucesso na educação: deixam bem claro aquilo que esperam dos filhos, os elogiam e, quando necessário, deixam que eles saibam, o mais cedo possível, quando se comportam mal - sem usar de castigos corporais. Propõe um método educacional que traz rápidas mudanças de comportamento, que se baseia em, inicialmente, definir bem os objetivos, por exemplo, que tipo de comportamento específico deseja-se obter, e a partir disto promovem-se elogios e repreensões rápidas e focadas, mas com uma intensidade afetiva presente, objetivando sempre uma mudança de comportamento específico.

Educação e Felicidade: O autor não se preocupa em fazer afirmações abstratas sobre o conceito de felicidade, o que a maioria dos livros até aqui analisados faz. Em vez disto, ele usa predominantemente o adjetivo *“feliz (es)”* para qualificar o estado das pessoas envolvidas nas situações por ele relatadas, quando é obtido o sucesso na mudança de comportamento

esperado, produzindo quase que uma experiência de reforço, similar a que sugere em seu método, e que se aplica à experiência do próprio leitor ao ler o livro. (Me senti lendo um livro de “instrução programada”).

MALVINE ZALCBERG: A noção de educação só aparece em um parágrafo em todo o texto do livro, quando a autora faz referência a um caso e comenta sobre a idéia de que a paciente era reconhecida por ter uma educação tida como ideal. A preocupação não é em comentar sobre a educação propriamente dita, mas sobre como as aparências enganam. Para a autora, aquilo que pode aparecer como ideal para alguns, pode na verdade ser motivo de adoecimento e sofrimento psíquico. A autora não faz nenhuma sugestão de como educar, no entanto, todo o texto mostra a complexidade presente na relação entre mãe e filha, e os possíveis problemas decorrentes desta relação, quando esta não se desenvolve de forma adequada, no entendimento psicanalítico. Assim traz de fundo a noção de que um bom desenvolvimento da relação entre pais e filhos não pode prescindir dos conhecimentos e auxílio da psicanálise.

Educação e Felicidade: A felicidade aparece como algo que se proporciona à alguém: “*Quisera reeditar a felicidade que ela própria havia proporcionado à mãe*”. Ou que pode ser retirada por alguém: “*Eu era feliz até minha irmã nascer*”. A autora não associa diretamente as categorias educação e felicidade, pois sua breve referência à felicidade remete às conseqüências de desejo das pessoas umas sobre as outras.

Capítulo 4

UTOPIA E EDUCAÇÃO

Um mapa do mundo que não inclua Utopia não é digno de se espiar, pois ignora o único território em que a Humanidade sempre atraca, partindo, em seguida, para uma terra ainda melhor. (Oscar Wilde, 1891, – apud Coluna Logo de ARNALDO BLOCH, artigo “A alma do homem sob o socialismo”, Jornal O Globo, 24.02.2008. p.39).

4.1 Educação – entre a utopia e a ideologia

O substantivo comum utopia é originário do termo criado por Thomas More (1480-1535), escritor inglês, que em 1516 utilizou-se dos elementos gregos: *óu* “não” e *tópos* “lugar” para criar o nome de um país imaginário Utopia. A Utopia de More descreve uma sociedade ideal de base comunista, um Estado imaginário sem propriedade privada nem dinheiro, preocupado com a felicidade coletiva e a organização da produção para a distribuição eqüitativa dos bens. O autor se norteia por obras como “A República” e “As Leis” de Platão. (MORE, 2003)

Partindo da referência à origem da palavra, é necessário esclarecer que conceito de utopia se utiliza aqui, pois não se trata do conceito vulgar de utopia como algo impossível, mas sim, como uma abertura de possibilidades. Nesta dissertação, a utopia pretende ser pensada como aquele possível que ainda não é, mas pode vir a ser. Uma fronteira entre a irrealidade e a realidade, *“uma necessidade essencial da condição humana, a de transcender a ordem existente”* (ROUANET, 2000).

Como contextos privilegiados para isto, que apontam para além da realidade existente, podemos pensar tanto na arte como na educação, contextos em que as vivências de possibilidades, e de possíveis desejáveis, são partes inerentes à experiência, tanto de criar, quanto de educar.

Pensar na intersecção destes dois campos de experiências, talvez leve à mente a experiência de educar filhos. Considera-se aqui que educar filhos é tanto uma arte, quanto um projeto e um processo de educação. O projeto

aponta para o futuro que se almeja, enquanto que o processo faz voltar o olhar sobre o presente que se vive.

Ao educar filhos deve-se ter em mente que se abrem uma série de possibilidades: para nós mesmos, enquanto pais, e para o outro, enquanto filhos, e para a sociedade como um todo. A discussão dos resultados desta pesquisa é feita procurando relacionar tais resultados a este horizonte de possibilidades que a noção de utopia deixa entrever.

Considera-se, aqui, que em contraposição às concepções utópicas, tomando estas como pólo de reflexão voltado para a superação da sociedade existente, temos as concepções ideológicas, como pólo que tenta legitimar essa sociedade.

O conceito de ideologia suscita uma diversidade de interpretações diferentes, muitas delas divergentes. No artigo “Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis?” Roseane Xavier, cita Terry Eagleton, que na sua “Introdução à Ideologia”, faz referência a dezesseis sentidos distintos para a noção de ideologia:

[...] processo de produção de significados na vida social; corpo de idéias de determinado grupo ou classe social; idéias (falsas ou não) que ajudam a legitimar o poder político da classe dominante; comunicação sistematicamente distorcida; formas de pensamento motivadas por interesses sociais; ilusão socialmente necessária; conjuntura de discurso e de poder; conjunto de crenças orientadas para a ação; veículo pelo qual os atores entendem o seu mundo; confusão entre a realidade lingüística e a realidade fenomenal; processo pelo qual a vida social é convertida em uma realidade natural; meio pelo qual os indivíduos vivenciam suas relações com uma estrutura social. (XAVIER, 2002)

Mas chama a atenção para o fato de que ainda é o conceito marxista que mais tem lugar na análise e nos debates sociológicos.

Segundo Brandão (1993, p. 21) Althusser afirma em *“Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado”* que *“para manter sua dominação, a classe dominante gera mecanismos de perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração”*.

Ainda segundo Brandão (1993), para Althusser, estes mecanismos de perpetuação se distinguem entre Aparelhos Repressores (compreendendo o

Governo, a administração, o Exército, a polícia, os tribunais, as prisões etc.) e Aparelhos Ideológicos, que se constituem nas instituições num sentido amplo (a religião, a família, a escola, a política, a cultura, a informação).

Deste modo, a ideologia não se refere apenas a uma representação mecânica da realidade, mas a uma relação imaginária que os indivíduos mantêm com suas reais condições de existência. No entanto, esta relação imaginária não é uma abstração, ela se materializa em atos concretos e tem uma importante função de subjetivação, ou seja, *“a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”* (Althusser, apud BRANDÃO, 1993).

Brandão (1993), cita Paul Ricoeur ao alertar para uma possível interpretação redutora do fenômeno ideológico, que se pode ter através do conceito estrito de ideologia proposto pelo marxismo, definindo ideologia em termos de classes sociais. Segundo ela, Ricoeur considera que, na verdade, todos os discursos são ideológicos, e esta é uma noção que se desenvolverá dentro de diferentes visões em Análise de Discurso.

Procurando não se reduzir à concepção marxista da noção de ideologia, é exatamente numa tentativa de compreensão deste pólo ideológico que esta pesquisa se deteve, caracterizando elementos presentes na cultura contemporânea. Assim, através do estudo do discurso de livros de orientação de pais, buscou-se mapear formas através das quais se promovem a manutenção da ideologia hegemônica da Hipermodernidade na educação e na família.

Esta pesquisa levou a autora do presente trabalho a compreender que a educação é um processo, tanto continuamente gestado pela ideologia, quanto continuamente prenhe de utopia, e que somente uma reflexão crítica pode libertá-la deste paradoxo.

4.2 Uma crise de sentido

Ao ler-se o ensaio “Serenidade” de Heidegger (HEIDEGGER, s/d) compreende-se que o Homem se encontra hoje vivendo uma fuga do pensamento, fugindo do tipo de pensamento que medita sobre o sentido e a razão de ser das coisas. E nesta ausência de sentido, que Mattéi (MATTÉI, 2002) vê como efeito de uma barbárie refletida, o homem contemporâneo se sobrecarrega de si mesmo.

Nesta pesquisa compreendeu-se que a educação deve ser pensada como eixo central deste processo, no jogo de forças desta barbárie suave hipermoderna, que nos trouxe, como diz Mattéi, uma ausência de ordem ou de mundo, ou ainda, *“uma incapacidade fundamental de instaurar, e, portanto de restaurar, um mundo feito de ordem e beleza”* (MATTÉI, 2002., p. 123).

Compreendendo que, neste contexto, o pensamento que medita está em fuga, e que o pensamento que calcula é predominantemente presente em nossa cultura, é coerente constatar-se a presença deste pensamento “calculante” nos livros de orientação de pais. E ele está lá, em grandes extensões. As propostas que a maioria destes livros estão fornecendo para a relação entre pais e filhos caracterizam-se por uma razão instrumental dominante.

Tomando como dado que estes livros são um retrato do fazer tecnicista aplicado à educação de crianças, visando instrumentalizar os pais a serem pais, estariam sugerindo que pais e mães abram mão do mistério de ser pai ou mãe e descubrirem por si mesmos o sentido existencial desta experiência na própria relação entre pais e filhos. No entanto, parece que pais e mães têm motivos para procurar ajuda, pois nossa realidade é mesmo paradoxal.

Face ao grande volume de vendagem dos livros desta categoria, pode-se supor que há uma crise de orientação dos pais contemporâneos no que diz respeito ao melhor modo de educarem seus filhos.

Mas, como também parece que tais livros não privilegiam o pensamento “meditante”, acabam por provocar uma demanda ainda maior por mais respostas, numa sôfrega e vã tentativa de se saciar a sede de sentido das

relações entre pais e filhos, num círculo vicioso que se alimenta e alimenta a própria indústria cultural neste segmento.

A busca, realizada pelos leitores destes livros, supostamente pais ou pessoas responsáveis por educar crianças e adolescentes, faz levantar como questão qual a relação entre uma suposta, por esta autora, crise de orientação destes pais, uma crise na relação entre pais e filhos e uma crise na educação.

O sentido da relação entre pais e filhos não pode ser calculado... Cada vez que um pai ou mãe olha para um filho, algo acontece que é da ordem do sentido: - seja por reconhecer ou não o filho pelo seu Ser, seja um querer bem ou querer mal, uma projeção de felicidade ou de imortalidade, seja por rever sua própria infância ali - o olhar humano tende a ser capturado por outro olhar humano, numa busca de sentido, que somente a humanidade encontrada no olhar alheio pode fazer sentir: o reconhecimento recíproco.

Mas considera-se ao final desta pesquisa que está em curso uma verdadeira crise de sentido na relação entre pais e filhos. Crise esta favorecida pelas características deste *“impacto desorientado e disruptivo”* anteriormente aqui descritas por Harvey (2007). E ainda que, em função deste sentimento de desorientação, um número cada vez maior de pais e mães buscam orientação para educar seus filhos, a partir de um “saber técnico” presente nestes livros de orientação de pais.

4.3 O que podemos pensar a partir destas observações?

A reflexão proposta por Bauman em “Amor Líquido” (BAUMAN, 2004) referindo-se ao sentido de se ter ou não ter filhos na cultura contemporânea, serve para se começar a pensar porque algo tão óbvio como “educar dá trabalho”, foi tão repetido por diferentes autores uma vez que o individualismo, o hedonismo e o narcisismo dos pais, enquanto sujeitos imersos na “cultura hipermoderna” (LIPOVETSKY, 2004), pode não comportar uma relação que “dá trabalho” e que não tem um retorno imediato e garantido.

A expressiva vendagem de livros do título mais vendido (“Quem ama educa” de Içami Tiba: 560.000 exemplares vendidos até 2006, como já dito

anteriormente) deve ser contextualizada então a partir das colocações feitas anteriormente.

Se “educar dá trabalho”, e muito, e não tem um “retorno” imediato, o retorno deve ser garantido, e ter um alto valor, pois muito foi investido pelos pais para isto (dinheiro, tempo e afeto). Então as afirmativas seguintes de Içami Tiba (2002) ganham um valor todo especial:

Este livro é sobre como educar os filhos ao criá-los. Sobre como possibilitar, desde o nascimento, que eles sejam pessoas responsáveis por sua felicidade e conscientes de sua responsabilidade social.– contracapa. [...] Educar é uma obra-prima, uma obra realmente artesanal, cujo resultado é a futura felicidade dos filhos e de todos à sua volta.
(TIBA, 2002, p.48).

Içami Tiba (2002; 2005) afirma que o resultado da educação é a felicidade, e está garantindo aos pais que a orientação que ele oferece pode proporcionar este retorno.

Ao perceber o destaque com que esta relação (educação-felicidade) é tratada por este autor e alguns outros, o foco desta pesquisa se deteve numa análise entre as afirmativas dos autores que relacionassem educação e felicidade.

Por aparecer em todas as obras pesquisadas, seja em maior ou menor destaque, e marcadamente na obra mais vendida, a articulação entre educação e felicidade foi tomada como eixo para análise de discurso do material pesquisado.

4.4 Educação e Felicidade: há uma nova utopia?

Se educar filhos é um caminho para realizar nossas fantasias de um futuro melhor, a utopia de novas possibilidades, para nós mesmos e nossos filhos. E todos os pais e mães que conheço afirmam desejar a felicidade de seus filhos. O que há de novo então?

O autor de “Quem ama Educa!” tem um capítulo dedicado à questão: “Ser Feliz” (capítulo 4). Neste, o autor afirma que há numerosos níveis de

felicidade, mas destaca quatro: felicidade egoísta, felicidade familiar, felicidade comunitária e felicidade social; às quais correspondem comportamentos determinados.

Para Tiba (2002) *“a felicidade social é a expressão máxima da saúde relacional social, pois se eleva acima das felicidades anteriores”* (op. cit., p. 77). Neste nível *“a pessoa fica feliz em ajudar outro ser humano a ser feliz”* (op. cit., p.77), enquanto que a felicidade egoísta *“busca somente atender às próprias necessidades e vontades”, “procura um bem-estar primitivo, quase vegetal, pois leva em conta apenas a própria sobrevivência”* (op. cit., p. 72).

Se juntarmos estas afirmativas do autor com outros parágrafos de um outro livro seu - *“Adolescentes: Quem Ama Educa!”*, que em 2006 estava na 27ª edição (dado importante: a 1ª. Edição é de 2005!) e se propõe ser a continuidade de *“Quem Ama Educa!”*, leremos o seguinte:

O Projeto de Educação Quem Ama Educa! Tem como objetivo fazer do filho um cidadão de sucesso e feliz, e tem como meta que os pais se tornem materialmente desnecessários, mas se mantenham afetivamente importantes. [...] Se a família antes funcionava no esquema de chefia patriarcal, hoje ela precisa atuar como equipe. Esta já é um avanço, mas pode estar mais atualizada se forem aplicados alguns conceitos de empresa. (TIBA, 2005, p. 150).

Içami Tiba (2005) equiva a felicidade à noção de uma alta *“performance”* social e familiar; fortalece uma noção instrumental, tanto da educação quanto da felicidade, e ainda garante que sua obra pode levar os pais a obterem estes resultados baseados numa utopia da *“performance”*.

Fazendo uma análise comparativa com o que dizem sobre esta relação entre educação e felicidade os outros dois autores, que vêm logo em seguida no ranking de nossa pesquisa, observa-se que eles não dão a mesma ênfase e nem relacionam estas noções do mesmo modo que Içami Tiba (2002).

Em *“Limites Sem Trauma”* (2002) Tânia Zagury afirma que o objetivo da educação é construir cidadãos, e para isto os pais devem ensinar os filhos a respeitarem regras e limites de convivencialidade (p. 69). Conclui-se que a relação entre educação e felicidade da autora, passa uma noção de que a felicidade familiar significa o apaziguamento de conflitos, e traz uma noção de que educar significa civilizar.

Em “Pais e Filhos – Companheiros de Viagem”, de Roberto Shinyashiki, a relação entre educação e felicidade aparece na possibilidade de um compartilhamento dos afetos (p. 44); ele destaca o prazer de educar filhos (p. 53) e a importância do diálogo neste processo (p.74).

É interessante notar que em “A Vida do Bebê”, editado por Rinaldo de Lamare desde 1941, logo na segunda capa faz-se uma referência à felicidade proporcionada pelo esclarecimento do saber técnico: “*A maior felicidade e proteção do bebê é ter seus pais perfeitamente esclarecidos quanto a sua criação e educação*”.

Nos extremos desta amostra, aparecem as obras das autoras Maria Tereza Maldonado e Malvine Zacberg, ambas praticamente não fazem referências à felicidade, embora a primeira se detenha muito especificamente nas formas de melhorar a comunicação entre pais e filhos, e a segunda quase faça crer que sem uma boa análise mãe e filha não podem apreciar suas próprias diferenças.

O autor Gabriel Chalita (2005) faz muitas referências à felicidade, mas seu discurso estaria num pólo oposto ao de Içami Tiba (2002), uma vez que Chalita associa a felicidade ao desenvolvimento dos valores humanos, através de uma metodologia notadamente estética, numa expressão de uma razão que se propõe sensível.

Assim, se a concepção de felicidade está associada, mais ou menos diretamente, à noção de propriedade privada, desde a aurora de nossa Modernidade, parece que o que há de novo não é tanto a concepção de felicidade, mas, a forma de se orientar e educar para isto: a educação se transformou num produto de eficácia imediata, e cuja eficácia deve se expressar através da “felicidade”, ou pelo menos, é isto que as pessoas parecem mais dispostas a comprar...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações realizadas através desta pesquisa levam na direção de confirmar a idéia proposta por Sergio Paulo Rouanet sobre as utopias. Ele considera que não estamos vivendo um tempo pós-utópico, pois mesmo o neoliberalismo atual, não conseguiu erradicar “*uma necessidade essencial da condição humana, a de transcender a ordem existente*” (ROUANET, 2000). Há várias utopias em cena.

No que diz respeito à educação contemporânea, está em cena tanto uma mensagem “calculante”, que se justifica e retroalimenta o ideário capitalista e de hiperconsumo; quanto uma mensagem “meditante”, rara, mas presente, e que propõe algumas linhas de fuga para outros campos de sentido, outras possibilidades de um pensar crítico e sensível.

Esta pesquisa, ao caracterizar alguns elementos que compõem hoje uma forma de educar hipermoderna, constatou que vários tipos de informações se sobrepõem de maneira paradoxal, e ainda, que a mídia tem papel predominante na divulgação e reprodução da cultura.

A autora desta dissertação concorda com Rouanet (2000), quando este afirma que o objetivo de uma reflexão sobre este tema visa distinguir as conseqüências das boas e das más utopias. E acredita que, além disto, educar traz implícita ou explicitamente uma direção utópica.

Ao visualizar as opções de orientação de pais formularam-se aqui três categorias: orientações civilizantes, orientações humanizantes e orientações de performance. Estas categorias foram relacionadas à noção de utopia, pressupondo que cada uma indique um ideal utópico proposto como finalidade para a educação. Observaram-se assim a presença de concepções de educação fundadas numa utopia da civilidade, numa utopia humanizante e numa utopia da performance. A partir disto foram feitas considerações sobre as possíveis conseqüências de cada modalidade de orientação.

No entendimento desta autora, as características de uma utopia da performance aqui encontradas carregam idéias de uma certa “*eugenia social*” e

fortalecem noções instrumentais, tanto da educação quanto das relações interpessoais, como foram apresentadas especialmente nas obras “Quem Ama Educa!”, “O Pai Minuto” e, de forma menos pregnante, em outras obras.

Esta utopia é carregada pela ideologia dominante calcada na “eficácia” da razão instrumental. E, ao se considerar a noção de utopia como necessariamente um lugar de contestação, então esta não seria exatamente uma utopia, pois parece nos encaminhar para o pólo mais radical de uma “sociedade administrada”, fomentando uma socialização calculada para a servidão.

É interessante notar que um autor entre os dez mais vendidos, Augusto Cury, faz um comentário chamando a atenção de forma crítica para a relação entre educação e a psiquiatria: “*Quanto pior for a qualidade da educação, mais importante será o papel da psiquiatria neste século*” (CURY, 2003, p. 16). Este alerta é coerente com uma possibilidade de radicalização da “sociedade administrada”, para a qual a medicalização parece ter um papel fundamental.

Este comentário é um exemplo curioso de um fenômeno que pode ser pensado de duas formas: mesmo em um autor que parece consagrado por adotar uma espécie de pasteurização da cultura, usando de clichês e lugares-comuns, que afirma que “*felicidade é um treinamento*” (CURY, 2003, p.41) ainda há um fiozinho de reflexão crítica, ou, este pensamento é um fragmento de seu “X-tudo”, como um *hamburger* de camelô? Esta segunda leitura é mais coerente com as noções apresentadas nesta dissertação sobre a presença de noções antagonistas no cerne do pensamento hipermoderno, e que constituem a tensão paradoxal que o caracteriza.

Outra utopia que caracterizo é a utopia da civilidade. A civilidade parece que carrega um certo sentido higienista, herança da reforma higienista de fins do século XIX e início do século XX, onde o bem-estar, a saúde e a felicidade da família estão associados às condutas higiênicas propostas pelo saber médico, como fica claro na obra “A Vida do Bebê”.

Mas o que se destaca predominantemente é a noção de que devemos ser bons cidadãos, fiéis cumpridores de nossos deveres, e, portanto, obedientes de uma forma geral, na família, na escola e na sociedade, como

pode se observar particularmente em “Limites Sem Trauma”, “A Criança, o Lar e a Escola” e “Pais Brilhantes, Professores fascinantes”.

Por outro lado, esta mesma utopia da civilidade também fomenta uma noção de que há direitos e deveres, e isto pode nos levar numa direção mais utópica e crítica. Em conformidade com as proposições de Axel Honneth (2003) de que “*o reconhecimento jurídico contém em si um potencial moral capaz de ser desdobrado através de lutas sociais*”, que a auto-realização depende de uma “*autonomia juridicamente assegurada*” (HONNETH, 2003, p.277) e que esta pode nos trazer novos horizontes existenciais.

E quanto à utopia humanizante, considera-se aqui que esta pode se orientar na direção do pensamento meditante, desde que não se resuma simplesmente a um compartilhamento espetacular e catártico de nossa emoção, ou ainda uma vivência administrada de afetos e impressões. A emoção deve servir como liga para nossas narrativas existenciais.

Esta pesquisa constatou que a proposta de uma vivência administrada de afetos está presente tanto nos “reality-shows” sobre educação na família: “Super Nanny” e “S.O.S Babás”; como nos livros de orientação: “Pais e Filhos Companheiros de Viagem”, “Comunicação entre Pais e Filhos” e “O Pai Minuto”, e que nos “reality-shows” são acrescentados de elementos dramáticos, como por exemplo, o compartilhamento espetacular e catártico.

Considera-se, ao longo deste trabalho, que humanizar pode e deve levar mais além, ao proporcionar o questionamento do sentido dos afetos e impressões vividas nas relações, e a possibilidade de apreciação das diferenças, como se sugere na obra “Pedagogia do Amor”. Considera-se também que a educação deve promover experiências de reconhecimento intersubjetivo na família e na sociedade, impedindo que as experiências de sentido sejam substituídas pelas vivências de choque (BENJAMIN, 1996).

Esta autora é de opinião que, como afirma Lipovetsky (2007): “*o desejo de transcender a si mesmo não foi de modo algum erradicado da vida do ser-sujeito*” (p.362), pois se uma polaridade da hipermodernidade promove a performance do sucesso como ideal de felicidade, por outro lado, também encoraja a “*expansão de si*” e o reconhecimento por mérito e capacidades próprias. E se neste momento a cultura favorece o primeiro pólo, isto não

significa que não poderá vir a valorizar o segundo (LIPOVETSK, 2007, p. 365-366).

Finalmente, diante disto, cabe a cada pai e mãe cientes de seu próprio amor pelos filhos, e baseados nele, fazerem suas escolhas. Cientes de que *“Não é dando as costas à modernidade que devemos buscar a utopia, mas sim na própria modernidade”*. (ROUANET, 2000) Cientes de que é no presente que poderemos encontrar as respostas... Desde que se possa, vez por outra, visitar o país dos possíveis e desejáveis anelos meditantes.

Talvez a educação contemporânea caminhe em direção a uma felicidade digna dos bárbaros de outrora, pois uma leitura crítica dos livros de orientação de pais aponta que esta é uma forte possibilidade. No entanto, a não-bárbara felicidade é que parece que o amor ainda é uma busca incansável e talvez a solução imorredoura para nossa própria humanização.

Deste modo, esta autora opta por crer na esperança, ciente de que esta não caminha pelas ruas mais largas, e sim pelas margens e pequenas trilhas. E pensa que cabe procurá-la e segui-la, no desejo de que haja tempo ainda de darmos um não à bárbara felicidade hipermoderna, e finaliza com as palavras de um poeta:

Minha fé em todas as colheitas do futuro
Se afirma no presente. E declaro, por muito
Que se saiba, que a poesia é indestrutível.
(PABLO NERUDA, Presente de um Poeta, p. 73).

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. (Org.) **O Mito da Infância Feliz**. São Paulo: Summus, 1983.
- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 5ª. Edição. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas, São Paulo: Papyrus (Coleção Travessia do Século), 2005.
- AZEVEDO M. A & GUERRA V. N. **Mania de Bater**. São Paulo: Iglu, 2001.
- BAUER, M. W., GASKELL, G. & ALLUM, N. C. **Qualidade, Quantidade e Interesses do Conhecimento – Evitando Confusões** in Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som – um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 4ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BAUER, M. W., & AARTS, B. **A Construção do Corpus: um Princípio para a coleta de Dados Qualitativos** in Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som – um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 4ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Summus Editora, 1984.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica. Arte e Política**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7ª. Edição/ 10ª Reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BLOCH, Arnaldo Coluna LOGO. Artigo A alma do homem sob o socialismo. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 24 de Fevereiro de 2008, p.39.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso** 2ª. Edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

BUARQUE, Cristovam. Artigo - Coluna de Opinião. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 03 de Fevereiro de 2007, p.7.

CHALITA, G. **Pedagogia do Amor: a contribuição das histórias universais para formação de valores das novas gerações**. 6ª Edição (versão de bolso). São Paulo: Editora Gente, 2005.

CHARLES, S. Da Pós-Modernidade a Hipermodernidade in **Philosophica – Revista de Filosofia da História da Modernidade – NEPHEM** – UFS número 5, Março-2004.

CHARLES, S. **O Individualismo Paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky** in Os Tempos Hipermodernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarola, 2004.

COSTA, Jurandir Freire **Ordem Médica e a Norma Familiar** 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 1ª. Edição (2ª. Reimpressão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CURY, A. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. 21ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.

DARNTON, Robert. Artigo A Procura da Felicidade. **Jornal Folha de São Paulo**. Caderno Mais, São Paulo, 03 novembro de 1996.

DE LAMARE, R. **A Vida do bebê**. 41ª Edição – 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DEL PRIORE, M. **História das Crianças no Brasil**. 3ª. Edição. São Paulo: Contexto, 2002.

DISCOVERY HOME & HEALTH **Homepage Institucional do Canal de Televisão Discovery Home & Health**. Programa S.O.S. Babá. Disponível em http://www.homeandhealthbrasil.com/hh_site/ontvArticle.jsp?ontv_article_id=15&site=brazil Acesso em 02/02/08.

EDITORA CAMPUS. **Homepage Institucional da editora**. Disponível em <<http://www.campus.com.br/>>. Acesso em 10/06/2007.

EDITORA GENTE. **Homepage Institucional da editora**. Disponível em <<http://www.editoragente.com.br/>> Acesso 08/07/2007.

EDITORA EDIOURO. **Homepage Institucional da editora**. Disponível em <<http://www.ediouro.com.br/>> Acesso 08/07/2007.

EDITORA RECORD. **Homepage Institucional da editora.** Disponível em <<http://www.record.com.br/>> Acesso 10/06/2007.

EDITORA SARAIVA. **Homepage Institucional da editora.** Disponível em <<http://www.editorasaraiva.com.br/>> Acesso 20/06/2007.

EDITORA SEXTANTE. **Homepage Institucional da editora.** Disponível em <<http://www.esextante.com.br/>> Acesso 20/06/2007.

EDITORA VOZES. **Homepage Institucional da editora.** Disponível em <<http://www.editoravozes.com.br/>> Acesso 20/06/2007.

GUIMARÃES, L. **A Cor Como Informação – a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores.** 3ª. Edição. São Paulo: Annablume, 2000.

GILL, R. **Análise de Discurso** in Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e som – um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 4ª. Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna.** 16ª. Edição. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Edições Loyola, 2007.

HEIDEGGER, M. **Serenidade.** Tradução Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, s/d. (1ª Edição alemã: 1959).

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento – A Gramática Moral dos Conflitos Sociais.** Tradução Luiz Repa. São Paulo: Editora Trinta e Quatro, 2003.

JAEGER, W. **Paidéia – A formação do Homem Grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JARDIM, João. Entrevista para a Revista Megazine. **Jornal O Globo.** Rio de Janeiro, 30 de Janeiro de 2007.

JOHNSON, S. **O Pai Minuto.** 18ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

JORNAL DE PSICOLOGIA nº- 141, Edição julho /setembro de 2004, do CRP-SP, **Seção Aberta “Pesquisa revela o perfil completo do profissional no país”**, acervo on-line disponível em: http://www.crpssp.org.br/a_acerv/jornal_crp/141/set_141.htm Acesso em 02/02/08.

LEÃO, E. C. **Existência e Psicanálise.** In Existência e Psicanálise, de LEÃO, E. C. & LACOMBE, F. P. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LIPOVETSKY, G. **Tempo contra tempo, ou a sociedade Hipermóderna**, in Os Tempos Hipermódernos. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarola, 2004.

LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAINGUENEAU, D **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 4ª. Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre Pais e Filhos - A linguagem do sentir**. 27ª. Edição. São Paulo:: Editora Saraiva, 2004.

MATTÉI, J.F. **A Barbárie Interior**. Tradução Isabel Maria loureiro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2002.

MICHAELIS 2000. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos, 2000. 2 volumes.

MÍDIA ATIVA **Homepage Institucional da Organização Mídia Ativa - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes**. Disponível em <http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/101/> Acesso em 02/02/08.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8ª. Edição. São Paulo: Hucitec/ Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

MINISTÉRIO DO BEM-ESTAR SOCIAL **Estatuto da Criança e do Adolescente**. – Lei no. 8.069, publicado no Diário Oficial da República em 16 de julho de 1990. Brasil: Centro Brasileiro para Infância e Adolescência, 1993.

MORE, Thomas **A Utopia** SP: Editora Martin Claret, 2003 (Coleção A obra prima de cada autor).

NERUDA, PABLO. **Presente de um Poeta**. Tradução Thiago de Mello. Cotia, SP: Vergara & Riba Editoras, 2006 (Coleção Melhor dos Melhores).

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto – Formulação e Circulação dos Sentidos**. 2ª Edição. Campinas, SP, Pontes, 2005.

PALLARES-BURKE, M. L. G. Entrevista com Zigmunt Bauman. In **Tempo Social. Revista de Sociologia da USP**. Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, FFLCH, Junho de 2004, V.16, no. 1, p. 301-325.

- ROUANET, S. P. **A Morte e o Renascimento das Utopias**. Jornal Folha de São Paulo. Artigo Editoria MAIS! Página: 14 a 17. Seção "Brasil 501 d.C." Em 25/06/2000.
- ROUDINESCO, E. **A Família em Desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem**. 5ª Edição Campinas, São Paulo: Papyrus, 2000.
- SHINYASHIKI, R. **Pais e Filhos - Companheiros de viagem**. 56ª Edição. São Paulo: Editora Gente, 1992 (ano da 1ª. edição).
- SHINYASHIKI, R., **Revista Isto É on-line** no. 1879, de 19-10-2005, "Cuidado com os burros motivados" Entrevista com Roberto Shinyashiki. Disponível em <<http://www.terra.com.br/istoe/>> Acesso em 15/05/2007.
- SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO **Homepage Institucional do Canal de Televisão SBT**. Programa Super Nanny. Disponível em <http://www.sbt.com.br/supernanny/> Acesso em 02/02/08.
- TAYLOR, C. **A Identidade e o Bem – Configurações Incontornáveis** in As Fontes do Self. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 1997, pp 15-40.
- TIBA I. **Adolescentes: Quem ama, educa!** 27ª. Edição. São Paulo: Editora Integrare, 2005.
- TIBA I. **Quem ama, educa!** 160ª. Edição. São Paulo: Editora Gente, 2002.
- TIBA I. **Içami Tiba**. *Homepage* do autor. Disponível em <http://www.tiba.com.br/> Acesso em 02/02/08.
- WEIL, P. **A Criança, O Lar e a Escola**. 24ª Edição. **Petrópolis**, RJ: Editora Vozes, 2004.
- XAVIER, Roseane. Artigo Representação social e ideologia: conceitos intercambiáveis? In **Psicologia Social**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-718220020002000003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 02/04/2008. DOI: 10.1590/S0102-71822002000200003
- ZALCBERG, M. **A Relação Mãe e Filha**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Campus - Elsevier, 2002.
- ZAGURY, T. **Limites sem trauma – Construindo cidadãos**. 46ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

ZAGURY, T. **Tânia Zagury**. *Homepage* da autora. Disponível em <<http://www.taniazagury.com.br/>> Acesso em 02/02/08.

ANEXO A

CATEGORIA EDUCAÇÃO

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO**

**AUTOR IÇAMI TIBA
LIVRO QUEM AMA EDUCA !**

pg

- 27 A maioria dos livros de **educação** friza demais a importância da figura materna nessa área, e esse talvez seja um dos componentes que perpetuam a indevida sobrecarga da mulher e aliviam a da figura masculina.
- 45 Dificilmente um homem "machão" consegue **educar** bem seu filho, que precisa muito da meiguice da mãe.
- 46 **Educar** dá trabalho, pois é preciso ouvir o filho antes de formar um julgamento;
- 46 Um pai integrado tem de superar o machismo e ser uma pessoa verdadeiramente interessada em **educar** o filho.
- 46 O interesse e o empenho em **educar** o filho devem ir além da informação. (É preciso que as informações entrem na rotina familiar).
- 47 A omissão, que permite a criança fazer tudo que tem vontade, ou a explosão diante de qualquer deslize do filho, além de **não educar**, distorcem a personalidade infantil tornando a criança folgada (sem limites) ou sufocada (entupida, reprimida, tímida).
- 47 A boa **educação** não deve se pautar pelos conflitos ou problemas que os pais tiveram na infância, mas pelas necessidades de cada filho.
- 48 O que garante uma boa **educação** são seus frutos, comportamentos duradouros que valem para qualquer situação.
- 48 **Educar** é uma obra-prima, uma obra realmente artesanal, cujo resultado é a futura felicidade dos filhos e de todos à sua volta.
- 52 (parafusos de geléia) Não foram **educados** para suportar o "não" .
- 54 Os parafusos de geléia têm baixa auto-estima porque foram regidos pela **educação** pelo prazer.
- 54 Muitos pais acham que dar boa **educação** é deixar o filho fazer o que tiver vontade, isto é, dar-lhe alegria e prazer. Não é isto que cria a auto-estima.
- 57 A **educação** é mobilizar a criatividade para o bem comum.
- 59 Na **educação** do "sim", a ponta mais perigosa e difícil de lidar está no campo das drogas.
- 60 Mas o amor só não **educa**. O que **educa** é deixar a criança assumir , desde pequena, a responsabilidade pelo que faz.
- 67 Faz parte do instinto de perpetuação da espécie os pais cuidarem dos filhos, mas é a **educação** que os qualifica de civilizados.
- 94 É **educativo** que a mãe ou o pai expresse seus sentimentos sobre a violência sofrida e depois, todos ponderem juntos , cada qual falando que sente e pensa a respeito , enquanto os filhos se mostrarem interessados. (sobre assalto sofridos)
- 99 A participação do pai na **educação** do filho já pode começar na gravidez!
- 109 Os animais cuidam instintivamente de suas crias, mas os humanos têm de **educar** seus filhos.
- 112 São os passos de um atendimento integral e devem ser usados durante toda **educação** dos filhos (Pare! Ouça! Veja! Pense! Aja!)
- 126 Um dos argumentos a que muitos pais e mães se apegam para justificar a dificuldade de **educar** os filhos é o de que eles não vêm com manual.
- 127 é fundamental que os pais estabeleçam as bases sobre as quais apoiarão a **educação** dos filhos (parar, ouvir, olhar, pensar e agir - são as bases propostas pelo autor).
- 128 Todos os elementos percebidos, tanto visualmente quanto verbalmente, mais o sentido **educativo** que se queira imprimir na formação da criança, devem fazer parte da resposta

- a ser dada. Sentido **educativo** é o objetivo a ser atendido com a **educação** que está sendo dada.
- 131 O desafio de **educar** : **Educar** não é deixar a criança fazer só o que quer (buscar saciedade). Isso dá mais trabalho do que simplesmente cuidar dela porque equivale a inculcar na criança critérios de valor.
- 134 Mas há uma diferença básica entre o ser humano comum e os pais. Estes têm de saber se o que estão fazendo é **educativo** ou não.
- 136 Infelizmente, esse tipo de pai tenta mudar a escola para que ela também aceite a inadequação de seus filhos. Filhos que eles, pais, não souberam **educar**.
- 138 Muito **educativo** é ensinar a criança a tomar o nosso "banho corrido de cada dia" e um "banho comprido no fim de semana".
- 140 em algumas situações, o educador precisa primeiro se **educar** para depois inculcar algo no filho.
- 142 Quando a criança, mesmo tendo conhecimento de que deve guardar seus brinquedos, recusa-se a fazê-lo, está na hora de aplicar o sistema coerência, constância e consequência de **educação**.
- 142 Castigo, como primeira medida, não **educa** uma criança folgada. O que **educa** é assumir as consequências de seus atos.
- 144 **Educar** dá trabalho, e os bons frutos, na grande maioria dos casos, são tardios.
- 150-
- 151 "Já passamos tanto tempo longe e quando estamos juntos ainda vamos ficar pegando no pé dele?" Esse é o pensamento de compensação da maioria dos pais. Assim, estes tornam-se muito mais recreativos que **educativos**.
- 151 É muito mais fácil dar dinheiro que **educar**, mas o sorriso de uma criança não se compra...
- 151 Dois adultos que trabalham para dar tudo a um só filho podem facilmente cair no exagero, atrapalhando a **educação** da criança.
- 152 A Ritalina não atua sobre mal-**educados**. Ainda assim, diagnósticos apressados e equivocados têm feito pessoas mal-educadas ficarem à vontade para continuar mal-**educadas** sob o pretexto de que estão dominadas pelo DDA.
- 153 Portanto, antes de os pais lidarem com o filho como apenas um mal-**educado** ou como apenas um portador de DDA, é importante que consultem um médico e recebam a orientação correta, base fundamental da boa **educação**.
- 159 Um erro cometido pelos pais, desde que não seja baseado na violência, em surras, socos e pontapés, não traz problema nenhum. Atos como esses podem descarregar a raiva, mas não têm força **educativa**, pois violência só gera violência. Na **educação** integrada, todos devem participar dos cuidados da casa, inclusive os
- 162 filhos.
- 165 A verdadeira **educação** consiste em saber o que houve, para conferir se o filho está certo ou errado, em vez de acreditar piamente nas suas palavras e se sujeitar a ser usado como arma dos desejos da criança, nem sempre lícitos.
- 167 Em muitos casos de filhos pequenos que não obedecem aos pais. Mas basta os adultos recuperarem a autoridade inerente à função de **educador** para os filhos melhorarem.
- 167 Aquele que impõe sua vontade egoísta sobre as regras específicas de determinado contexto - uma fila, por exemplo - não tem **educação** social.
- 170 A mãe e o pai precisam assumir sua condição de **educadores** e fazer o filho entender que está sendo mal-educado, grosseiro e antiético.

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO**

**AUTORA TANIA ZAGURY
LIVRO LIMITES SEM TRAUMA**

pg

- 13 Com as mudanças ocorridas durante o século XX, tanto no campo das relações humanas como no da **educação**, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer (...) exatamente como nós, adultos.
- 14 Será que estas novas teorias estavam, afinal erradas? Em parte sim e em parte não. O problema maior que ocorreu - e ainda vem ocorrendo - é que muitos pais estão tendo sérias dificuldades para colocar em prática essa nova forma de **educar**, que é de fato muito mais difícil.
- 15 Então, o que está acontecendo? Depois de falar, explicar, sorrir, explicar de novo, acariciar, entender, compreender - tudo, tudo, conforme manda o figurino da nova **educação** - não é que parece que seu doce filhinho não entende o diálogo?
- 31 Ao contrário do que parece a quem nunca teve filhos, **educar** uma criança é um processo muito, muito complexo, com situações totalmente inesperadas para a maioria dos pais, que nem sonhavam em ter tanto trabalho, todo dia, todas as hora do dia.
- 32 O que queremos mostrar aqui é que, se agirmos com segurança e firmeza de propósitos, mas com muito afeto e carinho, poderemos atingir nossos objetivos **educacionais** sem autoritarismo e, muito menos, sem bater uma vez sequer nos nossos filhos.
- 36 Quando os pais trabalham adequadamente nesse sentido e, a cada oportunidade que surge, calmamente (às vezes nem tão calmamente como gostariam, porque é mesmo cansativo e repetitivo **educar**), estabelecem limites (...) com o passar de alguns anos, a criança terá aprendido as regras básicas de convivência e iniciado de forma sólida o processo de socialização (...).
- 40 **Educar** envolve um novo desafio a cada dia. Cada situação tende a se repetir muitas e muitas vezes, transmutada em outras formas, porém com a mesma essência. Muitos pais hoje são tão imediatistas quanto seus filhos - querem tudo para hoje, para já, para agora. E, em **educação**, não dá para ser assim. Há que se repetir, com calma, centenas e milhares de vezes a mesma coisa, para funcionar...
- 52 Porque não bater: porque bater é assinar seu próprio atestado de fracasso como **educador**.
- 59 ...Por isso, a melhor forma de se alcançar um objetivo **educacional** é elogiando, incentivando e ressaltando tudo de bom que a criança faz.
- 90 Quanto aos desejos, há que analisá-los, para depois decidir: (...) segundo, quais os que você quer atender (porque você pode até ter condições de atender a alguns desejos de seu filho, mas julgar que não quer fazê-lo porque não acha adequado para a **educação** de seu filho ou até porque não quer atender);
- 105 É bom lembrar que todo esses comportamentos (problemas) tendem a desaparecer, porém não num passe de mágica, como muitos pais sonham. Tudo em **educação** leva anos para ser interiorizado.
- 115 Se queremos que nossos filhos nos respeitem e respeitem o outro temos que começar, nós próprios, respeitando-os, porque o exemplo continua sendo a melhor maneira de **educar**.
- 116 Tenha normas coerentes de disciplina: - e mesmo que você esteja morto de tédio, não desista - as coisas demoram muito a acontecer em **educação**!

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO**

AUTOR ROBERTO SHINYASHIKI

LIVRO PAIS E FILHOS - COMPANHEIROS DE VIAGEM

pg

- 16 Hoje em dia, muitas pessoas dizem que os filhos são importantes, que os amam muito e se sacrificam para proporcionar a eles o que há de melhor em **educação**, uma vida confortável e segurança econômica no futuro.
- 20 **Educar** de verdade dá trabalho, e muitos pais preferem o caminho mais fácil apenas para evitar as dificuldades do presente. Mas é aí que estão o perigo e o começo dos verdadeiros problemas do futuro.
Apesar de todas as orientações que ouvimos para que haja mais diálogo na família, a maioria dos pais continua **educando** seus filhos para serem obedientes.
- 21 **Educar** um filho hoje é muito mais complexo do que há dez anos. Portanto, todos nós temos de refletir sobre maneiras de compartilhar a vida com nossos filhos.
- 27 Se seus pais querem, como avós zelosos, **educar** seus filhos em seu lugar, é fundamental que você saiba impor os limites adequados para que seus filhos tenham uma **educação** coerente.
- 31 Quando os pais iniciam a **educação** dos filhos, geralmente estão entre 20 e 30 anos. Nessa idade, ainda buscam auto-afirmação e por isto, normalmente passam mensagens para as crianças que atuam como ordens.
- 35 Ter um filho representa acima de tudo, receber uma missão e uma grande oportunidade. A missão: Dar amor e estrutura ao novo ser para crescer. Saber **educá-lo** com carinho e disciplina para ajudá-lo a conquistar a autonomia.
Pais que só querem saber de curtir a infância com os filhos estão fugindo de sua missão de educadores.
- 36 Por isso, lembre-se: ser pai ou mãe de verdade é **educar** com alegria de viver.
- 39 **Educar** dá trabalho: Muitos pais confundem amar com mimar e por isso fazem tudo o que os filhos querem pensando que assim manifestam o carinho que sua missão exige. Não percebem que amar é **educar**, e não simplesmente dar aquele sorvete de chocolate às onze horas da noite para que o filho pare de chorar.
- 40 Os pais que sabem amar e **educar** não se assustam com a cara amarrada do filho que, por exemplo, na véspera da prova não foi autorizado por eles a passear.
Você está **educando** de verdade seus filhos ?
Mimar é cansativo, mas é muito menos trabalhoso que **educar**.
Educar, por outro lado, é mais trabalhoso, mas cansa muito menos.
Educar é estimular a criança a agir por si própria.
- 41 **Educar** é ver o filho aprender a subir a escada resistindo à tentação de levá-lo no colo.
- 42 Infelizmente, a **educação** tem reprimido os sentimentos dos indivíduos, e raros são os pais que ajudam os filhos a conhecer a energia das emoções e aprender a expressá-las com serenidade.
- 46 Existem pais que **educam** os filhos para ser crianças eternas... Não acreditam que os filhos tenham capacidade de cuidar de si mesmos e sempre os tratam como se fossem recém-nascidos.
- 50 **Educar** é desenvolver nos filhos o senso crítico para saber o que é realmente importante para eles, e a partir daí, aprimorar a capacidade de realizar seus objetivos.
- 51 Então começa o que chamam de **educação**: "não pode isso, não pode aquilo; não fica bem para você."
E a **educação** continua: "Não faça isso , não faça aquilo". (...)
Educar é criar condições para que a criança faça suas descobertas pessoais sem perder a espontaneidade.
- 53 Está na hora de parar com essa mania de ser super-heróis, super-homens, pois ela está gerando muita úlcera, muita gastrite, muita insônia e muita angústia em toda a família Isso nada tem a ver com o prazer de **educar** os filhos.

- 88 Geralmente, os avós se tornam melhores **educadores** do que foram como pais. As decepções com a educação que deram aos filhos e as próprias frustrações em relação às suas crenças lhes ensinam muito.
- 88 Claro que não faz sentido deixar que a avó decida a **educação** do neto, essa missão é dos pais, mas não é preciso dispensar a colaboração dela quando necessário.
- 116 Trate os professores como parceiros na **educação** de seu filho, a não ser que você tenha motivos claros para concluir que não estão preparados para a função.
- 124 Sobre separação dos pais: à medida que a separação vai se consolidando, é importante que a **educação** dos filhos seja compartilhada e decidida a dois, apesar das mágoas e das dores causadas pelo afastamento.
- 135 Os pais não podem se confundir com esses amigos. Devem exercer também o papel de **educadores**. E **educador** não pode aprovar certos comportamentos. É importante que você tenha sempre isso em mente: você é **educador**.
- 136 **Educar** com princípios é argumentar para que o filho entenda a razão pela qual precisa abraçar valores.
- 137 É fundamental percebermos como esses detalhes (o que os pais dizem aos filhos, mentiras por exemplo) influenciam a **educação** dos filhos, mesmo que naquele minuto a mentira parecesse a saída mais fácil.
- 141 Que os filhos não sejam **educados** como uma forma de realizar nossas frustrações nem como porta-vozes de nossa omissão.
- 150 **Educar** filhos não é algo matemático, é algo que depende da sensibilidade dos dois (pais) algo que depende do momento, da percepção.

CATEGORIA EDUCAÇÃO

AUTOR RINALDO DE LAMARE
LIVRO A VIDA DO BEBÊ

pg

- 1 Ensinamentos e conselhos modernos e práticos, escritos especialmente para as mães criarem e **educarem** os seus filhos, desde o primeiro dia de vida até eles completarem dois anos, a idade mais importante, mais difícil e interessante do ser humano
- 3 A maior felicidade e proteção do bebê é ter os pais perfeitamente esclarecidos quanto a sua criação e **educação**.
- 130 A **educação** dos gêmeos merece cuidado especial, sobretudo se eles são do mesmo sexo, e não se deve dar a impressão de que são um fenômeno, como se um fosse a metade do outro.
- 219 A **educação** deve começar desde cedo.
- 241 A idade de quatro meses é a melhor época para a **educação** e o início da maior integração entre a mãe e seu filho.
- 271 O brincar e o ato de brincar são os grandes recursos para o desenvolvimento e a **educação**.
- 298 A **Educação**: É aconselhável deixar a criança num quarto em que possa brincar e engatinhar à vontade. Substitua possíveis brinquedos perigosos por outros isentos de risco. Se o bebê tiver o hábito de bater com a cabeça nas coisas ou puxar os cabelos, isto deverá ser comunicado ao pediatra.
- 313 A **Educação**: Na verdade, os bebês aprendem muito com seus irmãos. O tormento do bebê no seu primeiro ano de vida é o irmão de um ou dois anos; ele é seu "problema", usa os seus brinquedos, e às vezes fica difícil à mãe fazer justiça. Os mais velhos se sentem perseguidos quando a mãe apóia o menor, e na ausência dela vão à forra no "querido" irmãozinho!
- 325 A **Educação**: Aos dez meses já está na hora de levar a educação do bebê mais a sério. A imitação começa a desempenhar um papel importante nos ensinamentos. É o melhor meio, e o mais prático de se ensinar. As crianças aprendem o que fazemos na frente delas, mas nem sempre o que lhes dizemos.
- 341 A **Educação**: O melhor caminho para ensinar é ter um bom e alegre relacionamento com seu filho. Treinos cansativos, disciplina rígida, atitudes severas não são meios convenientes. Aos onze meses deverão ser evitados castigos físicos (palmadas) ou ordens de cara fechada para travessuras inocentes. O melhor é dar liberdade e deixá-lo andar pela casa, protegido, naturalmente. A obediência do bebê está condicionada à sensibilidade de sua mãe em perceber e aceitar suas limitações e suas inclinações.
- 352 A **Educação**: Nesta idade o bebê gosta mesmo é de andar e de se mexer. Suas habilidades deverão ser encorajadas; deixe-o mexer nas coisas e nos brinquedos que puder. Repreensões repetidas e constantes por uma mãe nervosa dificultarão sua aprendizagem.
- 370 O meio mais prático de realizar a **educação** desta função (*controle intestinal*) consiste em conduzir a criança ao vaso sanitário na hora exata em que ela sentir vontade.
- 378 A **Educação**: A vontade de poder fazer todas as coisas que os adultos fazem é um sinal sadio de inteligência da criança. Ela espia o pai fazer a barba pela manhã e a mãe passar batom nos lábios. Querer fazer isto logo em seguida é absolutamente normal. Os pais devem aproveitar cada oportunidade para ensinar quais objetos e coisas que eles podem pegar e brincar e o que não podem, porque mexer nas coisas é a maior ocupação e atividade nesta idade.

CATEGORIA EDUCAÇÃO

AUTORA MARIA TEREZA MALDONADO

LIVRO COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS

pg

- 9 **Educar** os filhos é uma tarefa complexa: cada nova etapa do desenvolvimento da criança é um desafio à capacidade e à flexibilidade dos pais, pelo muito que deles é exigido em termos de mudança de conduta e de atendimento às necessidades e solicitações do filho.
- 9 Para os pais, a arte de **educar** consiste, sobretudo, na possibilidade de crescerem junto com a criança, respeitando e acompanhando a trajetória que vai da dependência quase total do bebezinho para a crescente autonomia e independência do filho já quase adulto.
- 10 Havia uma espécie de código para a **educação**.
- 13 Nos dias de hoje, em meio a crises sociais e de valores éticos, **educar** filhos é tarefa complexa.
- 14 Ao considerarmos todos esses fatores, vemos que **educar** filhos é um processo profundamente criativo, que modifica os pais em vários sentidos.
- 17 A maneira como concebemos o que é ser bom pai ou boa mãe, as expectativas que criamos a respeito da **educação** dos filhos, as dificuldades pessoais que transparecem em nossos relacionamentos e os mitos culturais entranhados em nosso modo de pensar - tudo isso constitui o arcabouço do relacionamento entre pais e filhos.
- 37 **Educar** para a autonomia implica, fundamentalmente, dar responsabilidade à criança, deixando, pouco a pouco, de fazer por ela o que já consegue fazer sozinha ou deixar de intervir em situações em que a criança pode resolver por conta própria.
- 38 Com isso, perdemos a oportunidade de **educar** a criança para a morte: ajudá-la a observar que uma folha ou uma florzinha nasce pequenina, depois cresce, fica grande, envelhece e morre.
- 54 Lições de moral, sermões ou conselhos são dados no intuito de modificar comportamentos, instruir, **educar**, ensinar, transmitir princípios morais.
- 91 O grande problema do nosso sistema de **educação** é que somos condicionados, desde a infância, a sentir medo de sentir.
- 91 Se, na **educação** de crianças, conseguimos desenvolver essa nova maneira de encarar os sentimentos, conseguiremos usar a reflexão de sentimentos sem medo e estaremos fazendo prevenção de problemas emocionais porque estaremos ajudando a criança a diferenciar seus sentimentos, a saber com mais clareza o que está acontecendo dentro dela e a aceitar que tudo o que sente é lícito e humano.
- 96 O processo **educacional** é um equilíbrio sutil e complexo entre satisfazer e frustrar necessidades e desejos.
- 114 O problema é que costumamos sentir vergonha de explicitar os limites, pensando que isso é falta de **educação**.
- 128 O problema é que muitos de nós ficamos preocupados menos com as reais possibilidades da criança e mais com a necessidade de manter a imagem de "bons **educadores**".
- 132 No caso dos avós, além dessa aprendizagem, há o fato de estarem isentos da responsabilidade de disciplinar e de **educar**: a maioria acha que essa tarefa compete aos pais.
- 132 Confundem afetividade com "moleza" e carranca com firmeza; acham que a boa **educação** exige o uso de punições e castigos aplicados com rigor e severidade; ser carinhoso e disciplinar são coisas consideradas como absolutamente incompatíveis.

- 132 Esse medo faz com que muitos pais se tornem excessivamente rígidos e autoritários, desde quando a criança é bem pequena: "A **educação** de seu filho começa no primeiro dia de vida", "é de pequeno que se torce o pepino", "Criança só aprende com palmadas", "não se pode pegar o bebê no colo, porque fica mimado" são alguns exemplos de mitos muito difundidos que, se seguidos à risca, podem ser bastante nocivos porque desconsideram as necessidades das crianças.
nem como porta-vozes de nossa omissão.
- 133 A insegurança e o medo de errar motivam a busca de "receitas", soluções pré-fabricadas e redundam em maneiras rígidas de **educar**.
- 134 É importante diferenciar entre autoritarismo e autoridade: é evidente que **educar** implica o uso de autoridade - para estabelecer limites, dar ordens e proibir o indispensável que possibilite a criança controlar sua impulsividade, condição básica para a convivência social.

CATEGORIA EDUCAÇÃO

AUTOR PIERRE WEIL

LIVRO A CRIANÇA O LAR E A ESCOLA

pg

14

Consideramos que o **educador** precisa cada vez mais se conhecer melhor por isto a primeira parte será consagrada ao tema "Conheçamos a nós mesmos" (...). A segunda parte trata do problema das atitudes dos **educadores** e da sua repercussão sobre os **educandos** (...)

Pequeno dicionário de Psicologia para Pais e Professores completa o presente volume; esperamos que esta quarta parte seja bastante proveitosa para todos os que precisam de resposta rápida a problemas da **educação** (...)

24

Existem muitas pessoas que, apesar de terem físico e um temperamento ativo, ou afetivo, tornaram-se introvertidas e reservadas sob influência de uma **educação** severa ou brutal; fala-se neste caso em caráter introvertido, por exemplo.

45

(No entanto) a **educação** que recebemos modifica ou reforça o nosso temperamento.

49

Conforme o temperamento dos filhos, tal maneira de **educar** (com brutalidade) provoca duas reações bem diferentes: ou a criança passa a imitar os pais e bater também nos colegas, amigos e nas crianças menores, ou então toma a atitude "cão abatido", caindo numa timidez extrema (...).

51

A **educação** dada por estes pais (democráticos) procura, antes de tudo, desenvolver na criança o senso de responsabilidade, confiando-lhe muitas pequenas tarefas e fazendo com que ela queira o que ela faz e não faça o que quer, conforme expressão de grande educador suíço.

51

Com efeito, a **educação** moderna nunca foi partidária de deixar a criança fazer o que quer, mas sim orientá-la para que acabe uma tarefa começada, e formá-la para saber utilizar convenientemente sua liberdade. Resulta a **educação** democrática de equilíbrio entre a tolerância, a compreensão e a firmeza de propósitos.

52

O **educador** moderno procura desenvolver qualidades positivas de cada educando e fazer com que cada ser humano saiba aproveitá-las para ser ótimo profissional, bom cônjuge e pai quando for adulto.

54

A psicanálise é, talvez, a ciência que mais acertadamente colocou o acento sobre o valor do silêncio na **educação**.

57

Aproximar o ensino da vida - eis o lema de todos os **educadores** modernos, os quais aconselham a diminuir as aulas verbais, a aumentar os exercícios pessoais e as pesquisas individuais ou em grupo.

59

Quando a palavra agressiva vem dos filhos, o silêncio e a calma têm grande valor **educativo**.

61

Se a importância da escola é tão grande na **educação** dos nossos filhos, convém aos pais cerca de todo carinho não somente a escolha do colégio mas ainda as relações entre a família e o diretor e professores.

64

Em geral, recomendamos o internato unicamente nos casos em que o afastamento da família se revela necessário por não existir nela condições próprias à formação condigna do caráter do **educando**.

68

Desejamos que muitos sejam os colégios a seguir a iniciativa dos clubes de pais e mestres. É uma maneira, talvez a mais eficiente, de criar unidade de ação entre a família e a escola, unidade sem a qual, a **educação** se torna algo de ineficiente e às vezes perigosa.

69

O ensino está, nestes últimos anos, atravessando período de crise, que pode ser considerado, provavelmente, como transição entre duas maneiras diferentes e completamente opostas de **educar**: os métodos tradicionais e os métodos ativos.,

Em outras palavras: enquanto o ensino tradicional era essencialmente fundamentado na Didática, os métodos modernos de **educação** têm as suas bases na Psicologia da Aprendizagem.

- 70 A Psicologia Social voltou a atrair a atenção sobre a importância do professor na **educação**; mas, desta vez, trata-se não do seu método de ensino, mas sim, da sua personalidade.
- 71 Da mesma forma que o jardineiro gosta de ver crescer as suas plantas, o bom **educador** ficará satisfeitiíssimo em constatar o progresso de seus alunos.
- 76 (...) o verdadeiro **educador** é o que sabe falar no momento oportuno, para orientar um trabalho em curso ou mesmo para dar uma aula, mas que sabe também calar-se para ouvir o aluno falar ou deixar os alunos debaterem um assunto de interesse coletivo.
- 78 Algo está mudando; a juventude está se organizando para mudar o mundo, o mundo dos mais velhos; e os mais velhos, seus pais e **educadores**, estão atônitos (...). Pode-se, no entanto, tentar ajudar o leitor a compreender melhor estes aspectos a fim de analisar a sua posição e ficar mais consciente do que se passa com seus **educandos**; ser mais consciente já é um passo para tomada de posição e decisão.
- 84 (...) os partidos políticos e as correntes ideológicas ferem a uma ética fundamental da **Educação** e estariam se aproveitando da falta de experiência da juventude, que é uma cera virgem de gravar, para inculcar-lhes idéias e condicioná-las (...).
- 85 **Educação** para a liberdade:
Mesmo se tiverem os **educadores** posições pessoais, seria uma forma de alienar os seus próprios filhos, de quererem impor as suas idéias ou influenciá-los na direção das suas próprias opiniões ou crenças.
- 86 Só se **educa** para a liberdade, dando liberdade para aprender a saber usá-la.
- 90 Em casos de problemas de conduta, tais como instabilidade, rebeldia, excessivo retraimento, inatenção, o **educador** tem de empregar solução diferente para cada caso.
- 91 (Por isso) é indispensável que o **educador** tenha uma personalidade equilibrada e saiba controlar suas reações.
- 92 Nada mais perigoso que isto (atribuir intenções a quem não as teve) em **educação**; o bom professor necessita, antes de tudo, compreender cada aluno, isto é procurar as razões reais e não imaginárias da conduta de cada um. Neste sentido, a **educação** é uma ciência, ou melhor, é baseada na ciência, através da Psicologia.
- 94 (...) se se considera a escola como uma instituição cujo objetivo é adaptar progressivamente a juventude à realidade da vida de adulto, como um professor que nunca saiu do ambiente escolar poderá **educar** alguém para a vida?
- 94 O desejo de aprovação do professor pelos seus alunos é freqüente em **educadores** inseguros, e por isto mesmo, ansiosos em procurar nos menores gestos de cada aluno um sinal de admiração e gratidão.
- 95 Se o agradecimento de um aluno pode ser estímulo normal para qualquer **educador**, não pode e não deve constituir motivação principal.
- 95 Infelizmente este tipo (sádico) de **educador** existe e muitas vezes é difícil descobri-lo pelo medo que os alunos têm de ser prejudicados, pela denúncia, ou mesmo, pela ignorância da legislação em vigor.
- 99 Notou-se que havia diferenças individuais entre cada **educando**; além disto foi colocada em relevo a importância da motivação no processo **educacional**.
- 99 Descobertas mais recentes insistem na experiência pessoal e na atividade do próprio aluno como condição sine qua non da assimilação pelo **educando** de novos conhecimentos.
- 101 (...) quem conhece as leis da aprendizagem terá maior êxito na educação do que quem não as estudou.
- 103 Comparações feitas entre grupos de alunos, uns submetidos ao ensino tradicional e verbal, outros submetidos a processos de **educação** ativa, demonstram sempre superioridade de rendimento do segundo grupo sobre o primeiro.
- 107 Quem organiza programas **educacionais** deveria levar em consideração o que é essencial na aprendizagem para integração do **educando** na sua comunidade (...).
- 111 (Por isto) antes ou durante o início de qualquer aprendizagem é indispensável o **educador** procurar despertar nos alunos o interesse pelo assunto a ser estudado por eles (...).

- 111 Parece haver conflito entre as exigências das "leis de aprendizagem" e a organização escolar. As primeiras exigindo providências individuais, a segunda implicando em **educação** coletiva.
- 113 Ao **educador** cabe escolher entre a frustração ou a motivação, isto é, entre o medo e o estímulo.
- 115 O conhecimento objetivo de si mesmo é extremamente importante na **Educação** e na adaptação que cada um de nós procura no próprio ambiente: é extremamente difícil este conhecimento.
- 116 Como se vê, não basta, na aprendizagem, utilizar a motivação como meio de conseguir melhores resultados; é ainda necessário **educar** esta mesma motivação no sentido de ajustar a sua intensidade e o seu nível às nossas verdadeiras possibilidades.
- 123 A conjugação da Aprendizagem Programada e do computador eletrônico, permitirá resolver em grande parte o grande problema da **educação** e diplomação em massa.
- 127 Outros **educadores**, como Laura Lacombe, no Brasil, lutam para desenvolver na **educação** o que chamam as "humanidades Femininas", preparando a moça para profissões dignas do seu sexo.
- 128 Se se fizesse a estatística da freqüência de castigos e de recompensas distribuídos professores, encontrar-se-ia, provavelmente, proporção muito maior dos primeiros que dos segundos; isto provém de uma concepção errada da **educação**; pensam que educar equivale a corrigir, enquanto se sabe hoje que é muito mais eficiente estimular as crianças a trabalhar, estudar e fazer o bem em geral, que ralhar e punir quando não trabalham ou fazem alguma coisa errada.
- 135 Sabe-se hoje que para **educação** da criança, sobretudo no que se refere aos seus aspectos afetivos, a família é indispensável.
- 144 **Educação** moral (sugere o esporte como atividade para desenvolver a educação moral): (...) Através da prática do futebol, orientada por um monitor que seja ao mesmo tempo um **educador**, é possível, digo mesmo é fácil, inculcar o respeito ao regulamento, tornando isto habitual (...).
- 150 O escotismo, criado por Lord Baden Powell, é um método de **Educação** Moderna, que já demonstrou os seus efeitos benéficos no mundo inteiro.
- 150 Em muitos casos de crianças apresentando dificuldades na sua **educação**, tais como instabilidade, desonestidade, falta de iniciativa, egoísmo exagerado e outros, as modificações e melhoramentos obtidos pelo escotismo foram em muitos casos surpreendentes.
- 153 Hoje a escola pretende também "**educar**", quer dizer, formar a personalidade total.
- 154 (...) a família se revelou fator indispensável à **educação** da criança e sobretudo à sua estabilidade emocional, a maioria dos adultos sem coração e afetividade foram separados da mãe nos primeiros meses da sua vida (...).
- 157 O número de pessoas que fracassaram na vida porque os pais não pensaram suficientemente nos problemas de sua **educação** é muito grande.
- 158 Os fracassos na vida social e na vida íntima do adulto têm muitas vezes origem em erros de **educação** (...)
- 158 Pode-se afirmar que mais moça é a criança, maior a função da mãe na sua **educação**.
- 170 É preciso não confundir **educação** moderna com anarquia e laissez-faire. Nunca nenhum renovador da **Educação** afirmou que se deve deixar a criança fazer o que ela quer e quando quer.
- 187 A psicologia moderna fez tais progressos que é hoje possível determinar (...) depois de ter examinado a criança, qual foi a influência da **educação** recebida e quais as conseqüências sobre a formação da sua personalidade.

CATEGORIA EDUCAÇÃO

AUTOR GABRIEL CHALITA

pg

LIVRO PEDAGOGIA DO AMOR

- 11 Como **educar** nossas crianças e jovens num tempo em que a aparência vale mais do que a essência e a competição e o individualismo teimam em ditar as regras dos relacionamentos, acabando por minar qualquer possibilidade de companheirismo,

- de amizade e de amor?
- 34 Da infância em diante, passamos a uma espécie de **educação** ininterrupta no quesito relacionamento humano. Nós nos dedicamos a um aprendizado que inclui o entendimento dos olhares cúmplices, a linguagem afetuosa, o desejo constante do bem-estar físico e emocional do outro, os gestos solidários nos momentos de dor e tristeza, a felicidade compartilhada nas horas alegres...
- 91 Independentemente da área de atuação, as pessoas querem aprender, crescer, desenvolver suas aptidões e habilidades, obter reconhecimento e recompensas à altura de suas qualificações, de seus esforços. Entre superiores e subordinados deve existir uma relação de mestre e aprendiz. Uma relação de **educador e educando**.
- 91-92 Capacitação contínua, reconhecimento, promoções e prêmios para os que se destacam (...) E mais: a educação do líder, a gentileza, a consciência de que o poder é nobre e é, sobretudo, útil quando significa poder servir.
- 94 As novas gerações têm de estar atentas às múltiplas e necessárias faces e aos benefícios provenientes do trabalho. É por meio do trabalho que o ser humano é levado a concretizar a união entre a teoria e a prática, proporcionando a plenitude de sua **educação** e aprendizado. Uma **educação** voltada tanto para o indivíduo, quanto para a coletividade, uma vez que o homem colabora para suprir não só suas necessidades mas também as de um enorme contingente de pessoas.
- 95 Entretanto, é nosso dever alertar os aprendizes de hoje sobre o nosso compromisso social de utilizar todas as ferramentas possíveis para mudar esse quadro (de aversão ao trabalho), inaugurando um tempo em que todos poderão ter a **educação** necessária, que garantirá aos brasileiros e a todos os cidadãos do mundo a capacidade de exercer trabalhos dignos, que dêem prazer e façam as pessoas sentir-se honradas e orgulhosas por executá-los.
- 109 No dia-a-dia, vemos situações absurdas e constrangedoras causadas unicamente pela ausência de humildade e das demais qualidades que vêm com ela. É o caso do professor que não acredita que a relação entre **educador e educando** é de pura troca, de puro aprendizado. A humildade está profundamente ligada à efemeridade do poder.
- 112 Em seu livro "Entre a ciência e a sapiência - O dilema da **educação**", o educador e escritor Ruben Alves faz uma deliciosa comparação entre o saber e o sabor, dando às duas palavras um peso equivalente na jornada estimulante rumo ao conhecimento. Na verdade, a sabedoria, é uma virtude de importância crucial.
- 129 (...) Andersen teve uma infância pobre, que o privou do acesso a uma **educação** regular mas ele sempre contou com o incentivo do pai (...).
- 138 Para criar cidadãos sem preconceitos, é preciso começar a **educá-los** ainda quando crianças, fazendo com que desenvolvam o respeito ao diferente por meio de máximas morais, contos e narrativas que instiguem avaliações e conclusões de que todas as pessoas merecem respeito, amor fraterno e tratamento digno.
- 139 Neste sentido, **educadores**, pais e todos os que acreditam na importância dos valores essenciais para a formação de gerações mais conscientes e críticas devem propagar e demonstrar por meio de exemplos e ações que, independentemente das diferenças, todos temos necessidades físicas e psicológicas semelhantes.
- 145 A união, a capacidade de pensar e de se preocupar com o outro, a grandeza de entoar cânticos coletivos, e não individuais, o altruísmo em oposição ao individualismo, o coletivo pairando acima do egocentrismo... Essa é a verdadeira graça e a verdadeira poesia da vida. Poesia essa magistralmente descrita por João Cabral de Melo Neto em seu belíssimo poema "Tecendo a Manhã", do livro " **Educação** pela Pedra"

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO**

**AUTOR AUGUSTO CURRY
LIVRO PAIS BRILHANTES PROFESSORES FASCINANTES**

- pg
1 Ser **educador** é ser um poeta do amor.
- 9 Não escrevo parar heróis mas para pessoas que sabem que **educar** é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. **Educar** é acreditar na vida mesmo que derramemos lágrimas. **Educar** é ter esperança no futuro mesmo que os jovens nos decepcionem no presente. **Educar** é semear com sabedoria e colher com paciência. **Educar** é ser um garimpeiro que procura os tesouros do coração.
- 10 Compartilharei minha experiência como psiquiatra, **educador** e cientista da psicologia. Aqui está a solução da **educação** no mundo. Se você só divulgar essas técnicas e não fizer mais nada na vida, já cumpriu sua missão existencial. Sugiro que você as publique num livro acessível, para que elas cheguem às mãos de cada escola, de cada professor, de cada mãe, de cada pai.
- 12 A culpa, como veremos, é do sistema **educacional** doentio que se arrasta por séculos
- 15 Não estamos **educando** a emoção nem estimulando o desenvolvimento das funções mais importantes da inteligência, tais como contemplar o belo, pensar antes de reagir, expor e não impor as idéias, gerenciar os pensamentos, ter espírito empreendedor. Estamos formando os jovens, e não a sua personalidade. A **educação** tornou-se seca, fria e sem tempero emocional.
- 16 Quanto pior for a qualidade da **educação**, mais importante será o papel da psiquiatria neste século.
Precisamos conhecer algo sobre o funcionamento da mente e mudar alguns pilares da **educação**.
Atualmente, não basta ser bom, pois a crise da **educação** impõe que procuremos a excelência. Os pais precisam adquirir hábitos dos pais brilhantes para revolucionar a **educação**.
Os professores precisam incorporar hábitos dos **educadores** fascinantes para atuar com eficiência no pequeno e infinito mundo da personalidade dos seus alunos.
Cada hábito praticado pelos **educadores** poderá contribuir para desenvolver características fundamentais da personalidade dos jovens.
Precisamos ser **educadores** muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e felizes, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante.
- 17 Um excelente **educador** não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.
- 22 Tenha consciência de que **educar** é penetrar um no mundo do outro.
Porque esta é a única maneira de **educar** a emoção e criar vínculos sólidos e profundos.
- 31 Que **educação** é esta que fala sobre o mundo em que estamos e se cala sobre o mundo em que somos?
- 33 Conseqüentemente, o que você disser não ecoará dentro deles, não gerará um momento **educacional**. Este processo é inconsciente.
- 34 **Educar** não é repetir palavras, é criar idéias, é encantar.
Mas insistimos em **educar** nossos filhos como se fossem aparelhos lógicos que precisam apenas seguir um manual de regras.
- 35 Creio que 99% das críticas e das correções dos pais são inúteis, não influenciam na personalidade dos jovens. Além de não **educar**, elas geram mais agressividade e distanciamento.
Pais brilhantes conhecem o funcionamento da mente para **educar** melhor.
Eles surpreendem a emoção com gestos ímpares. Deste modo, geram fantásticos momentos **educacionais**.
- 36 Se você **educa** a inteligência emocional dos seus filhos com elogios quando eles esperam uma bronca (Goleman, 1996), com um encorajamento quando eles esperam

- uma reação agressiva, com uma atitude afetuosa quando eles esperam um ataque de raiva, eles se encantarão e registrarão você com grandeza.
- 37 Uma das coisas mais importantes na **educação** é levar um filho a admirar seu educador
- 38 Bons pais **educam** a inteligência lógica dos filhos, pais brilhantes educam a sensibilidade
- 39 Temos agido assim com nossos filhos, ou desempenhamos apenas as obrigações triviais da **educação**?
- 41 Eis o grande desafio da **educação**: a emoção!
- 42 A maioria dos **educadores** não consegue atravessar essa cortina
- 44 Aqui vai uma outra sugestão para todos os pais, ainda mais importante que a primeira. Chamo-a de "projeto da **educação** da emoção"(PEE):desliguem a TV durante uma semana a cada dois meses e realizem coisas interessantes com seus filhos. O maior desejo dos pais deveria ser que seus filhos fossem seus amigos: diplomas dinheiro, sucesso são conseqüências de uma **educação** brilhante.
- 48 Ser feliz é um treinamento e não uma obra do acaso.Qual é uma das mais excelentes maneiras de **educar**? Contar histórias.Contar histórias amplia o mundo das idéias, areja a emoção, dilui as tensões.
- 49 O Mestre dos mestres foi um excelente **educador** porque era um contador de parábolas
- 50 Você pode **educar** muito se desgastando pouco.Pais brilhantes estimulam seus filhos a vencer seus temores e a viver com suavidade.São contadores de histórias, são vendedores de sonhos.
- 52 Devemos ser poetas na batalha da **educação**.
Ninguém se diploma na tarefa de **educar**
- 53 Se os pais incorporarem os hábitos dos **educadores** brilhantes que mencionei, eles poderão, sem medo, contrariar, colocar limites e dizer "não" aos filhos. Quero deixar claro que os hábitos dos pais brilhantes revelam que ninguém se diploma na **educação** de filhos.
Para **educar** precisamos aprender sempre e conhecer na plenitude a palavra paciência.
- 54 Pais e professores são parceiros na fantástica empreitada da **educação**.
- 55 **Educar** é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semador de idéias.
- 58 A **educação** passa por uma crise sem precedentes na História. Os alunos estão alienados, não se concentram, não têm prazer em aprender e são ansiosos.De quem é a culpa? Dos alunos ou dos pais? Nem de uns nem de outros.As causas são mais profundas. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem pensamentos.
Precisamos conhecer alguns papéis da memória e algumas áreas do processo de construção da inteligência para encontrar as ferramentas necessárias e capazes de dar uma reviravolta na **educação**.
Os **educadores** perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens.
- 59 Frequentemente os **educadores** precisam gritar para obter o mínimo de atenção.
A **educação** está falida, a violência e a alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente das crianças e dos adolescentes.Tenho convicção científica de que a velocidade de pensamento dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de **educação** do passado, embora não fosse ideal, funcionava.Precisamos de um novo modelo de **educação**. No final do livro comentarei dez técnicas para produzirmos uma **educação** excelente,capaz de eliminar os efeitos negativos da SPA (síndrome do pensamento acelerado).
- 63 Que tipo de **educação** é esta que estamos construindo e que vem eliminando a boa qualidade de vida dos nossos queridos mestres?
- 65 Veja por vários ângulos a **educação**. Entenda que somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o ter e não o ser, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as idéias.
Os **educadores**, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza,

- a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.
- 66 Bons professores **educam** a inteligência lógica, professores fascinantes **educam** a emoção
Professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são, o seu próprio ser. Sua **educação** segue as notas da emoção.
Eduque a emoção com inteligência. E o que é **educar** a emoção? É estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida.
Educar a emoção também é se doar sem esperar retorno (...)
- 67 Quantas lágrimas, doenças psíquicas, crises no relacionamento e até suicídios poderiam ser evitados com **educação** da emoção?
Sem a **educação** da emoção podemos gerar pelo menos três resultados. Alguns se tornam insensíveis, tem traços de uma personalidade psicopata.(...) Outros,ao contrário, se tornam hipersensíveis. (...) Outros ainda são alienados, não ferem os outros mas não pensam no futuro, não tem sonhos metas, deixam a vida levá-los, vivem num conformismo doentio.
As escolas não estão conseguindo **educar** a emoção.
- 68 A **educação** clássica transformou a memória humana num banco de dados.
- 69 A memória clama para que o ser humano seja criativo, mas a **educação** clássica clama para que ele seja repetitivo.
- 70 Era difícil me adaptar a uma **educação** que não provocava a minha inteligência.
- 73 A conclusão a que cheguei é Jesus Cristo se tornou o mestre inesquecível não por atos sobrenaturais, mas por que arejou o anfiteatro da mente humana com habilidade ímpar. Nunca alguém tão grande se fez tão pequeno para tornar grandes os pequenos. Independentemente de religião, os que amam a **educação** devem estudá-lo
- 79 Bons professores **educam** para uma profissão, professores fascinantes **educam** para a vida.
- 81 Se não construirmos a **educação**, as sociedades modernas se tornarão um grande hospital psiquiátrico.
- 85 Corrigir publicamente uma pessoa é o primeiro pecado capital da **educação**. Um **educador** jamais deveria expor o defeito de uma pessoa, por pior que ele seja, diante dos outros.
Um **educador** deve valorizar mais a pessoa que erra do que o erro da pessoa.
- 89 Se insistirmos em manter nossa autoridade a qualquer custo, estaremos cometendo um pecado capital na **educação** dos nossos filhos. Nosso autoritarismo controlará a inteligência deles.
- 98 O diálogo é uma ferramenta **educacional** insubstituível.
- 91-92 Desejando acertar o pai cometeu alguns pecados capitais da **educação**. Impôs autoridade, humilhou seu filho em público, criticou-o excessivamente e obstruiu sua infância. Este pai estava preparado para consertar computadores, e não para **educar** um ser humano.
A comparação só é **educativa** quando é estimulante e não depreciativa.
Estimados **educadores**, temos de ter em mente que os fracos condenam, os fortes compreendem, os fracos julgam, os fortes perdoam.
- 95 Praticando essa **educação** você estará desenvolvendo as seguintes características da personalidade dos jovens: liderança, tolerância, ponderação, segurança nos momentos turbulentos
Jamais coloque limites sem dar explicações. Este é um dos pecados capitais mais comuns que os **educadores** cometem (...) Para **educar**, use primeiro o silêncio e depois as idéias.
Punir com castigos, privações e limites só **educa** se não for em excesso e se estimular

- a arte de pensar.
- 97 Todos querem **educar** jovens dóceis, mas são os que nos frustram que testam nossa qualidade de **educadores**.
Paciência é o seu segredo, a **educação** do afeto é a sua meta.
- 99 As falhas capitais da **educação** podem ser solucionadas quando corrigidas rapidamente. A confiança é um edifício difícil de ser contruído, fácil de ser demolido e muito difícil de ser reconstruído..
- 100 O maior pecado capital que os **educadores** podem cometer é destruir a esperança e os sonhos dos jovens.
- 105 A memória é o terreno onde é cultivada a **educação**. Mas será que a ciência desvendou os principais papéis da memória?
Precisamos compreender os cinco papéis fundamentais do magnífico território da memória para podermos encontrar ferramentas para reconstruir a **educação**, revolucionar seus conceitos .
- 109 Os professores e os pais que não provocam a emoção dos jovens não **educam**, apenas informam.
- 111 A **educação** que varreu os séculos não compreendeu que se reeditarmos o filme do inconsciente de maneira inteligente seremos autores da nossa história. Caso contrário, seremos vítimas das nossas mazelas.
- 114 A máxima da **educação** mundial é "ensinar para lembrar e lembrar para aplicar".
- 117 Quanto melhor for a qualidade da **educação**, menos importante será o papel da psiquiatria no terceiro milênio
- 119 Muitos **educadores** no mundo todo dizem que não há nada de novo na **educação**. Creio que aqui será apresentado algo novo e impactante. Essas técnicas contribuem para mudarmos para sempre a **educação**. Elas constituem o projeto escola da vida e podem gerar a **educação** dos nossos sonhos.
Elas objetivam a **educação** da emoção, a **educação** da auto-estima, o desenvolvimento da solidariedade, da tolerância, da segurança, do raciocínio esquemático, da capacidade de gerenciar os pensamentos nos focos de tensão, da habilidade de trabalhar perdas e frustrações.
- 121 A música ambiente tem três grandes metas. Primeiro, produzir a **educação** musical e emocional. Segundo, gerar o prazer de aprender durante as aulas de matemática, física, história. Platão sonhava com o deleite de aprender (Platão, 1985). Terceiro, aliviar a síndrome do pensamento acelerado (SPA).
- 123 Sentar em círculo ou em U: Objetivos desta técnica: desenvolver a segurança, promover a **educação** participativa, melhorar a concentração, diminuir conflitos em sala de aula, diminuir conversas paralelas.
- 124 As grandes teorias **educacionais** não estudaram os papéis da memória.
- 125 **Educando** com os olhos: os escultores da emoção
Todos são atores da **educação**. A **educação** deve ser participativa
(...) Os professores relaxariam nesse período, e os alunos se comprometeriam com a **educação**, desenvolveriam capacidade crítica, raciocínio esquemático, superariam a fobia social.
Os **educadores** são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos: eles falam tanto quanto as palavras.
- 126 A **educação** produz o estresse positivo ou negativo? Frequentemente negativo!
Por quê? Devido à transmissão do conhecimento frio, pronto e sem sabor.
Educar é provocar a inteligência, é a arte dos desafios.
O que é mais importante na **educação**: a dúvida ou a resposta? Muitos pensam que é a resposta. Mas a resposta é uma das maiores armadilhas intelectuais. Quem determina o tamanho da resposta é o tamanho da dúvida. A dúvida nos provoca muito mais do que a resposta.
- 128 A **educação** emancipa, forma mentes livres (Adorno, 1971) e não robotizadas e controladas pelo consumismo, pela paranóia da estética, pela opinião dos outros.

- Exposição dialogada: a arte da pergunta: Objetivos desta técnica: desenvolver a consciência crítica, promover o debate de idéias, estimular a **educação** participativa, superar a insegurança, debelar a timidez, melhorar a concentração.
- 131 A arte da pergunta faz parte da **educação** dos nossos sonhos.
- 132 Ser contador de histórias: Objetivos desta técnica: desenvolver criatividade, **educar** a emoção, estimular a sabedoria, expandir a capacidade de solução em situações de tensão, enriquecer a socialização.
Educar é contar histórias
- 133 Nossos filhos precisam de uma **educação** séria, mas também agradável.
- 134 Da próxima vez que um aluno ou um filho o agredir, leve-o a pensar. Grite dentro dele sendo **educado**, grite com suavidade, conte-lhe uma história.
- 135 A **educação** clássica comete outro grande erro. Ela se esforça para transmitir o conhecimento em sala de aula, mas raramente comenta sobre a vida do produtor do conhecimento.
Sou crítico dos materiais didáticos belíssimos que expõem o conhecimento mas desprezam a história dos cientistas. Este tipo de **educação** causa aversão nos alunos, não provoca a arte de pensar.
- 137 (...) afirmo convictamente que humanizar o conhecimento é fundamental para revolucionarmos a **educação**. Caso contrário, assistiremos a milhares de congressos de **educação** que não terão efeito intelectual algum.
- 138 Antes do século XVI, a **educação** era normalmente feita por mestres que conviviam com os jovens.
- 139 Que tipo de **educação** é este que despreza a emoção e nega a história existencial? Os computadores podem informar os alunos, mas apenas os professores são capazes de formá-los. Somente eles podem estimular a criatividade, a superação de conflitos, o encanto pela existência, a **educação** para a paz, para o consumo, para o exercício dos direitos humanos.
A **educação** moderna está em crise, porque não é humanizada, separa o pensador do conhecimento, o professor da matéria, o aluno da escola, enfim, separa o sujeito do objeto.
- 140 **Educadores** fascinantes não são infalíveis.
- 141 Quantos conflitos não serão evitados através de uma **educação** humanizada.
- 142 A **educação** está errada no mundo todo. As escolas nasceram sem uma compreensão profunda dos papéis da memória e do processo de construção dos pensamentos.
- 143 **Educar** a auto-estima: elogiar antes de criticar: Objetivos desta técnica : educar a emoção e a auto-estima, vacinar contra a discriminação, promover a solidariedade, resolver conflitos em sala de aula, filtrar estímulos estressantes, trabalhar perdas e frustrações.
O elogio alivia as feridas da alma, **educa** a emoção e a auto-estima.
- 145 Não é a repetição das palavras críticas que gera o momento **educacional**, mas seu registro privilegiado.
Ser **educador** é ser promotor de auto-estima.
- 148 O gerenciamento dos pensamentos é o ponto central do tratamento psicoterapêutico de qualquer corrente de pensamento. Entretanto, precisamos também entender que este gerenciamento é o ponto central da **educação**, apesar de a ciência pouco compreender este assunto.
A tarefa mais importante da **educação** é transformar o ser humano em líder de si mesmo, líder dos seus pensamentos e emoções.
- 149 Na minha opinião, gerenciar os pensamentos é uma das mais importantes descobertas da ciência atual, e com grande aplicabilidade na **educação** e na psicologia. Mas a **educação**, as escolas de pedagogia e as faculdades de psicologia ainda dormitam nessa área. Somos especialistas em formar pessoas passivas.
- 150 Os jovens precisam de uma **educação** surpreendente.
- 151 Participar de projetos sociais: Objetivos desta técnica: desenvolver a responsabilidade

social, promover a cidadania, cultivar a solidariedade, expandir a capacidade de trabalhar em equipe, trabalhar os temas transversais: a **educação** para a saúde, para a paz, para os direitos humanos.

O compromisso social deve ser a grande meta da **educação**.

152 Para onde caminha a **educação**?

153 A **educação** não precisa de reforma, mas de uma revolução. A **educação** do futuro precisa formar pensadores, empreendedores, sonhadores, líderes não apenas do mundo em que estamos, mas do mundo que somos.

155 Qual é a escola dos seus sonhos? Para mim, é a escola que **educa** os jovens para extraírem força da fragilidade, segurança da terra do medo, esperança da desolação, sorriso das lágrimas e sabedoria dos fracassos.

157 Se metade do orçamento dos gastos familiares no mundo fosse investido na **educação**, os generais se tornariam jardineiros; os policiais, poetas; os psiquiatras, músicos. A violência, a fome, o medo, o terrorismo e os problemas emocionais estariam nas páginas dos dicionários e não nas páginas da vida...

159 Para finalizar este livro, contarei uma história que revela a perigosa direção para onde a sociedade está caminhando, a crise da **educação** e a importância dos pais e dos professores como construtores de um mundo melhor.

162 Apenas queremos ter condições para **educar** a emoção dos nossos alunos, formar jovens livres e felizes para que eles não adoeçam e sejam tratados por vocês.

164 A platéia, manipulada, mudou de lado. Condenaram os professores. Exaltaram a **educação** virtual. Gritaram em coro: "Computadores! Computadores! Fim dos professores!"

165 Descobriu-se que o pouco de luz que entrava na sociedade vinha do coração dos professores e dos pais que arduamente **educavam** seus filhos.

166 Há séculos eles esperavam que a sociedade acordasse para o drama da educação. Infelizmente, a sociedade só acordou quando as misérias sociais atingiram patamares insuportáveis.

(...) Pela primeira vez, a sociedade colocou a **educação** no centro das suas atenções.

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO****AUTOR SPENCER JOHNSON
LIVRO O PAI MINUTO**

- pg
11 Ele e a mulher haviam tentado, tanto quanto estava ao seu alcance, **educar** seus filhos com amor e disciplina.
- 12 (...) teria sido melhor se ambos se tivessem dado apoio mútuo na **educação** dos filhos.
- 61 (...) um homem mais jovem - e sua mulher estavam começando a observar a maneira pela qual **educavam** seus filhos. Ambos conversaram sobre o assunto e chegaram a mesma conclusão: estavam perdendo o controle sobre os filhos.
- 62 Ninguém nunca ensinara a nenhum deles como ser pai ou mãe. A verdade é que nunca pensaram muito em como **educar** seus filhos.
- 65 (...) não tenho todas as respostas para a **educação** de crianças. Apenas tenho a sorte de saber algumas pequenas coisas que você ou qualquer outro pai também pode aprender, coisas que podem fazer uma grande diferença. Provavelmente, o número de soluções para **educar** crianças varia tanto quanto o número de pais.
- 95 Através dos séculos, muitos outros homens e mulheres fizeram um bom trabalho na **educação** de crianças. De diferentes maneiras, estes bons pais fazem, instintivamente, a mesma coisa básica: deixam bem claro aquilo que esperam dos filhos, os elogiam e, quando necessário, deixam que eles saibam, o mais cedo possível, quando se comportam mal - sem usar de castigos corporais.
- 97 Pessoas **educadas** desta maneira (acreditando que são dignas e boas) têm possibilidade de se tornar criminosos violentos?
- 108 Mas há uma moça ao telefone. Quer vir até aqui e conversar conosco sobre a maneira como **educamos** nossos filhos.
- 108 Ele estava encantado. Sabia que mais mães e pais estavam tendo um interesse maior em acertar na **educação** dos filhos.

**CATEGORIA
EDUCAÇÃO****AUTORA MALVINE ZALCBERG
A RELAÇÃO MÃE FILHA**pg
76

Aurelia Plath escreve prefaciando as cartas de sua filha, que apreciava muito a comunhão existente entre Sylvia e ela, ao mesmo tempo em que se felicitava pelo sucesso de esplêndida **educação**, tida como ideal.

CATEGORIA FELICIDADE

**CATEGORIA
FELICIDADE**

**AUTOR IÇAMI TIBA
LIVRO QUEM AMA EDUCA !**

pg

contracapa

Este livro é sobre como **educar** os filhos ao criá-los. Sobre como possibilitar, desde o nascimento, que eles sejam pessoas responsáveis por sua **felicidade** e conscientes de sua responsabilidade social.

5 Apres.

Os pais podem dar alegria e satisfação a um filho, mas não há como lhe dar **felicidade**. Os pais podem aliviar sofrimentos enchendo-o de presentes, mas não como lhe comprar **felicidade**.

Os pais podem muito bem ser bem-sucedidos e **felizes**, mas não há como lhe emprestar **felicidade**.

É sobre a auto-estima que repousa a alma, e é nesta paz que reside a **felicidade**.

21 Introd

"**Felicidade** não depende do que nos falta, mas do bom uso que fazemos do que temos".

Todos os pais querem que seus filhos sejam **felizes**.

Felicidade não se dá, muito menos se compra. Aprende-se a ser feliz.

Devido à auto-estima como base fundamental da **felicidade**, ela está presente em vários capítulos do livro.

A **felicidade** e seus vários níveis mereceram um capítulo especial.

48

Educar é uma obra-prima, uma obra realmente artesanal, cujo resultado é a futura **felicidade** dos filhos e de todos à sua volta.

70

O vegetal sobrevive, o animal sacia seus instintos e o ser humano deseja ser **feliz**.

72

A busca da **felicidade**, que inclui a liberdade, é uma característica exclusiva do ser humano.

A **felicidade** é um bem-estar biopsicossocial, uma satisfação da alma.

Felicidade não se dá nem se vende.

Os pais podem fornecer aos filhos a base para formar a **felicidade**, seja materialmente, oferecendo-lhes condições básicas de sobrevivência, seja psicologicamente, através da **educação**.

Como são numerosos os níveis de **felicidade**, destaco a seguir os fundamentais: **felicidade egoísta, felicidade familiar, felicidade comunitária e felicidade social**.

Felicidade egoísta: A pessoa que desfruta deste tipo de **felicidade** busca somente atender às próprias necessidades e vontades, sem considerar o sofrimento alheio.

Procura um bem-estar primitivo, quase vegetal, pois leva em conta apenas a própria sobrevivência. Suga todos os nutrientes do solo, enquanto se espalha para pegar o máximo de luz, mesmo que isto abafe outras plantas.

Uma criança muito pequena naturalmente busca esse tipo de **felicidade** (egoísta), porque nessa fase de desenvolvimento o egocentrismo é natural.

73

Quando um filho se droga também está buscando a **felicidade** egoísta.

Quando os pais "sofrem" de **felicidade** egoísta, estão educando os filhos, pelo "como somos", a também ser egoístas.

74

Felicidade familiar: Todo o interesse da pessoa volta-se para o bem-estar exclusivo da família. Pouco importa o que acontece com as outras famílias; cerca-se de todos os recursos para garantir sua segurança. É como um animal protegendo a prole.

75

Felicidade comunitária: Uma pessoa que sente esse tipo de **felicidade** faz questão de ajudar os outros integrantes de sua comunidade para torná-los mais **felizes**.

Ultrapassa os limites da própria família, os interesses materiais e o individualismo.

Podem ser pessoas que passaram pelas **felicidades** egoísta e familiar e depois amadureceram para a **felicidade** comunitária.

76

A educação das crianças deve abranger também a busca da **felicidade** comunitária.

77

Felicidade social: Aqui, consideram-se todos os seres humanos iguais, não importando cor, etnia, raça, credo, religião, nível social, preparo cultural, poder econômico, cargo político, fama, origem aspecto físico, capacitação ou habilidade.

A pessoa fica **feliz** em poder ajudar o outro ser humano a ser **feliz**. (felicidade social)
A **felicidade social** é a expressão máxima da saúde relacional social, pois se eleva acima das **felicidades** anteriores.

**CATEGORIA
FELICIDADE****AUTORA TANIA ZAGURY****LIVRO LIMITES SEM TRAUMA**

pg

14

O poder absoluto dos pais sobre os filhos foi substituído por uma relação mais democrática. E o entendimento cresceu... Todos ficaram **felizes**.

19

Somos **felizes** assim, respeitando e tendo algumas regras básicas na vida.

72

Então, ao premiar, não esqueça de ter sensibilidade de escolher algo que realmente a (à criança) deixe **feliz** e recompensada.

91

Para ser **feliz**, nenhuma criança de 2 ou 3 anos precisa brincar com o aparelho de som, que certamente irá destruir. Brincar, sim, é uma necessidade.

92

Assim, seu filho lhe pediu uma nova calça jeans. Antes de decidir se concorda ou não em dar, pense: seu filho quer (...) ? Ele precisa (...) ? Mas você pode dar (...) ? Ele merece (...) ? Então tendo analisado isso tudo, você decide: Ok, vou dar! E todos ficam **felizes** .

108

Chamar os amigos para jantar com você, pedir comida japonesa do restaurante e ... deixar seu pimpolho dormindo, **feliz**, na caminha dele, pode evitar muitos aborrecimentos, fora o fato de que você vai se sentir melhor, por respeitar a necessidade de sono do filhote, não é mesmo?

120

Todos ficam **felizes**: seu filho, porque vai ter a roupa do jeitinho que queria, e você, que incentivou a independência e permitiu que ele expressasse seu gosto pessoal, sem arrasar as finanças da família e sem conflitos,. Perfeito!

CATEGORIA FELICIDADE

AUTOR ROBERTO SHINYASHIKI

LIVRO PAIS E FILHOS - COMPANHEIROS DE VIAGEM

- pg
- 16 Se, para você, **felicidade** é sinônimo de ter filhos **felizes**, é fundamental que eles se tornem realmente prioridade em sua vida.
- 18 Você deve realizar seus sonhos de ter uma família **feliz**, mas não esqueça o principal.
- 19 Transforme o amor em **felicidade**: O maior desafio que você, pai ou mãe, tem na vida é transformar todo o amor que sente por seus filhos numa experiência de crescimento mútuo.
- 21 **Educar** um filho hoje é muito mais complexo do que há dez anos. Portanto, todos nós temos de refletir sobre maneiras de compartilhar a vida com nossos filhos. Revistas e livros nos ensinam a criar o encantamento de nossos clientes, mas o que realmente cria a nossa **felicidade** é saber encantar os nossos filhos.
- 44 A criança precisa ainda ser estimulada a compartilhar seu afeto e sua alegria. Quando os pais comungam esses sentimentos com os filhos, todos podem amar e se sentir **felizes**.
- 49 Procure observar se dentro de você existe a tendência de querer que seu filho faça algo que não corresponde à vocação dele. Se encontrar essa tendência, a prenda a admirar seu filho do jeito que ele é. Admirando-o, o próximo passo será abençoá-lo no caminho que escolheu, na forma que ele encontrou para viver **feliz**.
- 54 A maior parte das pessoas não é **feliz** porque vive somente a fantasia do que poderia ser e se esquece de amar e curtir o momento real.
- 63 Durante a infância, a criança acha que os pais é que podem lhe dar **felicidade**, mas agora o rapaz ou a moça começa a se dar conta de que a responsabilidade da própria **felicidade** é dele mesmo. Esse conflito (entre pais e filhos) só termina quando o indivíduo percebe que a **felicidade** depende dele mesmo e de sua capacidade de compreender a vida.
- 99 Quero que você seja **feliz**, mesmo enfrentando mil problemas, e esta **felicidade** fará, com certeza, as pessoas em seu redor mais alegres !
- 117 O budismo nos ensina o caminho do meio: como melhorar a forma de atingir a **felicidade**, nunca cair nos extremos, nem excesso de trabalho nem acomodação... O equilíbrio deve ser fundamental.
- 118 Que o crescimento dos pais como marido e mulher seja um convite para que os filhos também procurem um casamento **feliz** e equilibrado.
- 141 A maior fraqueza da mulher em seus relacionamentos tem sido colocar a **felicidade** nas mãos de outra pessoa - nas do marido, dos filhos ou até do chefe.
- 144 (o filho) Terá no pai uma demonstração de que a **felicidade** se obtém na convivência com pessoas queridas, e não aquela clássica imagem de que voltar para casa é um martírio.
- 145 Permita-se curtir a vida com seus filhos, permita-se ser **feliz** tomando um sorvete, indo ao parque com os filhos, jogando bola com eles, comendo um pedaço de melancia com sua esposa. Não precisamos de dinheiro nem de restaurante elegante nem de carro do ano para ser **felizes**.
- 146 Conversas desse tipo (entre pais e filhos) mudam a vida das pessoas. Quando se recebe a carícia essencial, a pessoa relaxa e se sente digna de ser **feliz**.

**CATEGORIA
FELICIDADE****AUTOR RINALDO DE LAMARE**

pg

LIVRO A VIDA DO BEBÊ

- 12 Será uma sorte o bebê ter seus pais **felizes**, transmitindo-lhes alegria, boas condições de saúde e segurança.
- 14 O bebê amamentado com leite materno, o único alimento com defesas contra doenças, torna-se forte, inteligente, emocionalmente **feliz** !
- 43 A indescritível **felicidade** ao olhar, pela primeira vez, o seu bebê.
- 251 Alguns psicólogos admitem como passagem da dependência total para a independência parcial de sua mãe. É uma substituição que também o conforta e o torna **feliz**. (*quanto aos objetos de estimação*)
- 756 Com este último capítulo, terminou a 1a. Infância da criança. Se os pais seguirem as instruções deste livro, os dois primeiros anos poderão ser os mais **felizes** de toda a vida deste bebê.

**CATEGORIA
FELICIDADE****AUTORA MARIA TEREZA MALDONADO**

pg

LIVRO COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS

- 14 Isso pode tornar-se uma característica marcante do relacionamento familiar - "Desde pequenino, esse menino foi difícil; por mais que a gente faça, ele nunca está **feliz**".
- 19 Em muitos casos, a dificuldade de dizer "não" baseia-se numa noção errônea de teorias psicológicas: há pais que acham que não têm o direito de frustrar o filho, pensam que é preciso atendê-lo de imediato para fazê-lo **feliz**.

**CATEGORIA
FELICIDADE****AUTOR PIERRE WEIL**

pg

LIVRO A CRIANÇA, O LAR E A ESCOLA

- 51 Crianças tratadas assim (por pais rígidos e autoritários) tornam-se rapidamente vítimas de complexo de inferioridade em relação a colegas que tem a **felicidade** de possuir pais mais compreensivos.
- 107 Quem organiza programas educacionais deveria levar em consideração o que é essencial na aprendizagem para integração do educando na sua comunidade: (...) de viver **feliz** através da realização de suas tendências e aptidões individuais em atividades profissionais e em hobbies, de tornar os outros **felizes** através de hábitos de sociabilidade e de espírito de cooperação (...).
- 124 Paralelamente ao desenvolvimento técnico, os pais de crianças excepcionais tomaram consciência de sua responsabilidade e reuniram-se numa associação de defesa dos seus interesses; o velho tabu que fazia esconder as crianças excepcionais pelos seus pais está desaparecendo, em benefício da reeducação desta criança e da **felicidade** dos seus pais.
- 152 Da maneira pela qual os pais resolvem tal problema (orientação profissional), depende em grande parte todo o futuro dos filhos e muitas vezes a sua **felicidade** pois a profissão é a meta da vida; quem escolheu bem um ofício ou uma ocupação profissional, tornar-se-á mais **feliz** do que quem errou no caminho profissional.
- 155 O que fazer com as crianças durante as férias? Eis uma pergunta que fazem a maioria dos pais, sobretudo os que não têm a **felicidade** de ter um sítio ou uma fazenda onde os filhos possam se expandir à vontade.
- 181 O nível de aspiração é considerado de máxima importância na orientação profissional e mesmo na psicologia do êxito, no conceito de satisfação e de **felicidade** pessoal.

CATEGORIA FELICIDADE

**AUTOR GABRIEL CHALITA
LIVRO PEDAGOGIA DO AMOR**

- pg
10 Uma criança que, com o passar dos anos - e todas as novas exigências que vêm no seu encaixo - vai se tornando um tanto quanto sonolenta, tímida, reclusa e esquecida dos valores nobres que dão a ela a dignidade e a fidelidade aos seus princípios mais básicos: ser **feliz** e fazer o outro **feliz**.
- 10 Mais do que nunca, é preciso dar um novo sentido a esses pequenos seres iluminados que ocupam almas e corações... (...) Meninos e meninas comprometidos apenas em bater a meta diária da **felicidade**.
- 26 Sherazade é uma multiplicadora de **felicidade** e, sobretudo, de amor. É uma mulher que liberta a si mesma, liberta as jovens de Bagdá, próximas vítimas do sultão, e liberta ainda seu algoz (...).
- 33 A amizade pertence ao rol de sentimentos nobres que regem o afeto entre os homens. Ela determina nossa história de vida, na medida em que nos concede a capacidade de ser mais ou menos **felizes**, de nos sentir muito ou pouco seguros, de nos saber queridos, amados, compreendidos e respeitados em graus máximos ou mínimos.
- 34 Da infância em diante, passamos a uma espécie de educação ininterrupta no quesito relacionamento humano. Nós nos dedicamos a um aprendizado que inclui o entendimento dos olhares cúmplices, a linguagem afetuosa, o desejo constante do bem-estar físico e emocional do outro, os gestos solidários nos momentos de dor e tristeza, a **felicidade** compartilhada nas horas alegres...
- 36 Quem não tem amigos abre espaço para uma existência vazia que, frequentemente, pode levar a estados psicológicos negativos (...). Estados que são consequência de almas que se vêem relegadas ao desespero de uma vida pautada por valores construídos sobre alicerces impróprios para sustentar as edificações da **felicidade**.
- 38 (...) A amizade se alimenta apenas da verdade, da sinceridade, do respeito mútuo. A superficialidade não encontra eco nesse sentimento. (...) Na vida geral, os critérios para a **felicidade** são os mesmos.
- 38 O amigo ama e pronto. O resto é consequência. E consequência boa de quem experimenta outros sentimentos que elevam a relação de amizade: ternura, aconchego, compreensão, solidariedade, enfim **felicidade**.
- 45 O que poderia ser apenas mais um livro (Dom Quixote, de Cervantes) a retratar seu tempo e os costumes de uma época, porém, tornou-se uma obra-prima sobre o amor fraternal de um homem-herói, um homem-poesia consumido pelo desejo de servir ao próximo, de ser valente, de ser capaz de, com a sua força e as suas armas imaginárias derrotar todo o mal que tentasse se opor à **felicidade** humana.
- 45 (...) O Cavaleiro da Triste Figura se revela um louco absolutamente sedutor, que nos arrebatava e escravizava. Quando nos damos conta, já nos tornamos (...) vassallos de seus quereres, bonecos hipnotizados e atraídos pela imensa força magnética originária de sua paixão e de sua obsessão pela **felicidade**.
- 51 Será que hoje somos mais **felizes** do que fomos ontem? Será que todo o avanço tecnológico pode substituir o diálogo, a reunião em família, o contato direto entre as pessoas, as amizades e os amores fundamentados no respeito mútuo, na ética, no cumprimento da palavra empenhada ?
- 55 Em outras palavras: o mundo precisa de idealistas que olhem pela janela, vejam as rosas murchas e, ainda assim, fiquem **felizes**... **Felizes** porque conseguem enxergar as sementes.
- 92 Precisamos do trabalho uns dos outros para que possamos levar uma vida minimamente harmônica, segura e **feliz**.
- 96 O trabalho capacita para a vida, e como tal deve ser encarado como essencial e imprescindível à manutenção dos ideais humanos. Que todos tenhamos a oportunidade

- de atuar naquilo que nos faz **felizes**, de modo que possamos, assim, colaborar para a **felicidade** daqueles que estão em nossa volta.
- 103 Celebrando seu amor por todo o reino, dias depois casaram-se e viveram **felizes** para sempre (passagem final da história de Cinderela).
- 107 Em meio a esse turbilhão de provações cinderela permanece pura de coração. (...) sua humildade exemplar, que serve de escudo para que a protagonista possa suportar as numerosas investidas maléficas da madraste e suas invejosas filhas. (...) Humildade que a leva a conquistar, no final de tudo, a recompensa necessária em forma de **felicidade** eterna.
- 119 O saber é o instrumento que nos garantirá uma vida digna e nos proverá de um bem-estar essencial para a nossa **felicidade**.
- 134 Embora ele estivesse contente, não havia orgulho em seu bondoso coração. Lembou-se de tudo o que sofrera e agradeceu a Deus ter encontrado tamanha **felicidade!** (passagem final da história do Patinho Feio).
- 140 Se analisarmos a história de Andersen de forma mais detida, veremos que o "patinho feio" nos ensina que não há crescimento sem sofrimento. Não há **felicidade** plena sem lutas, sem obstáculos.
- 145 (...) ser solidário é ter o coração comprometido com razões e emoções superiores às mesquinhas cotidianas (...) é a compreensão de que é possível compartilhar sem perdas... A certeza de que o auxílio mútuo é fundamental à concretização de um aprendizado mais do que importante: estamos aqui para dar e receber **felicidade**.
- 151 Quando deu por si e buscou novamente a visão do anjo, ele já havia desaparecido. Mais do que depressa, a menina correu para casa a fim de mostrar o tesouro à avó. Era muita **felicidade**. (passagem final da história Estrela de Jóias).
- 155 Quando doamos, estamos exteriorizando um gesto capaz de mudar para sempre, e para melhor, uma história de vida (...) Foi assim quando a menina de Estrela de Jóias doou tudo o que tinha em troca da sensação de poder fazer o outro **feliz**.
- 159 Pedindo a devida licença ao autor de Don Casmuro, neste Pedagogia do Amor nossa intenção foi justamente expor a crença de que é possível viver de forma mais harmônica e **feliz** desde que saibamos mudar os aspectos negativos e dissonantes não apenas sobrevivendo a eles, mas transformando-os em aprendizados melodicamente positivos.
- 160 Esperamos, de coração, que todas as histórias sobre as quais nos debruçamos, fascinados, neste livro possam servir como partituras repletas de notas que nos possibilitem alcançar um tom, digamos dual. Um tom que nos embale tanto nos momentos **felizes** quanto nos momentos difíceis.

CATEGORIA FELICIDADE

AUTOR AUGUSTO CURRY

LIVRO PAIS BRILHANTES PROFESSORES FASCINANTES

- pg
1 Você deixou seus sonhos para que eu sonhasse. Derramou lágrimas para que eu fosse **feliz**.
- 11 Não imaginavam o quanto a criatividade, a **felicidade**, a ousadia e a segurança do adulto dependiam das matrizes da memória e da energia emocional da criança.
- 15 Conheci e tratei de inúmeros jovens usuários de drogas, mas não encontrei ninguém **feliz**.
- 16 Precisamos ser educadores muito acima da média se quisermos formar seres humanos inteligentes e **felizes**, capazes de sobreviver nessa sociedade estressante.
- 26 Se você passar por uma guerra no trabalho, mas tiver paz quando chegar em casa, será um ser humano **feliz**.
- 27 Liberte a criança **feliz** que está em você.
- 31 O que eu posso fazer para torná-lo mais **feliz**?
- 40 Aliás, muitos idosos, por serem **felizes** e motivados, são mais jovens na sua emoção do que grande parte dos jovens da atualidade
A capacidade de reclamar é o adubo da miséria emocional e a capacidade de agradecer é o combustível da **felicidade**.
- 41 Leve seus filhos a encontrar os grandes motivos para serem **felizes** nas pequenas coisas.
Felicidade não é obra do acaso, felicidade é um treinamento.
As crianças serão **felizes** se aprenderem a contemplar o belo nos momentos de glória e de fracassos, nas flores das primaveras e nas folhas secas do inverno.
Para muitos, a **felicidade** é loucura dos psicólogos, delírio dos filósofos, alucinação dos poetas. Eles não entenderam que os segredos da **felicidade** se escondem nas coisas simples e anônimas, tão distantes e tão próximas deles.
- 48 Ela nunca mais se esqueceu dessa história. Ficou tão **feliz** que a contou para várias amigas. Ser **feliz** é um treinamento e não uma obra do acaso.
- 103 Se o tempo envelhecer o seu corpo mas não envelhecer a sua emoção, você será sempre **feliz**.
- 106 Cuidar do que sentimos no presente é cuidar do futuro emocional, do quanto seremos **felizes**, tranquilos e estáveis.
- 107 É possível adoecer em qualquer época da vida, mesmo tendo uma infância **feliz**.
- 114 **Felizmente**, nada é estático na psique, tudo pode ser superado e reconstruído
- 146 Eu sou de origem européia e oriental. Sabe qual é a cor das duas bonecas das minhas filhas ? Negra. Elas dormem **felizes** com suas bonecas de cor negra, apesar de sermos brancos.
- 149 Só nós mesmos podemos nos impedir de sermos **felizes** e saudáveis.
- 155 Na família dos meus sonhos não há heróis nem gigantes, mas amigos. Amigos que sonham, amam e choram juntos. Nela, os pais dão risadas quando perdem a paciência e os filhos deboçam da própria teimosia. A família dos meus sonhos é uma festa. Um lugar simples, mas onde há gente **feliz**.
- 162 Apenas queremos ter condições para educar a emoção dos nossos alunos, formar jovens livres e **felizes** para que eles não adoçam e sejam tratados por vocês.

CATEGORIA FELICIDADE

AUTOR SPENCER JOHNSON
LIVRO O PAI MINUTO

- pg
- 15 Quero o que todos os pais querem. Quero ver meus filhos **felizes**, crescendo para se tornarem o tipo de pessoas que desejarem ser.
- 15 Não consigo nem que se comportem bem para mim, muito menos que sejam **felizes**.
- 16 mas, depois de pouco tempo, já parecia mais natural. E fiquei muito **feliz** por ter melhorado.
- 27 Pensem nisso como um desafio, em que vocês podem ganhar ou perder: ou tudo ou nada. Se isso pode nos ajudar a usufruir de um lar mais **feliz**, nós todos ganhamos. Caso contrário, perderemos todos - e as coisas continuarão na mesma.
- 32 O Pai sempre amara seus filhos, é claro. Mas quando começara a usar a Repreensão-Minuto, ele e as crianças passaram a ter uma vida familiar mais **feliz**.
- 37 Quando o Pai lançou um significativo olhar à menininha, querendo dizer: "É agora garotinha!", ela sorriu. Em seguida, ainda sorrindo, e com o rostinho cheio de **felicidade** disse alegremente : - Re-pen-são, paizinho? Re-pensão?
- 41 O Pai estava **feliz** por ser o início de um fim de semana. Isso lhe daria tempo para fazer alguma coisa diferente com as crianças.
- 41 Quero que saibam como estou **feliz**. Me sinto muito bem quando vejo que mocinhas generosas eu tenho como filhas.
- 47 O Pai já estava **feliz** por ter decidido flagrar seus filhos fazendo alguma coisa correta de vez em quando, sempre que possível, para, então, poder lhes fazer Elogios-Minuto.
- 49 Todos na família, inclusive o Pai, se sentiam melhor desde que a comunicação aumentara. Eles se tornaram uma família mais **feliz**.
- 51 À medida, porém, que o Pai pensava sobre as pessoas mais **felizes** e mais bem-sucedidas que conhecia, lembrava-se de que uma das coisas que tinham em comum era - objetivos!
- 57 Sentiu que não demoraria muito e os primos começariam a retribuir as mensagens com clareza. Estava **feliz** pela criançada, pois sabia que esse tipo de comunicação leva a um relacionamento melhor.
- 64 O jovem pai foi recebido por um homem de cabeça grisalha que parecia ainda fisicamente em forma e cujo brilho nos olhos dava a impressão de alguém com uma vida **feliz**.
- 64 Sinceramente, fico **feliz** em ver que alguém tão confuso quanto eu era tempos atrás esteja, também, tão ansioso quanto eu estava para aprender a agir melhor.
- 66 Simplesmente deixo que meus filhos saibam pela minha maneira de tratá-los que sou **feliz** por eles serem quem são.
- 74 Será que você não tinha uma vida **feliz** em casa porque esse não era um de seus objetivos?
- 107 Tanto seus filhos aprenderam a gostar de si próprios, como queriam se comportar bem. Não tiveram que enfrentar os problemas de muitas outras famílias. Mas sua família fizera mais do que evitar as dores comuns da frustração e do fracasso. Experimentaram um raro prazer: conheciam o conforto de um lar **feliz**.
- 108 Se você quiser, ficarei feliz em participar da conversa com vocês.
(..) A família do Pai era ativa e **feliz**. Curtiam-se uns aos outros.

**CATEGORIA
FELICIDADE****AUTORA MALVINE ZALCBERG****A RELAÇÃO MÃE FILHA**

pg

140 O nascimento de sua própria filha deixara-lhe lembranças dolorosas e frustrantes; definitivamente não fora o dia mais **feliz** de sua vida, na medida em que quisera reeditar a **felicidade** que ela própria havia proporcionado à mãe.

174 "Eu era **feliz** até minha irmã nascer nessa fotografia tirada logo após o nascimento dela veja como estou com um olhar triste."

ANEXO B

ANEXO B - RELAÇÃO TÍTULOS/AUTORES/EDITORAS/EDIÇÃO/ANO/FORMAÇÃO DO AUTOR

N= autor nacional / E= autor estrangeiro

A categorização aqui é a que consta no catálogo da editora ou na ficha catalográfica

No projeto a coleta está prevista somente para livros publicados entre 2001-2006.

Os livros da Editora Campus estão ordenados do mais para o menos vendido, segundo dados da editora (não consta a edição).

	TÍTULO	AUTOR (ES)	N/E	FORMAÇÃO	EDITORIA	ANO	1a edição EDIÇÃO	CATEGORIA e OBS.
1	Como as crianças pensam e aprendem	David Wood	E		Loyola	2004	1a.	pais e filhos
2	O primeiro beijo	Denis Sonet	E		Loyola	2004	1a.	pais e filhos
3	Aprenda a ler seu filho	Lynn Weiss	E		Loyola	2002	1a.	pais e filhos
4	Filhos do divórcio	J. Wallerstein, J. Lewis, S. Blakeslee Marc Ferro e Philippe Jeammet	E		Loyola	2002	1a.	pais e filhos
5	Que herança terão nossos filhos ?	Dolores Curran	E		Loyola	2003	1a.	psicologia aplicada
6	Cansado de discutir com os filhos	Eugenia Puebla	E		Peirópolis		1a	valores humanos
7	Educar com o coração	Marilu Martinelli	N		Peirópolis		1a	valores humanos
8	Conversando sobre a Educação em valores humanos	Rinaldo De Lamare	N	médico pediatra	Ediouro	2001	41a	best-seller; puericultura
9	A vida do bebê							
10	A vida do bebê no útero	Peter Nathanielsz			Ediouro			auto-ajuda
11	Pai me compra um amigo?	Pedro Bloch	N		Ediouro			
12	S.O.S. Babá	Deborah Carroll e Stella Reid	E		Ediouro			
13	Manual dos pais separados, viúvos ou solteiros para a educação dos filhos	Mathias Gonzalez			Ediouro			educação-pais
14	Não conta pro meus pais	Pilar Guembe e Carlos Goñi			Ediouro			educação-pais
15	Que dizer a seus filhos sobre sexo, drogas, orgasmo, morte etc.	Joyce Garcia			Ediouro			educação-pais
16	Você vai sair assim ? Como entender a relação entre mães e filhas	Deborah Tannen	E	professora de linguística estilista e consultora de modas	Campus	2006	1a	bestseller pelo New York Times (EUA)
17	De menina à mulher (vol 1, 2, 3 e 4)	Drica Pinotti		médico pediatra neonatologista	Campus	2001- 2004		
18	Manual do bebê	Ruy do Amaral Puppo Filho	N	neonatologista	Campus	2002		
19	Nem sempre é o que parece - como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares	A. Moser-Wellman, M A N Nico e M E Ianhez		não obtive dados no site	Campus	2001		
20	A relação mãe e filha	Malvine Zalberg	N	psicóloga	Campus	2002	9a (2003)	mães e filhas; psicanálise

				psicanalista doutora					
21	Como criar meninas felizes e confiantes	Elisabeth Hartley-Brewer	E	não obtive dados no site	Campus	2004			
22	Como criar meninos felizes e confiantes	Elisabeth Hartley-Brewer	E	não obtive dados no site	Campus	2004			
23	Entre pais e filhos	Haim G Ginott	E	psicólogo clínico educador	Campus	2004			bestseller nos EUA vendeu 5 milhões
24	Mães que trabalham: a loucura perfeita	Judith Warner	E	escritora	Campus	2005			
25	O que eu vou ser?	Lia Abbud		não obtive dados no site	Campus	2003			
26	O que vale a pena...	Wendy Lustbader	E	mestra em serviço social psicoterapeuta	Campus	2002			envelhecimento; saúde mental
27	Dizer não - impor limites é importante para você e seu filho	Asha Phillips	E	infantil	Campus	2000			
28	Meninos de verdade - conflitos e desafios na educação de filhos homens	William S Pollack	E	psicólogo clínico Ph. D.	Campus	1999			
29	O que os bebês dizem antes de começar a falar	Kalia Doner e Paul C Holinger	E	(ela)escritora (ele) médico psiq inf	Campus	2004			
30	Filhos éticos e responsáveis - como preparar as crianças para a vida	Robert Coles	E	psiquiatra infantil	Campus	2005			
31	Como educar seus filhos	Ruy do Amaral Puppo Filho	N	médico pediatra neonatologista	Campus	2003			
32	Educação individualizada - motivação e desenvolvimento sob medida p seu filho	Mel Levine	E	médico pediatra engenheiro, consultor desenv org	Campus	2002			
33	O meu primeiro emprego	José Ney Pereira Lanças			Campus	2002			
34	Pais e mães	Aldo Naouri		médico pediatra	Campus	2004			
35	Proteja a saúde de seus filhos	Joel Fuhrman	E	médico estilista e consultora de modas	Campus	2005			
36	Sexo. É hora de conhecer	Drica Pinotti			Campus	2003			
37	O Adolescente por ele mesmo	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	1996	14a(2004)		adolescente;comportamento pais e filhos; educação de crianças
38	Educar sem culpa - a gênese da ética	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	1993	19a(2002)		
39	Encurtando a adolescência - orientação para pais e educadores	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	1999	10a(2000)		adolescência; pais e filhos
40	Escola sem conflito: parceria com os pais	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	2002	1a		escola; participação dos pais pais e filhos; educação de crianças
41	Limites sem trauma	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	2000	72a(2005)		
42	O Professor refém	Tania Zagury	N	filósofa-mestre	Record	2006	1a		educação

43	Os Direitos dos pais	Tania Zagury	N	em educação filósofa-mestre em educação	Record		6a(2004)	educação de crianças; pais e filhos
44	Rampa	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	1997		romance; paradidático pais e filhos;
45	Sem padecer no paraíso - em defesa dos pais ou sobre a tirania dos filhos	Tania Zagury	N	filósofa-mestre em educação	Record	1991	19a(2003)	crianças: formação
46	Olho no olho - orientação sexual para pais e mestres	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Olho D'Água		2a	orientação aos pais-sexologia
47	Sexualidade - a difícil arte do encontro	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Ática			paradidático
48	Pais que educam filhos que educam pais	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Celebris	2003		psicologia-psicanálise
49	Doces venenos - conversas e desconversas sobre drogas	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Olho D'Água		10a	toxicologia
50	Desafios da convivência	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Gente			psicologia
51	Tesouros da juventude	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Olho D'Água			sexologia
52	O Amor tem mil caras	Lidia Aratangy	N	psicóloga	Olho D'Água			sexologia
53	Quem ama educa!	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Gente	2002	160a(2006)	pais e filhos: educação familiar
54	Adolescentes: quem ama, educa!	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Integrare	2005	1a	
55	Ensinar aprendendo: novos paradigmas na educação	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Integrare	?	18a(2006)	
56	Disciplina - Limite na medida certa: novos paradigmas	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Integrare/Gente	?	75a(2006)	
57	Anjos caídos - como prevenir e eliminar as drogas na vida do adolescente	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Integrare			
58	Seja feliz meu filho	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Gente	1995	19a	crianças: criação; pais e filhos amor; felicidade; integração
59	Amor, felicidade e cia	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Gente	1998	7a	social
60	Abaixo a irritação	IçamiTiba	N	médico psiquiatra	Gente	1995	17a	pais e filhos; irritação; relações interp.
61	Pais e Filhos	Roberto Shinyashiki	N	administrador	Gente	1992	57a.	educação de crianças
62	Histórias da vida inteira - como transformar obstáculos em caminhos	Maria Thereza Maldonado	N	psicóloga	Integrare (1a 2006)	1994	5a. (1997)	
63	Cá entre nós - na intimidade das famílias	Maria Thereza Maldonado	N	psicóloga	Integrare	2006	1a.	
64	Comunicação Entre Pais e Filhos	Maria Thereza Maldonado	N	psicóloga	Saraiva	2004	27a.	
65	Pedagogia do Amor - a contribuição das histórias universais p/ formação de valores das novas gerações	Gabriel Chalita	N	Direito e Filosofia (Dr.)	Gente	2003	23a	educação em valores; ética
66	Pais brilhantes, professores fascinantes	Augusto Curry	N	médico psiquiatra	Sextante Academia de	2003	19a	educação de crianças
67	Filhos brilhantes, alunos fascinantes	Augusto Curry	N	médico psiquiatra	Intelig.	2006	1a	inteligência; interação social;
68	Criando filhos seguros e confiantes	Robert Brooks e Sam Goldstein	E	ambos Ph. D	Mbooks			bestseller: Ingl., Itália, Fran. e Austrália

69	Pais, filhos e cia ilimitada	Gladis Brun	E		Record	1999	2a (2004)	família; pais e filhos mãe e filho;pai e filho;condutas de vida
70	Criando meninos	Steve Biddulph	E		Fundamento	2006		
71	Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola	Montserrat Moreno Marimón Busquets	E		Moderna		1a	educação/pedagogia
72	Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal	G. Aurora Leal, M. D. Sastre, Busquets M M M	E		Moderna Record e Gestão Plus		1a	educação/pedagogia
73	A Mãe Minuto	Spencer Johnson	E	médico	Record e Gestão Plus	2004	1996	
74	O Pai Minuto	Spencer Johnson	E	médico	Record e Gestão Plus	G Plus	Record (11a)	educação; gestão
75	Pais Presentes, Pais Ausentes - Regras e Limites	Paula Inez Cunha Gomide	N		Vozes	2005	6a.	educação e pedagogia
76	Conversas	Adriana Oliveira Lima	N		Vozes	2005	1a.	educação e pedagogia
77	A Criança. O Lar e a Escola	Pierre Weil	N	psicólogo (Ph. D)	Vozes	2004	24a	educação e pedagogia
78	Educação sem Fronteiras - Cuidando do Ser.	Ma Luiza Silveira Teles	N		Vozes	2003	1a	educação e pedagogia
79	Crianças Precisam de limites	Jan-Uwe Rogge	E	terapeuta de família (médico?)	Gente	2006	1a	educação e família
80	Filhos Autonomos, Filhos Felizes	Cris Poli	N	educadora	Gente	2006	1a	educação e família
81	Aprendendo a ser pai em dez lições	Valdir Reginato	N	médico	Paulinas	2006	1a	filhos; família
82	O que fazer com as crianças?	Rolando Martiñá Stanley Shapiro e Karen Skinulis	E	psicólogo (doutor psi clínica)	Paulinas	2006	1a	filhos; família
83	Conversa de pai e mãe		E	ambos educadores	Paulinas	2001		filhos; família

RESULTADOS FINAIS DA PESQUISA

LIVROS MAIS VENDIDOS

1o. 160a (2006) Quem ama educa Editado desde 200/2002. Mais de 560 mil exemplares vend.

2o. 72a (2005) Limites sem trauma Mais de 190 mil exemplares vendidos

3o. 57a. (2006) Pais e Filhos

AUTORES MAIS VENDIDOS

IçamiTiba

Tania Zagury Roberto

Shinyashiki

N/E EDITORAS

N GENTE

N RECORD

N GENTE

4o. 41a (2001) A vida do bebê Editado desde 1941. Já vendeu 6.500.000 exemplares.	Rinaldo De Lamare	N	EDIOURO
5o. 27a. (2004) Comunicação entre pais e Filhos	Maria Thereza Maldonado	N	SARAIVA
6o. 24a. (2004) A Criança, O Lar e a Escola Editado desde 1960.	Pierre Weil	N	VOZES
7o. 23a (2003) Pedagogia do Amor	Gabriel Chalita	N	GENTE
8o. 19a. (2006) Pais Brilhantes, Professores Fascinantes	Augusto Cury	N	SEXTANTE GESTÃO
9o. 18a. (1996-2004) O Pai Minuto	Spencer Johnson	E	PLUS
10o. 10a. (2006) A relação mãe e filha	Malvine Zalcborg	N	CAMPUS

ANEXO C

SUPER NANNY

Sucesso na Inglaterra e nos Estados Unidos, o programa Super Nanny ganhará uma versão brasileira feita pelo SBT, ainda sem previsão de estréia. Baseado em diversos reality shows "familiares", que utilizam profissionais para lapidar problemas de relacionamento entre pais e crianças, como "Little Angels" e "SOS Babá" (Discovery), o Super Nanny recebeu inscrições pelo site da emissora de mais de 3 mil famílias interessadas em participar do programa.

O conceito é simples: uma psicopedagoga com experiência em comportamento infantil irá conviver durante uma semana com uma família que enfrenta problemas de relacionamento, como mau comportamento dos filhos ou brigas constantes entre irmãos. Após observar a dinâmica familiar, a Super Nanny cria novas regras e transforma a rotina da família, solucionando ou amenizando os conflitos iniciais.

As famílias participantes serão selecionadas pela psicóloga Lana Harari, coordenadora do Núcleo de Família da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Segundo o SBT, todas as finalistas cotadas para ocupar o cargo de Super Nanny - ainda em processo de seleção - são psicopedagogas. Centenas de profissionais da área da educação infantil estão disputando a vaga, que foi ocupada na Inglaterra e nos Estados Unidos pela inglesa Jo Frost.

O programa será dividido em quatro blocos: o primeiro apresenta a família; o segundo mostra a Super Nanny observando o cotidiano familiar; o terceiro mostra a interferência da profissional para solucionar os problemas de relacionamento entre as crianças, irmãos e pais. No último bloco, a transformação familiar é revelada ao público.

Segundo a emissora, "o principal objetivo do programa é prestar um serviço importante ao telespectador: aprender a lidar com as dificuldades na criação de uma criança, como agir e quais as propostas modernas de educação infantil".

Informações acima retiradas do site "MIDIA ATIVA"

<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/2466>

Segundo o site do SBT:

O programa tem a seguinte proposta: uma família que está tendo dificuldade em criar seu filho (por ele fazer muitas birras, se comportar inadequadamente etc.) pede ajuda à nossa "especialista em educação". A educadora Cris Poli é quem visita essas casas, observa o que acontece com as crianças e dá conselhos e dicas para que a harmonia volte a reinar nesses locais. Inscreva-se já, informando seus dados e os dados dos seus filhos. Você poderá fazer parte de mais um grande programa do SBT.

Argentina radicada no Brasil, Cris Poli tem 60 anos e dedicou 40 deles à Educação Infantil.

Atuou como professora de algumas das mais respeitadas escolas de Buenos Aires até se mudar para São Paulo e aplicar seus conhecimentos em colégios da capital paulista. Formou-se em Educação pelo Instituto Nacional Superior del Profesorado en Lenguas Vivas Juan Ramón Fernández, de Buenos Aires, Argentina. No Brasil, fez Licenciatura em Letras Inglês-Português na USP.

O programa estreou no SBT em Abril de 2006. E vai para terceira temporada em 2008.



ENTREVISTA COM CRIS POLI

A pedagoga Cris Poli, mais conhecida como a SuperNanny, é o sonho dos pais de primeira viagem. Mensalmente mais de 15 mil famílias procuram por sua ajuda. Confira abaixo uma entrevista com a educadora.

Qual o principal problema dos pais quando a procuram?

O problema mais comum é que atualmente os pais não sabem assumir a autoridade. Isso realmente aperta o meu coração. As crianças não têm mais limites.

Mas o que isso significa na prática?

Significa impor limites, estabelecer horários, fazer com que as crianças saibam quem realmente manda em casa. Os pais têm a responsabilidade de educar os filhos.

Como é possível reconquistar a autoridade?

As pessoas confundem autoritarismo com autoridade. Não é preciso ser um déspota em casa. Pelo contrário. Autoridade não tem nada a ver com gritos ou uso da violência.

E as crianças costumam ter medo de você?

Nos três primeiros dias em que estou na casa delas apenas observando, ficam apreensivas. Mas isso passa. Recentemente uma criança me procurou e disse que não tinha mais medo da Supernanny e até me deu um abraço.

Super Nanny – A Revista

http://www.afamiliacresceu.com.br/2006/09/super_nanny_a_revista_1.php

Depois de entrar em nossas casas pela tevê, a babá mais habilidosa do planeta dá título a uma revista. A Super Nanny, da Online Editora e SBT, é evidentemente uma publicação de oportunidade, já que o programa televisivo é um sucesso de audiência. Mas

isto não tira o mérito total da revista que relata alguns casos que foram para tevê e dá várias dicas de como lidar com os pequenos. As reportagens vão desde como ensinar seu filho a não fazer xixi na cama até relacionamento do casal. A revista é vendida nas bancas e custa R\$ 6,99

S.O.S. BABÁ

Informações abaixo retiradas na página “Discovery Home & Health”.

http://www.homeandhealthbrasil.com/hh_site/ontvArticle.jsp?ontv_article_id=15&site=brazil



Foto: Stella, Deb e Yvonne são as babás treinadas por Lillian (a mais velha).

A série é o quarto programa mais visto entre mulheres de 18 a 49 anos no canal “Discovery Home & Health”.

Todos os pais desejam harmonia no lar e esperam que uma Mary Poppins real bata em suas portas, pronta para resolver todos os problemas. Acredite ou não, este conto de fadas tornou-se realidade... quer dizer, sem o guarda-chuva voador e outros truques fantásticos. Um telefonema para a babá Lillian é o suficiente. Uma de suas babás especializadas recebe a tarefa e chega para socorrer a família. Em setembro, o Discovery Home & Health acompanha estas super babás enquanto realizam milagres para transformar crianças malcriadas em anjinhos, em S.O.S BABÁ, que estréia sua nova temporada e será exibida toda a sexta-feira, às 22h (horário de Brasília). Com mais de 25 anos de experiência na educação de crianças, a babá Lillian já viu de tudo – desde problemas com palavrões e pirraças até treinamento para usar o banheiro e disputa de autoridade. Ao longo dos anos, ela treinou três babás excelentes - Stella, Deb e Yvonne - e formou uma equipe imbatível de especialistas, que não teme enfrentar qualquer desafio relacionado a crianças. O que pais ocupados podem fazer quando sua filha se tranca no quarto, tem uma inclinação para usar palavrões, morde e empurra sua irmã, resiste a deixar a fralda ou se nega a guardar seus brinquedos? E o que pode ser feito quando os próprios pais precisam de um pouco de treinamento e disciplina para resolver o caos em suas casas? Felizmente, estas quatro senhoras conhecem o remédio - e não é tão simples como uma colher cheia de mel. Em uma temporada inédita de S.O.S BABÁ, as câmeras viajam de casa em casa e vão além das paredes de residências atribuladas para mostrar as super babás em ação. E não há dúvida de que Lillian, Stella, Deb e Yvonne sabem como tomar o controle para corrigir tanto as crianças quanto os

seus pais. Ao final do período das babás com as famílias, as raízes de seus problemas são reveladas e um plano de ação é criado para ajudá-los a reconquistar um ambiente cheio de amor e obediência.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)